



rascunho

287
Mar. 2024

O JORNAL DE LITERATURA DO BRASIL



ARTISTA: OLIVER QUINTO

**eduardo ferreira**

TRANSLATO

CASTELO EM TRADUÇÃO

O castelo, de Franz Kafka, é uma obra inacabada. Toda tradução também é uma obra inacabada, interminável, sempre sujeita a revisões. Mas o próprio original também pode ser objeto de revisões pelo autor, em sucessivas edições. Textos são sempre fluidos e predispostos a edições.

No caso de **O castelo**, o autor não pôde revisar sua obra. Morreu antes de concluí-la — e, ainda, deixou por escrito expressão determinação de que os manuscritos fossem destruídos. As publicações póstumas acabaram gerando textos com variações significativas entre si, segundo as diferentes estratégias de edição — que podem ou não incluir, por exemplo, passagens riscadas pelo autor.

A tradução de um texto inacabado e publicado em edições que trazem diferenças sensíveis entre si tende a gerar um problema prévio: que original(is) escolher?

Modesto Carone, cuja tradução de **O castelo** foi publicada pela Companhia das Letras, em 2008, nos indica em seu posfácio que usou como base a edição crítica alemã de 1982. Esta edição, considerada a melhor por Carone, é também talvez a mais polêmica, inclusive por ter incorporado passagens riscadas e por ter “decifrado” várias outras. Essa deci-

fração, a propósito, não deixaria de ser um outro tipo de tradução incorporada ao próprio original.

Modesto Carone nos indica, sobre a tradução, que procurou, “na medida do possível [...] seguir o original de perto, à procura de equivalências”. Assinala que essa busca envolveu tanto “a frase direta, que põe a narrativa em andamento” como “o discurso de persuasão dos personagens, principalmente dos burocratas do poder”.

Os diálogos entre as personagens, como sugere o tradutor, têm grande importância e destaque no texto, ao ditar o tom protocolar e burocrático que impregna o romance e que ajuda a adensar a bruma de totalitarismo que, como no caso de **O processo**, envolve a obra. A estratégia de Carone, portanto, é fundamental para preservar o ambiente carregado que projeta o original.

De fato, o tradutor, em seu posfácio, confere particular relevo à forma como procurou trasladar os diálogos, os quais, conforme Carone, configuram “arabesco complicado [...] ocupando com frequência mais de uma página”. Para ajudar o leitor a vencer os meandros de um texto complexo — estratégia potencialmente controversa —, o tradutor adaptou a pontuação, a fim de melhor demarcar as pausas e a alternância de interlocutores.

Outro ponto ressaltado por Carone no posfácio foi a manutenção, no texto traduzido, do ponto de vista adotado pelo autor, que é o do protagonista K., embora “a narrativa siga a terceira pessoa”. Como consequência desse critério do autor, replicado pelo tradutor, o texto publicado no Brasil apresentaria, conforme Carone, elemento de estranhamento provocado pelo fato de “a frase em português [se deixar] invadir de quando em quando pelo original”. Ressalva o tradutor, contudo, que não haveria adulteração de sentido “do que é dito ou contado — seja a proliferação dos obstáculos, as conversas ou monólogos intermináveis, ou o humor capcioso que rege as supostas possibilidades de sucesso de K. no seu rol de fracassos”.

A propósito, a inescapável questão da tradução — tradução interna, neste caso — também se insinua em diálogo sobre as cartas que chegam das autoridades do Castelo, no qual os personagens debatem como interpretá-las: “...julgar corretamente as cartas, é impossível; elas mudam continuamente de valor, as reflexões a que dão ensejo são infundáveis e o ponto em que se deve parar é apenas definido pelo acaso...”. Como interpretar as cartas, como traduzi-las para o destinatário, qual o papel do mensageiro nessa tradução? São questões básicas que qualquer tradutor suscitaria em seu ofício. **📌**

**rascunho**
O JORNAL DE LITERATURA DO BRASIL

desde 8 de abril de 2000

Rascunho é uma publicação mensal da Editora Letras & Livros Ltda.
CNPJ: 03.797.664/0001-11
Caixa Postal 18821
80430-970 | Curitiba - PR

✉ rascunho@rascunho.com.br
🌐 www.rascunho.com.br
🐦 twitter.com/@jornalrascunho
📘 facebook.com/jornal.rascunho
📷 instagram.com/jornalrascunho
📞 [whatsapp \(41\) 99109.4352](https://whatsapp.com/99109.4352)

EDITOR

Rogério Pereira

EDITOR-ASSISTENTE

Luiz Rebinski

EDITOR DE FICÇÃO

Samarone Dias

DIRETOR DE ARTE

Alexandre De Mari

DESIGN

Thapcom.com

IMPRESSÃO

Press Alternativa

COLONISTAS

Alcir Pécora
Eduardo Ferreira
Fabiane Secches
José Castello
José Castilho

Luiz Antonio de Assis Brasil

Maira Lacerda

Nilma Lacerda

Olyveira Daemon

Ozias Filho

Raimundo Carrero

Rinaldo de Fernandes

Rogério Pereira

Tércia Montenegro

Wilberth Salgueiro

COLABORADORES DESTA EDIÇÃO

André Caramuru Aubert

Bruno Inácio

Claudio Magris

Gisele Barão

Joana Bértholo

Luna Vitrolira

Maria Célia Martirani

Mariana Ianelli

Paul Muldoon

Ramon Ramos

Sabina Anzuategui

Sérgio Tavares

ILUSTRADORES

Carina S. Santos

Carne Levere

Carolina Vigna

Denise Gonçalves

Eduardo Mussi

Fabio Abreu

Marcelo Frazão

Oliver Quinto

Ramon Muniz

Tereza Yamashita

**rinaldo de fernandes**

RODAPÉ

DIVERSÃO E REALISMO EM LYGIA BOJUNGA (2)

Prossequindo na abordagem do livro infantojuvenil **Angélica**, de Lygia Bojunga. *A cegonha* — Diálogo entre Angélica (que é uma cegonha) e Porto (o porco que trocou de nome). Angélica fala do seu país, que fica “Lá. Depois daquele mar”, e defende que “nenhum país é melhor que o outro: um é mais legal numa coisa,

outro, noutra”. Angélica dá ainda informações sobre sua família: diz que seus oito irmãos se chamam “Lua, Luva, Luís, Lux, Ludo, Lume, Lucas e Lutero”. Questionada por Porto a razão de se chamar *Angélica* (portanto, não ter um nome se iniciando com L), ela responde: “Mamãe disse que assim que eu nasci eles viram logo que eu ia ser diferente”. Angélica informa ainda

que não sabe viver na “mentira”, “no fingimento” (o que terá a ver com a narrativa, mentirosa segundo Angélica, de que gente nasce por intervenção e/ou ação da cegonha). Angélica mostra para Porto o botão que tem no alto da cabeça, o qual serve para “abotoar as ideias” (significando que o indivíduo precisa ter ideias bem conectadas, bem articuladas, para facilitar a solução de problemas). **📌**

DIVULGAÇÃO



6

Entrevista:
Joana Bértholo

Rogério Pereira

JOÃO DEBS



10

A biblioteca no fim do túnel, de Rodrigo Casarin

Bruno Inácio



15

Pra eles não deu, de Viviane Mosé

Wilberth Salgueiro

11

Forte como a morte, Otto Leopoldo Winck

Sérgio Tavares

23

Um coração simples, de Flaubert

Luiz Antonio de Assis Brasil

DIVULGAÇÃO



17

Inquérito

Fernando Paixão



20

Lúcio Cardoso: o peregrino do absoluto

Mariana Ianelli

27

Um livro dos dias, de Patti Smith

Gisele Barão



35

Memória tem águas espessas

Luna Vitrolira

24

A ficção póstuma de Joel Rufino dos Santos

Sabina Anzuategui

DIVULGAÇÃO

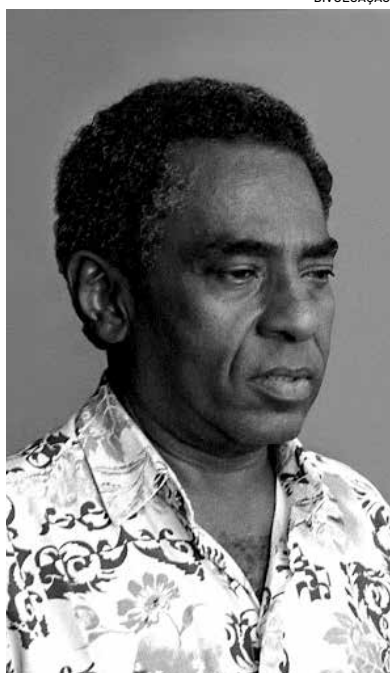


ILUSTRAÇÃO: MARCELO FRAZÃO



32

Tempo curvo em Krens

Claudio Magris



ARTE DA CAPA:
OLIVER QUINTO

Design que se adapta às suas necessidades

- design editorial
- design digital
- design de marca



thapcom

design + ideias

www.thapcom.com

**José Castello**

A LITERATURA NA POLTRONA

O MUNDO É UMA ESTAMPA

Ilustração: **Eduardo Mussi**

O porteiro vem me entregar a conta de luz, o boleto do condomínio e uma carta. Em letras à mão, meu nome e endereço tomam quase todo o espaço frontal do envelope. Hoje em dia, ninguém mais escreve cartas, ainda mais à mão. Busco o remetente, que se assina R. S. — agora em letras de forma. Seu endereço está redigido no verso: Beco do Américo, número 117, fundos, Rio.

Abro o envelope e encontro um cartão em branco, completamente branco. Nada está escrito. Verso e avesso reluzem em minha mão com um branco amarelado, que lembra a borra do café. Fuço mais um pouco o envelope e nada encontro. Só posso entender que aquele silêncio em branco tem a intenção de me intrigar. De me desafiar.

Sou muito curioso — meu leitor já sabe disso. Na juventude, dois mestres atiraram em mim a bisbilhotice e o interesse pelo mistério. O primeiro, João Rath, foi meu editor-chefe no *Diário de Notícias*. Levava-me para longos passeios a pé pelo centro do Rio e nunca dizia aonde pretendia chegar. “Vamos andando, um dia chegaremos”, me assegurava. Nunca chegamos a lugar algum, só andávamos, e andávamos, e aquela ronda embaraçosa, sem sentido, era a verdadeira descoberta.

Meu segundo mestre, o escritor João Antônio, sempre me alertava que eu não devia acreditar na realidade. “A realidade é

uma estampa”, repetia. “Existem coisas assombrosas atrás dela. Mas quase nunca conseguimos perfurá-la”. João repetia e repetia a frase infernal, de modo que, aos poucos, me convenci de que o mais importante raramente se vê. E, no entanto, nunca devemos deixar de procurar o que não se vê.

João Rath injetou em meu espírito o vício da procura. João Antônio, o vício da desconfiança. Os dois me ressurgem no momento em que abro a carta de R. S. Preciso decifrar o grande silêncio branco que tenho nas mãos. Só me resta um caminho: pegar um ônibus, chegar ao número 117 do Beco do Américo e ir até os fundos. Em memória aos meus dois mestres, é o que faço.

Salto do ônibus na rua Uranos e levo bem uma meia-hora até encontrar o beco. No número 117, está uma velha casa de esquina, com a fachada coberta de lajotas e um jardim descuidado. Portas e janelas estão fechadas. Com trancas e ferrolhos, percebo. Preciso de um tempo para chegar ao estreito portão lateral. Não há campainha. Bato palmas e ninguém aparece. É tudo triste e desprezível, a começar por mim, que busco um tesouro e encontro o vazio.

Forço o portão, está aberto. Sou cronista — preciso sempre me lembrar disso, desse destino, dessa sina. Não devo ter medo de forçar a realidade, de remexer em seu fundo e até de alterá-la. De perfurá-la, ainda que esse seja um trabalho doloroso, como me dizia João Antônio. Devo, antes de tudo, avançar e avançar, como João Rath fazia, sem desejar encontrar coisa alguma. Devo, devo — tenho tantas dívidas com meus dois grandes mestres. É hora de começar a pagá-las. E começo a fazer isso em Olaria.

Avanço e chego a um corredor ainda mais estreito que o portão, as paredes cheias de goteiras, um cheiro forte de esgoto. Avanço — como Rath me ensinou. Duvido, como pregava João. Parece que o corredor leva a um pátio dos fundos, e nos fundos desse pátio dos fundos há uma segunda casa, cheia de portas. Muitas portas e nenhuma janela. Como as portas dos reservados de um sanitário. Não consigo imaginar o que possam ser.

Também não há ninguém no pátio. Há um gato em cima do muro, e mais nada. Uma das portas

se abre e surge uma mulher. Pergunta o que quero. “Gostaria de falar com R. S.” — digo. Ela se espanta, e depois diz: “Será que o senhor se refere ao Rodovaldo?”. Não sabe qual é o sobrenome de Rodovaldo, mas pode ser Silva, ou Santos, o que explicaria o S. Talvez seja ele mesmo.

“O que o senhor quer com ele?” Explico que é o contrário, não sou eu quem quero alguma coisa com ele; ele, sim, quer algo comigo, pois me escreveu uma carta. “E o que diz a carta?” Encabulado, como se fosse eu o autor, digo que nada, que a carta está em branco. Pergunta por que fui até Olaria para debochar dela. “Esse Rodovaldo, como o encontro?” — insisto. Faz uma expressão de dor e, em voz baixa, revela: “Ele faleceu. Há três semanas. Morava aqui nos fundos”.

Sinto-me desarmado. Por quê, antes de morrer, o falecido me enviou a carta? “Ele não sabia que ia morrer, foi um infarto.” Lamento muito, mas, seguindo os passos de João Rath, devo continuar a procurar. Pergunto de que ele vivia. Trabalhava com a reforma de cadeiras de treliça. “Ganhava pouco, hoje ninguém mais reforma móveis rústicos.” Ora, diabos. O que um reformador de cadeiras, morador de Olaria, poderia querer comigo?

Pergunto por que tantas portas, o que elas escondem, para que servem. A mulher explica que são armários, funcionam como depósitos. “Posso abrir uma delas?” — pergunto, nem sei por

quê. “Melhor não. Está tudo uma bagunça e existem ratos.” Pergunto ainda onde Rodovaldo dormia. “Em qualquer uma dessas portas, no armário que estiver mais limpo.” Volta-me a frase de João Antônio: “A realidade é uma estampa”. Aquelas portas são estampas. O próprio Rodovaldo, o falecido, talvez fosse uma estampa.

Agradeço e me despeço. “Só isso?” — a mulher pergunta, decepcionada. O que mais eu poderia querer? “Acho que já encontrei o que procurava”, minto, e lhe dou as costas. Caminho pelo corredor estreito de volta à entrada. O Beco do Américo também é estreito, e é esburacado. Preciso descobrir onde fica o ponto de ônibus. “O senhor segue em frente e vira à direita, é logo depois do bar do Rodovaldo.” Mas Rodovaldo, o falecido, que vivia de consertar cadeiras de treliça, tinha um bar?

Caminho, vejo o bar, entro. Sento-me perto do caixa, um velho de bigodes e boné surrado. Um rapaz se aproxima do balcão, pede um café e comenta: “Triste a morte do Rodovaldo”. O velho: “Vai ver que já sentia dores no peito, mas, como era mudo, nunca reclamava”. Começo a entender o silêncio branco do Rodovaldo. Um silêncio triste e amordaçado. Um silêncio inviolável como uma das estampas de João Antônio. Como em minhas caminhadas com João Rath, não cheguei a lugar nenhum. Ainda assim, é uma experiência de que nunca me esquecerei. **■**

entrevista 

JOANA BÉRTHOLO

No centro do humano

A portuguesa **Joana Bértholo** mostra-se atenta e crítica às contradições do ser humano e uma defensora ferrenha da potência social da literatura

ROGÉRIO PEREIRA | CURITIBA - PR

A portuguesa Joana Bértholo é uma escritora preocupada com o mundo. Ler seus livros — por ora, temos no Brasil o romance de fôlego **Ecologia** e a breve narrativa **Natureza urbana** — é ligar uma luz de alerta para vários temas que rondam o humano e o planeta que habitamos em meio a guerras, fome, desigualdades múltiplas, destruição da natureza e uma busca permanente, mesmo entre escombros, pela felicidade.

“Que força autodestrutiva é esta que pilha e destrói os recursos que nos mantêm vivos, numa projecto megalómano que raia o suicídio: quem o perpetua? São os outros? Os desumanos?”, provoca Bértholo, ao afirmar que o ser humano está no centro de tudo, negando sua suposta “desumanização”.

Com um olhar dilatado para questões que transcendem a literatura, Bértholo é uma autora múltipla e dedica-se a todos os gêneros — do ensaio ao conto, passando pela dramaturgia e pelos roteiros cinematográficos —, com exceção da poesia. “Só não toco na poesia, não me atrevo, tudo o resto apetece-me muito explorar”, diz. A partir da vontade de explorar gêneros, ela constrói uma obra marcada pela inventividade e pelas provocações. É impossível ficar indiferente à literatura de Joana Bértholo, seja pela construção das narrativas (em especial **Ecologia**), seja pela multiplicidade de ideias e temas que a autora apresenta/discute.

No segundo semestre a Dublinense lança **A história de Roma** (leia trecho nas páginas 30 e 31), romance finalista do prêmio Oceanos 2023. Nesta entrevista, Bértholo aborda, em especial, a importância da literatura na vida cotidiana e as questões práticas e existenciais que nos enredam a todos.

** Nas respostas, enviadas por e-mail, decidiu-se manter a grafia vigente em Portugal.*

• **Em *Ecologia* as palavras têm, literalmente, um valor monetário, num futuro distópico e guiado por um capitalismo selvagem (nada diferente do atual). Qual é o valor da palavra “literatura” neste nosso mundo hiperconectado, altamente ansioso e afeito a uma permanente ideia de felicidade nas redes sociais?**

Excelente questão. Agora fiquei com pena de não me ter ocorrido pôr no romance a comercialização da própria palavra *literatura*. Imagino que naquela sociedade que o livro retrata, o labor literário (como outras formas de produção de conhecimento) também terá sido absorvido pelas lógicas de mercado, o/a escritor/a foi feito produto de prestígio e o seu livro uma mercadoria tanto mais válida quanto mais bem sucedida comercialmente. “Literatura”, ali, seria um termo-pátina com que se pinta um livro para apelar a um certo nicho de mercado e torná-lo mais vendável. O mais interessante é que cada um pondere se na nossa sociedade é ou não é assim tão diferente, e de que formas o labor literário resiste e subsiste à tendência homogeneizadora do mercado. Por outro lado, eu não acho que as redes sociais sejam naturais inimigas da literatura. Temos sem dúvida um problema de foco e de gestão da atenção e do tempo; há esse conflito a acontecer nos nossos corpos, entre a sobrestimulação do ecrã, que a cada segundo nos apresenta algo novo e excitante, e o tempo da literatura, que é uma experiência bem diversa. Eu não acho que tenhamos de escolher, nem que eles se anulem, mas cada pessoa tem de fazer um trabalho (por vezes custoso) de perceber os limites do seu corpo e do seu intelecto, e quando é que os modos acelerados e excitados de relação com os conteúdos dos ecrãs começam a minar a capacidade de estar em silêncio, de olhar o tecto



branco, de sonhar acordado, de ler um livro de forma dedicada e absorta. A coexistência de livros e ecrãs pode passar por pormos limites ao tempo digital, apagarmos certas aplicações do telemóvel, etc. — mas também não me parece que ganhamos muito em diabolizar esses lugares e as experiências que nos oferecem.

• **A literatura, seus silêncios e sua lentidão seriam uma espécie de antídoto contra a voraz velocidade que nos cerca por todos os lados?**

Era bom que fosse assim tão simples. Eu leio diariamente, e escrevo diariamente, e nem por isso me sinto menos refém da voracidade da nossa era. Mas sim, é certo que ler e escrever, bem como outras práticas de atenção plena, de entrega, fortalecem formas de estar e de pensar mais amplas e equilibradas, um tempo cheio de tempo dentro. Não há antídoto. Temos de parar de achar que somos nós que devemos aprender a funcionar, quando é o sistema que é profundamente disfuncional. Temos de confrontar a voracidade e a velocidade, e não apenas criar refúgios ou bolsas de sanidade.

• **Em *Ecologia*, lemos “Não dizer nada não é o mesmo que não ter nada para dizer”. Isso seria um bom conselho nesta algaravia que pulsa ao redor, em especial nas redes sociais, onde todos “falam” o tempo todo sobre tudo?**

Sim, guardar silêncio pode nos deixar mais criteriosos com aquilo que dizemos, mas sobretudo dá-nos a possibilidade de escutar, de olhar, de reparar. O silêncio em si não é sinal de elevação, ele pode esconder uma cobardia imensa, e todas as formas de cumplicidade com o terrível do nosso mundo. Às vezes é preciso erguer a voz: injustiças que têm de ser denunciadas, vozes de revolta que não podem ser silenciadas. É difícil distinguir entre silêncios. O **Ecologia** diz isso muitas vezes: há tantos silêncios! O primeiro silêncio é aquele que estuda os outros silêncios, que faz distinção. Escutar, olhar, reparar.

• **Em *Natureza urbana*, a personagem empreende uma viagem pelo mundo dos livros (mesmo que por motivos banais) e começa a notar que sua vida pode melhorar em vários aspectos a partir da leitura.**

ra. Você acredita nesta força da literatura para a vida prática?

Sim, acredito. Até acho necessário que a experiência da leitura reverbere na vida do/a leitor/a, doutra forma estamos perante uma forma de escapismo e alienação não diferentes de outras que conhecemos, como a televisão e os conteúdos dos restantes ecrãs. Temos de deixar que os livros nos incomodem, nos levem, trabalhem em nós. Temos de ler-nos neles, naquilo que são as nossas afinidades, o que nos encanta, o que nos repulsa. Às vezes, não gostar de um livro pode ser muito útil: é importante averiguar porquê. Assim como é útil aprofundar por que é que de tantos livros que lemos, aquele, lá longe, que até nem desfrutamos assim tanto, foi o que mais ficou conosco. Isso é muito interessante, e muito útil.

• **Você acredita que o mundo passa por um processo de desumanização, levando em conta que, muitas vezes, somos reféns das tecnologias, das redes, das conexões virtuais?**

Tenho a noção de que a palavra “desumanização” adquiriu um uso comum que diz respeito à perda de valores morais e éticos, mas apesar disso prefiro pensar que tudo o que nos diz respeito, homens e mulheres deste mundo, é humano: a crueldade, a barbárie, aquele genocídio que está a acontecer em tempo real na nossa tela e que se assemelha em tudo ao outro, o mesmo que jurámos nunca repetir, tudo isso é humano. Não

DIVULGAÇÃO



Ler muitos livros não nos torna automaticamente uma dessas pessoas excepcionais, mas a maior parte dessas pessoas excepcionais leem muito. São curiosas, são atentas, querem aprender, gostam de ser desafiadas.”

• **A narradora de *Ecologia* diz que as palavras têm um “potencial mágico”. Quais magias você pretende com as suas palavras cravadas nas páginas dos livros?**

Aprecio mesmo o potencial mágico da linguagem, e tenho pena que não desfrutemos mais do encantamento quotidiano que ela nos oferece. Talvez pretendesse acordar o leitor para isso, apesar de não sentir que escrevo dessa forma, para provocar efeitos em quem lê. Eu própria vivo encantada, e se quem ler quiser vir se encantar comigo, isso seria excelente. As palavras conseguem ser mágicas de formas muito corriqueiras e inesperadas. Quando digo “magia” não evoco forças sobrenaturais nem místicas; falo apenas de afirmar que uma coisa é assim, e ela tornar-se assim. A forma como elas criam e destroem mundos, como curam e transformam. Isso é magia, é plasticidade, é subjectividade, é o quê? É a palavra que o leitor entender. Eu gosto de “magia”.

• **Em um dos diálogos de *Ecologia*, temos “Li que depois de dez mil horas a praticar qualquer coisa, podemos fazê-la bem. Mas escrever bem e literatura são coisas distintas”. O que determina fazer “boa literatura”?**

Escrever bem, correctamente, segundo as leis consensuais de um idioma, de forma escoreita e agradável, está ao alcance de qualquer um/a, diria eu, basta praticar. Essa condição, a da boa escrita, permite e promove o trabalho literário, mas não o substitui. A literatura, para mim, está além disso. Pressupõe um universo próprio, singular, uma forma de olhar o mundo e de o devolver representado por palavras, para que o leitor se veja confrontado com o mundo que acha que conhece, estranhando-o. Não faria a distinção entre boa a má literatura, isso para mim são fenómenos do gosto, da época, do tempo, são efémeros e circunstâncias. Há uma proposta literária ou não há, há uma porta para um outro mundo ou não há, há uma capacidade de criar mundos ou não há, somos transportados ou não somos, saímos profundamente transformados de um texto ou saímos ilesos. Um texto bem escrito é um lindo exercício de manualidade, de virtuosismo, e pode perfeitamente ser celebrado e apreciado enquanto tal — Ah, que trabalho de linguagem! Que domínio das regras! Que bem escrito! — mas isso não substitui, para mim, os imperativos do que é a literatura.

• **Num mundo rodeado por *coaches* e fórmulas de sucesso, é muito comum encontrar pessoas (algumas em posição de liderança) que se ufanam de não ler livros (em geral, de literatura). Como você avalia este pensamento pragmático, espécie de ode à ignorância?**

De imediato me vem à cabeça o Werner Herzog a dizer a um estudante de cinema que se quer ser um bom cineasta tem de ler muito. E mesmo se não quisermos remeter a um intelectual alemão, temos bastantes figuras mediáticas que se identificam como ávidos leitores: de Bill Gates a Barack Obama, a atriz Emma Watson, a activista da Paz Malala, o estilista Karl Lagerfeld, Anne Hidalgo, actual prefeita de Paris. Temos tanta gente que faz a diferença nas suas áreas e que partilha publicamente a importância que a leitura teve para a sua formação intelectual e como indivíduos, não sei se faz muito sentido focarmo-nos em pessoas que fazem elogios à ignorância. Eu confesso que não tenho conhecimento de ninguém que esteja a adicionar mundos ao mundo, a marcar a diferença, e que tenha admitido e recomendado não ler livros, nunca vi tal coisa. Deve existir, mas não estou a par. A minha atenção deve descartar essa informação, de tão insensato que me parece. Ler muitos livros não nos torna automaticamente uma dessas pessoas excepcionais, mas a maior parte dessas pessoas excepcionais leem

muito. São curiosas, são atentas, querem aprender, gostam de ser desafiadas. Ler não é a única forma de nos enriquecermos, mas é uma excelente forma de enriquecermos, e as mentes mais hábeis e os espíritos mais sedentos facilmente percebem isso.

• **Sua formação é em artes visuais e artes plásticas. Como aconteceu o seu ingresso na literatura, ao estreiar com o romance *Diálogos para o fim do mundo*, em 2010, aos 28 anos?**

É verdade, a minha formação é toda feita nas artes visuais, mas o meu percurso literário começa um pouco antes disso. Esse livro foi publicado pela Editorial Caminho em 2010, mas já tinha ganhado o Prémio Maria Amália Vaz de Carvalho em 2009, submetido um ano antes, terminado no ano antes a esse e escrito muito antes. Foi um texto a que me lancei depois de terminar a licenciatura, em 2006, com 24 ou 25 anos, pela curiosidade quase cãndida de responder a isto: o que seria um romance escrito por mim? Não estava de facto no horizonte do possível tornar-me escritora, mas era leitora, ler era muito importante para mim, e tinha um fascínio pelo romance, quanto mais diferentes e heterodoxos, mais me encantavam. Então tirei um tempo em Berlim para escrever, numa fase em que a cidade oferecia rendas baixíssimas e salários altos, combinação milagrosa que em poucos anos se extinguiu. Permitiu-me alguns meses em que mergulhei no primeiro processo de escrita mais longo, às turras com uma confusão de ideias sobre literatura e a querer pôr num único romance todos os romances que eu suspeitava trazer dentro, um magnífico erro de principiante. Tenho muito carinho por esse livro mas ele também me dá muita vergonha, enfim. E não posso ignorar que foi ele que abriu a porta para tudo o resto, pois sem o Prémio e o consequente convite da Editorial Caminho, nunca me teria posto a sonhar com ser escritora. Era inimaginável.

• **Em *A história de Roma* (a ser lançado neste ano no Brasil), a personagem chama-se Joana. Seria um indício de que a autoficção percorre as páginas do romance? Ou é apenas uma provocação aos leitores?**

Autoficção creio que não é, mas deixo esses rótulos para quem lê e quem analisa. Também não é autobiografia. Para mim é ficção. Mesmo se faz uso da memória de lugares onde estive, da descrição de pessoas que conheci, ou da reprodução de histórias que me contaram, isso não muda o seu carácter ficcional, a meu ver. Por outro lado, há muitos leitores que me dizem que não querem saber o que eu tenha para dizer sobre isso, pois precisam de ler o texto como testemunho de algo que aconteceu mesmo. Eu respeito, e acho curioso que necessitemos de ir ao romance buscar esse valor da verdade, sobretudo no tempo



Ecologia

JOANA BÉRTHOLO
Dublinense
512 págs.



Natureza urbana

JOANA BÉRTHOLO
Dublinense
64 págs.

das *fake news* e da crise dos meios de imprensa tradicionais. Mas eu pedi ao meu editor que escrevêssemos “romance” na capa, e nesse momento posicionei-me sem ambiguidade. Também não diria que se trata de uma provocação. É mais um jogo: eu proponho um jogo com as expectativas do leitor, com o actual momento literário em que vinga uma certa narrativa do eu. É também uma proposta para pensarmos no lugar da imaginação nas nossas vidas, todos os meus livros o são. A própria Joana, a do livro, confabula o tempo todo. Se nem ela sabe o que aconteceu mesmo, e é a narradora, o que dizer de nós, meros leitores?

• **Qual a sua opinião sobre a autoficção, cuja força é expressiva em autores como Annie Ernaux e Édouard Louis, para citar apenas dois exemplos muito em voga no Brasil? Você acredita que os leitores, em geral, buscam a verdade na ficção, uma verdade condizente com a realidade que os cerca?**

Enquanto leitora, eu sou entusiasmada por esta vaga de literatura do Eu, em primeira pessoa, que tomou conta dos escaparates um pouco por todo o mundo. Transformar vivências reais em literatura sempre fez parte, de forma mais ou menos assumida, do labor de escritores e escritoras, mas agora parece haver um interesse maior nisso (ou será tudo só mais um fenómeno de mercado? Não sei.) De Rachel Cusk a Karl Ove Knausgård, passando pelos

é des-humano, é integral e dolorosamente humano. Tudo isso existe em cada um de nós, nem que seja em potência. Acho esse ponto de partida mais fértil do que nos convencermos de que há indivíduos que perderam as suas características humanas e, portanto, são radicalmente diferentes de nós. Não são. Acho mais incómodo e mais importante que não seja. Sermos forçados a perguntar-nos o que teria de nos acontecer nesta vida para nos tornarmos aquele outro que já não identificamos como um de nós, humano? Acho perigoso esse desidentificar daquilo que em nós é sombrio, vil, primário, fragmentado, cruel, impostor, imoral. E atribuímos essas características ao outro, que passamos a desprezar ou odiar, só perpetua a clivagem. Portanto não, a meu ver o mundo não passa por um processo de desumanização, mas há sim um desligamento psíquico evidente entre os aspectos benéficos e os destrutivos da nossa psique colectiva, e estes últimos parece até que governam algumas áreas da nossa vida enquanto sociedades. Peguemos no fenómeno da crise climática, que está pejado de decisões imorais, nomeadamente um total desrespeito pelos direitos das gerações vindouras (dos nossos filhos, dos nossos netos). Estaremos todos desumanizados? Que força autodestrutiva é esta que pilha e destrói os recursos que nos mantêm vivos, numa projecto megalómano que raia o suicídio: quem o perpetua? São os outros? Os desumanos?



citados na pergunta, e tantos outros, e tantas outras, há uma série de autores de belíssimos livros que eu leio com deleite mas — não sei bem explicar porquê — não é nada daquilo o que me interessa escrever. Não quero escrever aquele tipo de livros. E quando trabalho sobre a minha própria experiência, o que me parece inevitável, quero conseguir retirá-la de mim, dar-lhe outra forma, por vezes irreconhecível. Tenho noção de ir em contramão. Mesmo entre os meus livros, todos menos um estão bem situados num lugar diferente. Ou seja, basta dizer que o meu livro mais bem sucedido é, justamente, aquele em que uma personagem chamada Joana fala da sua experiência na primeira pessoa, e mesmo que tenha escrito “romance” na capa, e eu sempre o enquadrar como uma ficção, sei bem que há muitos leitores e leitoras que se relacionam com ele de forma mais intensa por acreditarem que aquela é a minha história de vida, que aquilo me aconteceu mesmo, assim, tal qual o descrevo. Isso é muito curioso. Há que reflectir sobre o porquê disso agora, e de forma tão forte na nossa época. Mesmo que não se trate de mais que uma moda que em breve será substituída por outra, eu sinto que dialoga com este tempo em que os veículos mais tradicionais da verdade estão minados de *fake news* e de parangonas manipulatórias que tudo o que querem é o nosso clique; e também, por outro lado, o surgimento no nosso quotidiano de debates sobre as inteligências artificiais e o imaginário que isso activa, do Outro ciborgue, do eu-máquina. Acho interessante que seja neste momento que precisamos que os romances nos contem histórias verdadeiras, que nos falem de indivíduos como nós mas de forma profunda, daquilo que nos torna humanos. Não sei se estará ligado ou não, são hipóteses. A minha opinião é que este momento literário está muito bem, mas que a mim me cumpre continuar a minha investigação sobre o lugar da imaginação nas nossas vidas, sobretudo como ferramenta de ligação ao real e ao verdadeiro.

• **É lugar-comum afirmar que a literatura entrega perguntas, não respostas. Quais perguntas/inquietações você busca entregar a seus leitores?**

Essencial e transversal a tudo o que escrevo: por que é que tem de ser assim e não é de outra maneira?

• **Você transita entre o romance, o teatro, a literatura infantil. Quais são as suas principais preocupações ao iniciar um projeto ficcional, independentemente do gênero?**

Sim, transito. Acrescentaria o conto, a novela, o ensaio, até tenho um livro de não-ficção. Já escrevi guiões, a que vocês chamam *roteiros*; e argumentos de banda-desenhada, a que vocês chamam *quadrinhos*. Só não toco na poesia, não me atrevo, tudo o resto

apetece-me muito explorar. Todos os géneros têm os seus espartilhos, tiques, muletas, potenciais, e isso interessa-me. Para qualquer um é preciso ter perguntas fortes a carburar em mim, estar inquieta, incomodada, às vezes revoltada. Os diferentes textos vêm de lugares diferentes. Lembro-me que no ponto de partida do **Ecologia** havia muita revolta e sensação frustrante de impotência; e no começo de **A história de Roma** havia muita confusão, jogo de espelhos, ausência clara de limites. Nem todos os textos partem do espectro sombrio de emoções, também escrevo bastante a partir do fascínio, da curiosidade, da alegria, da celebração, da vontade de estar em diálogo com um outro informe que é o próximo leitor. As ideias brotam de tantos lugares!

• **Você publicou no Brasil *Ecologia* (um romance de fôlego longo) e a breve narrativa *Natureza urbana*. Como tem sido a receptividade da sua ficção pelos leitores brasileiros?**

Parece-me que muitíssimo boa! Vinda de um país bem mais pequeno, a dimensão do Brasil nem me permitia extrapolar e assim sonhar com o que poderia acontecer desse lado do Atlântico. Em Portugal gozo da companhia de uma pequena mas muito dedicada comunidade de leitores, mas essa tem sido uma relação construída ao longo de muitos anos, mais de 15. Portanto, e considerando que o **Ecologia** sai em 2022, há dois anos apenas, é incrível as conversas que já tive com leitores brasileiros, a quantidade de clubes de leitura, de artigos, a forma como as pessoas me abordaram quando aí estive, os debates nas universidades, o envolvimento e o interesse — tudo isso me espantou muitíssimo. Devo mencionar que já havia um punhado de leitores muito importantes para mim, como o Bertoni Licarião (@literatoni), por exemplo, que faziam com que as edições portuguesas chegassem ao Brasil e, desse modo, iniciaram esta relação antes de eu me tornar oficialmente autora da Dublinense. Esses primeiros leitores e leitoras, e o seu entusiasmo, foram vitais para eu perceber a forma como os livros viajam e vibram de formas diferentes noutros países, noutras culturas. Eu dou um exemplo: parece-me que o/a leitor/a brasileiro/a lida melhor com uma literatura politizada, faz pontes mais directas para o seu mundo, deixa-se revoltar com a narração, envolve-se, e isso é magnífico. Agora estou extremamente curiosa para perceber como vai ser lida **A história de Roma** aí.

• ***Ecologia* dialoga com clássicos distópicos como *1984*, *Fahrenheit 451* e *Admirável mundo novo*. Estes livros têm espaço privilegiado em sua biblioteca afetiva?**

Sim, têm, sem dúvida. Eu fui e sou leitora grata de distopias, ainda que diga sempre que não vejo **Ecologia** como uma distopia



DIVULGAÇÃO



Temos de confrontar a voracidade e a velocidade, e não apenas criar refúgios ou bolsas de sanidade.”

no sentido mais estrito. Aceito sem qualquer reserva que os leitores o queiram ler assim, assim como aceito que leiam **A história de Roma** como uma autoficção, mas não foi assim que os pensei, que os escrevi, que os sonhei. Nem é assim que os vejo. O que há de comum entre **Ecologia** e essas distopias é a disponibilidade para pensar as nossas sociedades presentes e actuais através de ficções fantasiosas e futuristas. Mas, para mim, no coração da distopia clássica está a luta de resistência a um poder totalitário, e isso não é o coração do **Ecologia**, pelo contrário. A maior parte da população mundial não só não se rebela contra a privatização da linguagem, como até a celebra, quando se dá conta de quem tem agora um novo símbolo de status e demarcação social. Essa inovação é, como tantas outras, absorvida e assimilada e torna-se, naquele mundo, o novo normal. Só bem no final do romance se retrata um lugar e um grupo residual de pessoas que determinou que não pagaria por falar, mas são claramente uns quantos excêntricos, não é sobre eles o livro. E sinceramente, enquanto o escrevia, eu estava em diálogo constante com o os artigos no semanário, com o noticiário, com o que marcava os dias, tudo era vertido para dentro do romance. Dificilmente aceito que é um livro sobre o futuro: é muito mais um comentário a uma série de lógicas e modos de funcionamento completamente reais, actuais e vigentes, que tomam a forma de uma proposta fantástica (de fantasia) que é a ideia de pagarmos pelas palavras. A meu ver, isso não é uma distopia.

• **Cerca de 400 mil brasileiros vivem legalmente em Portugal. Há uma forte expansão a cada ano. No entanto, têm sido cada vez mais frequentes notícias de xenofobia de portugueses contra brasileiros. A que você atribui este tipo de atitude?**

Que pergunta difícil de responder. Eu não nego nada do que está sendo afirmado, infelizmente é real essa xenofobia, mas vou começar de forma ligeiramente defensiva (mas por que sinto necessidade de defender?). Diria: é um momento turbulento na sociedade portuguesa, de facto. Gostava de acreditar que são casos isolados, pois também vejo em meu redor muitos exemplos de convivência feliz entre portugueses e brasileiros. Quer dizer, em todo o lado, o tempo todo, isto também corre bem. Eu vivo em Lisboa e, de facto, desde 2018 que se sente um crescimento impressionante de brasileiros em todos os lugares da comunidade,

em todas as tipologias de comércio, da classe baixa à alta. Já temos roda de samba, comemos açaí em cada esquina e até o Carnaval mudou por aqui. Para lá de lugares comuns, há uma contaminação e uma convivência que são boas, e depois há também os aspectos negativos a ter lugar no seio disso. Porquê? Primeiro que tudo, diria que a xenofobia não se dirige só ao brasileiro mas *também* ao brasileiro. Creio que é um momento forte em Portugal de polarização social, de desconfiança do outro, de medos e de ressentimentos. As mentalidades e atitudes de extrema-direita ganharam espaço e voz na nossa sociedade nos últimos anos. Muitos afirmam que sempre aí estiveram, latentes, mas que com a chegada ao espaço mediático e político de algumas figuras muito vocais que passaram a dizer aquilo que até ali ninguém dizia, e granjearam fama e votos por isso; parece que uma certa força que vivia escondida ganhou ordem de soltura. As pessoas também veem que, lá fora, sobem ao poder líderes que prometem muros, que fecham fronteiras, e que ostracizam o que é diferente. Isso contamina, dá licença, reforça um certo lado sombrio das sociedades que se pretendiam igualitárias e se descobrem profundamente racistas e xenófobas. Infelizmente, também aqui em Portugal isso está a ter lugar. Ainda que haja especificidades na relação entre o português e o brasileiro que originam no nosso passado colonial (o brasileiro também tem de lidar com o seu rancor histórico) e em partilharmos uma Língua, (isso muda muito a dinâmica em relação a

outros migrantes), eu arriscaria dizer que a agressividade agora mais evidente na sociedade portuguesa procura qualquer Outro, qualquer estrangeiro. Isto é tão mais problemático quanto mais pensarmos que este cantinho Ibérico é fruto de séculos de miscigenação, troca e mistura. O que será Um Português para os portugueses que vociferam essa frase odiosa “Volta para a Tua Terra”? Eu não sei. Não entendo esse lugar, mas vejo que as pessoas estão esgotadas e desamparadas, e que precisam de bodes expiatórios e inimigos fáceis. É de certa forma mais fácil que o problema tenha o rosto do estrangeiro que pacatamente tenta fazer a sua vida ao lado da nossa, do que tentarmos entender as grandes teias de interesse e os complexos jogos governativos que realmente fazem com que o nosso mundo esteja como está.

• **Como você avalia a força da extrema direita em diferentes partes do mundo, sendo Donald Trump, nos Estados Unidos, e Marine Le Pen, na França, dois nomes de grande representatividade? Sem esquecer o caso da recente eleição de Javier Milei, na Argentina, e de Jair Bolsonaro, que governou o Brasil de 2019 a 2022.**

Esta é aquela pergunta que tipicamente me faz sentir falta de especialistas, ouvirmos aqueles que dedicam os dias a estudar e analisar os fenômenos históricos, económicos, geo-políticos e sociais, e que podem de facto fornecer-nos respostas informadas e bem fundamentadas. É perigoso termos um discurso sobre assuntos tão importantes baseado em opiniões. Mesmo assim a minha opinião, é mesmo só isso o que ela é, tece múltiplos factores. Ao centro coloco o actual sistema económico, o capitalismo tardio ou selvagem, e as profundas desigual-

dades que o caracterizam. Destruímos um acordo social de base e proclamámos o mundo global para os mercados, sem levar a conta as dinâmicas típicas de cada lugar e de cada povo. A estadunificação do mundo aplanou tudo, e reduziu a esfera dos diferentes valores da nossa vida a sistema de valores governado pelo lucro e pela velocidade e, ironicamente, tão individualista quanto desrespeitoso do indivíduo. Tudo isto, e muitos outros factores, resultam numa sensação de precariedade que assola grande parte da população em economias outrora prósperas (escrevo isto enquanto os agricultores franceses bloqueiam as estradas de acesso a Paris, por exemplo — e não irá Le Pen tirar vantagem deste descontentamento?) e as pessoas entendem que os Governos protegem uma pequena elite, que está cada vez mais rica, enquanto a pessoa comum tem cada vez mais dificuldades em manter o seu nível de vida. Isto, assim dito, é um retrato do Portugal em que eu vivo, onde caiu recentemente o Governo, e se teme uma virada à direita para as eleições de Março próximo. A extrema direita portuguesa, que não podia estar mais enrodilhada em compadrios e comprometida com os interesses do sistema e das elites, proclama-se antissistemas. Consegue representar-se como uma força de mudança, um Basta à ordem vigente, e essa é uma contradição fundamental deste fenómeno, pelo menos aqui em Portugal: as pessoas estão justificadamente fartas desta iniquidade, mas aderem a figuras de liderança marcantes e polémicas (quer apreciemos quer não, eles e elas marcam) que não são mais do que marionetes desses mesmos interesses!, é perverso e fascinante. Estes líderes conseguem parecer estar a defender os interesses da pessoa comum, vocalizando os

seus medos e as suas frustrações de formas simples e de fácil compreensão. Eles e elas apelam a medos muito primários: desconfiança do Outro exótico, reforço da tribo de semelhantes, pertença, enfim, o discurso anti-imigração atravessa as promessas de todos eles, de Trump a Orban. Ao mesmo tempo, e falando do caso português mas imaginando que será assim em outros lugares, a esquerda e o centro-esquerda esgotam-se em lutas internas e ficam aquém de oferecer as alternativas que o momento pede, ou em que as pessoas confiem. O que eu sinto em meu redor, depois de uma sucessão de crises e uma pandemia, é uma exaustão muito grande da pessoa comum. Lamentavelmente, isso não as aproxima da vida política, pelo contrário. Há uma desconfiança grande dos desígnios políticos, uma descrença no poder da contestação social. Há ressentimento, medos difusos e específicos de perda de identidade, e esse é o cenário geral onde eu vejo prosperar os líderes que prometem soluções simples para problemas complexos, e que têm a ousadia e o descaramento de vocalizar estes ressentimentos imanentes nas sociedades (mas não oferecem reais soluções, apenas promessas de aniquilação do Outro enquanto origem do ressentimento, o que uma armadilha mentirosa e que tem sempre consequências trágicas). A este caldo daninho teremos de juntar ainda os efeitos ainda mal compreendidos das redes sociais, a queda dos meios de imprensa tradicionais, a força manipulatória do algoritmo, e como as nossas visões de mundo estão sendo formatadas todos os dias por plataformas que nem sabemos bem que impacto têm em nós. Estes são os factores que a minha opinião tece e que serviria de começo de conversa mas, lá está, não sou especialista neste assunto nem o estudei com a profundidade que uma questão tão importante pede.

• **As guerras assombram o mundo neste momento (e têm assombrado ao longo da história), em geral, movidas pelo dinheiro e pela religião, sem contar a violência entranhada na sociedade, em especial nos países mais pobres ou desiguais. Como você lida com a violência ao redor?**

Eu escrevo, o que é uma resposta miseravelmente insuficiente, e sei bem disso. Também estudo, tento compreender, tento sair da força simplista e veloz das notícias e aceder a qualquer coisa de mais complexo. A resposta mais franca é assumir que eu não lido bem com a violência em redor. Eu gostaria de lidar bem melhor. Por fases, eu sobrevivo-lhe, eu ignoro-a, eu sublimo-a na escrita, eu confronto-me com ela, eu atijo-a, eu nego-a, eu

revolto-me contra e logo a seguir a favor dela — mas eu não sei lidar com ela. Olhemos a epidemia de saúde mental, a quantidade de pessoas medicadas contra ansiedade e outras perturbações: quem sabe lidar com toda esta violência?

• **Havia no Brasil, entre 2000 e 2015, um programa de tevê chamado *Provocações*, conduzido por Antônio Abujamra. Repito a você uma de suas perguntas icônicas: o que é a vida?**

A vida, para mim, é uma atitude, um tónus, uma abertura. Disponibilidade. É, gloriosamente, algo que nunca se deixará prender numa definição, o que já diz muito sobre este meu esforço de a definir. Isso tem a ver com a centralidade do movimento e do fluxo, das dinâmicas de aprendizagem que estão sempre a pô-la em jogo e a ampliar o próprio conceito de vida. Ou seja, a vida é aquilo que a gente sente que a vida é a cada momento e, no instante seguinte, isso já mudou. E essa outra coisa também é a vida, e a coisa que vem depois dessa e depois dessa, e que não nega as anteriores — deve expandi-las. Cultivo o mistério e a curiosidade. Saber sempre que não sei o que a vida é, o que significa tudo isto, vimos e vamos para onde, têm algum propósito todo este sofrimento? Há dias que me ocorrem algumas hipóteses organizadoras: “é tudo aprendizagem”, por exemplo. Mas logo a seguir essa certeza rui, e é esse movimento de ruir e reconstruir, essa epifania sempre renovada, essa dança, que no fundo é a Vida.

• **Se tivesse de escolher uma frase com apenas três palavras para a sua lápide, qual seria?**

Dei meu melhor! 🗿

>>> **Leia trecho inédito de A história de Roma nas páginas 30 e 31.**

Desencontros familiares

O que pesa no Norte, de Tiago Germano, traz o relato de uma busca, mas é um livro sobre ausência e abandono

ANA CRISTINA BRAGA MARTES | SÃO PAULO - SP

O pai em busca do primeiro filho (Guilherme) que ele nunca conseguiu encarar porque fugia às suas expectativas de paternidade, planos familiares que apenas o filho mais novo (Gustavo) conseguia corresponder. Um primogênito acuado, que teve de sair de casa para tentar ser quem ele era. **O que pesa no Norte**, romance de Tiago Germano, traz o relato de uma busca, mas é um livro sobre desencontro, ausência e abandono. Desencontro entre



O que pesa no Norte

TIAGO GERMANO

Moinhos

295 págs.

desejos, ausência dos pais pela falta de empatia e excesso de valores equivocados, em meio ao abandono afetivo ao longo da história de uma criança.

O cenário é o centro de São Paulo, um espaço também desconhecido e isolado, que vive à margem, social e culturalmente, do restante da cidade. Apesar de estar incrustada na Zona Oeste, a mais rica da cidade, e bem longe da pe-

riferia paulistana. O centro, onde antes residiam os Barões do Café, agora habitado por artistas alternativos e mambembes em meio a botecos com salgadinhos requentados, prédios abandonados invadidos e zumbis da cracolândia.

Aos poucos, o pai vai encontrando pistas sobre o filho, pistas que ele corre atrás, insiste, até conseguir retomar o fôlego para prosseguir e se ver de volta ao mesmo lugar. Esse pedaço da cidade é um labirinto, e o enredo do livro reproduz caminhos erráticos, independentemente de boas intenções e objetivos razoáveis. Os recursos narrativos, talvez com a mesma intenção de aproximar forma e conteúdo, trazem fragmentos de memórias, cartas, bilhetes, mensagens e reflexões sobre o teatro e o que é ser ator, caminhos percorridos pelo filho que, de repente, sumiu.

A escrita de Tiago Germano é detalhada nos cenários, nos diálogos, nas descrições de luga-

res e de personagens. O enredo vai lentamente retratando um protagonista demasiadamente humano, solitário e, talvez, tão perdido quanto o próprio filho. O peso do Norte é o peso de uma família de classe média nordestina incapaz de se abrir para o mundo e para o filho, que se atreveu a abandonar o curso de direito para assumir, mal ou bem, seu lugar no mundo.

À procura do filho no Sul, o pai nordestino se esquece da mãe, do resto da família, se esquece de si mesmo. No apartamento em que o filho morou, nos bares que frequentou, no balcão do teatro em que ensaiava, nas pessoas que o conheceram, o pai vai compreendendo a distância que havia entre eles e, ao mesmo tempo, o desejo desesperado de um reencontro que ficará em suspenso ao longo do livro, aumentando a tensão conforme se aproxima do desfecho e, desse modo, prendendo a atenção e o interesse do leitor. 🗿

Um tributo à leitura

Em **A biblioteca no fim do túnel**, Rodrigo Casarin estabelece conexões profundas entre literatura e cotidiano

BRUNO INÁCIO | UBERLÂNDIA - MG

A paixão por livros e literatura impulsiona há séculos o surgimento de obras que tratam desse tema, algumas, inclusive, escritas por autores célebres, como Virginia Woolf e Umberto Eco. No Brasil, um dos exemplos mais recentes é **A biblioteca no fim do túnel – Um leitor em seu tempo**, do jornalista especializado em literatura Rodrigo Casarin.

A obra reúne mais de 50 crônicas escritas entre 2017 e 2022 e publicadas em veículos como **Rascunho**, *Cândido*, *UOL Entretenimento* e, principalmente, *Página Cinco*, coluna sobre livros que o autor mantém no UOL desde 2015.

Dividida em três partes — *Prazeres, angústias e fracassos entre os livros*, *Os livros e o caos fora da biblioteca* e *Bons autores, grandes histórias e um leitor* —, a antologia traz uma abordagem bastante ampla, ao tocar em temas diversos, mas igualmente interessantes.

Há, por exemplo, discussões bem-humoradas sobre tópicos que acompanham leitores há tempos: devo ou não fazer anotações no meu exemplar? Tenho o direito de não gostar de um clássico? Posso dizer que o romance infantojuvenil que li quando tinha 14 anos me marcou tanto quanto a obra de Dostoiévski? Rodrigo Casarin brinca com todas essas questões com a leveza que elas pedem, como apenas os bons cronistas conseguem fazer.

Mas o escritor também sabe falar sério. E faz isso muitas vezes ao longo dos textos selecionados, afinal, eles foram escritos em um período bastante conturbado do país. Por isso, vez ou outra se torna inevitável falar sobre Bolsonaro, negacionismo, fascismo, militares e 80 tiros “por engano” em uma família inocente.

A ironia também aparece, com destaque para o texto em que o autor sugere a proibição de obras que desrespeitam a moral e os bons costumes, entre elas **Big Jato**, do Xico Sá, classificado como “panfleto da zoofilia”, e a própria **Bíblia**, por ser “incentivo para que pais matem seus filhos, filhas fazendo sexo com o pai, sodomitas, um monte de gente recorrendo às imorais prostitutas para se satisfazer e, no ápice, um dos protagonistas sendo torturado até a morte em uma cruz”.

O cenário político internacional também é contemplado, em especial por um texto sobre a Palestina que evidencia aqueles que “são isolados, confinados e massacrados com injustiças presentes e sacanagens históricas”.

Algumas “polêmicas” que recentemente atravessaram o universo do leitor também têm espaço, como quando a atriz Fernanda Montenegro gerou reboliço ao tomar posse na Academia Brasileira de Letras (ABL) ou quando Itamar Vieira Junior passou a ser criticado pela turma enfadonha que acredita que apenas livros ruins têm o direito de ser tornarem best-sellers.

Rodrigo Casarin também tem crônicas que são verdadeiras declarações de amor. Entre as mais impactantes estão um texto bastante afetivo sobre visitas demoradas a sebos e uma carta endereçada ao Menino Maluquinho, quando o personagem criado por Ziraldo completou 40 anos, em 2021.

Grandes nomes da literatura também são evocados: Umberto Eco fala sobre bibliotecas, Ariano Suassuna aborda a justiça que surge por linhas tortas e Lygia Fagundes Telles conta sobre quando ela e Clarice Lispector “fugiram” de um congresso sobre literatura latino-americana para conversar e beber num boteco.

O autor também dá espaço para os contemporâneos, ao citar nomes como Julián Fuks e Marcos Peres, e enfatiza a importância de não ler apenas os clássicos, até porque a literatura brasileira vive grande fase.

Distanciamento do discurso esnobe

Mas não é apenas ao propor a leitura dos contemporâneos que Rodrigo Casarin se distancia do discurso esnobe tão comum a esse lugar. O escritor, aliás, faz isso várias vezes e acerta em cada uma delas. Suas crônicas dão espaço ao futebol, aos quadrinhos e até mesmo à televisão, aparelho que costuma ser tratado como o mais sórdido dos demônios pelos “intelectuais” de plantão.

Justamente por se distanciar do que há de mais esnobe, a antologia dá pouco espaço para textos sobre o meio literário. Uma colega jornalista me dis-



O AUTOR

RODRIGO CASARIN

Nasceu em 1987, é jornalista especializado em literatura. Desde 2015 edita a *Página Cinco*, coluna de livros no UOL que lhe rendeu o Prêmio IPL de 2019 na categoria Mídia. Hoje, o projeto se desdobra em um podcast de entrevistas e em uma newsletter. Foi jurado do Oceanos e do Prêmio Jabuti, do qual também integrou o Conselho Curador em 2022. Vive em São Paulo (SP).

TRECHO

A biblioteca no fim do túnel

Alguém já deve ter escrito isso por aí: o fracasso é amigo íntimo de qualquer leitor assíduo. Ser leitor é estar sempre Tateando algum caminho possível dentro de um labirinto infinito. É descobrir a cada livro, a cada novo autor, que outras trocentas estradas, trilhas e picadas podem ser traçadas, e que estas também se desdobrarão em infinitas possibilidades. Talvez Borges tenha criado histórias sobre a multiplicidade de livros e bibliotecas justamente para afagar seus inevitáveis fracassos.



A biblioteca no fim do túnel – Um leitor em seu tempo

RODRIGO CASARIN
Arquipélago
208 págs.

se que a pior coisa em cobrir a editoria de literatura é que tem muita gente querendo falar, mas ninguém disposto a ouvir. Já uma colega escritora definiu o meio literário como “um bando de ricos se lambendo”.

Concordo com ambas e acredito que histórias sobre isso não falem ao experiente Rodrigo Casarin. Por outro lado, duvido que elas se encaixariam em um projeto que parece ter sido preparado com o objetivo de homenagear o que há de mais belo no universo dos livros.

Pandemia

Para além das pertinentes discussões sobre literatura, mercado, escritores e tantos outros tópicos, as crônicas chamam a atenção por elementos como a diversidade de temas, a linguagem perspicaz e o olhar atento e sensível do autor ao cotidiano.

Também vale destacar a construção de uma espécie de dossiê sobre a maneira que a pandemia impactou a relação das pessoas com suas leituras, afinal, muitos dos textos surgiram durante o isolamento.

À época, muitos estabeleceram novas dinâmicas com seus livros, uma vez que sabiam que poderiam morrer a qualquer momento. Esse “acerto de contas” aconteceu de diferentes formas, desde leitores que se dispuseram a ler tudo que encontravam pela frente até aqueles que resolveram, enfim, encarar aquele clássico de 600 páginas ainda não lido. Também teve leitor assíduo que passou meses sem conseguir ler um capítulo sequer.

Seja como for, passada a angústia daquele momento, é um exercício válido olhar para trás e perceber a maneira com que nossas relações com os livros se modificaram durante a pandemia, algo que eu não tinha pensado a respeito antes de ler **A biblioteca no fim do túnel**.

E talvez seja esse o principal mérito da obra: ela provoca, instiga, confronta, pede novas perspectivas, exige um olhar mais demorado e não entrega respostas. O autor sabe que não cabe à literatura fazer isso.

Rodrigo Casarin traz textos irresistíveis, escritos por alguém que tem linguagem fluída e bem definida e capacidade para transformar relatos pessoais em histórias universais.

Em pouco mais de 200 páginas, ele consegue estabelecer conexões profundas entre literatura e cotidiano e sintetizar o que há de mais sincero, vibrante e denso na relação entre leitores e livros. **U**

A fé embaixo do céu

Forte como a morte usa da dimensão mitológica dos estigmas de Cristo para explorar temas como fanatismo religioso e conflitos no campo

SÉRGIO TAVARES | NITERÓI - RJ

A vida adulta de Jesus de Nazaré é normalmente reconhecida pelo viés teológico. Pouco se fala de seus últimos dias pelo relato político. Homem talhado por uma região há séculos severamente oprimida, Jesus começou a chamar atenção por difundir ideias que questionavam as obrigações impostas ao povo pelo Império Romano. Contestava o controle da terra, negava-se a pagar os pesados impostos. Não demorou, portanto, a ser visto como alguém capaz de cativar uma revolta popular, um líder revolucionário que traria problemas para Roma, caso não fosse detido. Foi acusado de atentar contra o Estado, julgado, flagelado e condenado à morte por crucificação. As mãos e os pés perfurados por pregos, e o golpe final de uma lança que lhe atravessou o peito.

Forte como a morte usa das marcas físicas desta passagem cristã como elementos catalisadores de sua trama. No mais recente romance de Otto Leopoldo Winck, as cinco chagas abertas no corpo de Jesus são ressignificadas em seus simbolismos sacros, partindo de uma dimensão sobrenatural, mística, para contextualizar um cenário rural cujo substrato vai além do magma religioso. Um mundo que rivaliza os escritos católicos com a percepção do poder de controle de tais preceitos, plasmando um espaço de tensões ambivalentes, no qual a realidade externa e interna de seus personagens servem como fator de caracterização. O divino e o pedestre separados por uma membrana tênue, por onde se desvela a relação entre devoção e manipulação, por onde se ilumina a prática da fé como instrumento político, de permanência de um estigma social.

A trama se divide em quatro tempos narrativos, sendo dois deles o passado e o presente da protagonista. De uma família de imigrantes poloneses no interior do Paraná, Rosália acorda num domingo de Páscoa com feridas nas mãos, nos pés e no peito. Seus pais, humildes lavradores, a princípio sugerem uma causa banal, mas quando as chagas passam a verter sangue, recorrem ao médico que, sem explicação cien-



AUTOR

OTTO LEOPOLDO WINCK

Nasceu no Rio de Janeiro (RJ) e radicou-se em Curitiba (PR). Doutor e mestre em Estudos Literários pela UFPR, venceu, em 2006, o prêmio da Academia de Letras da Bahia, com o romance **Jaboc** (Garamond) e, em 2012, conquistou o Prêmio Governo de Minas Gerais de Literatura, na categoria poesia. Em 2017, publicou o volume de poemas **Cosmogonias** e, em 2019, o romance **Que fim levaram todas as flores**, ambos pela Kotter. Atualmente leciona na PUCPR e no programa de pós-graduação *stricto sensu* da Uniandrade.



Forte como a morte

OTTO LEOPOLDO WINCK
Aboio
256 págs.

TRECHO

Forte como a morte

Rosália respirou fundo. Uma golfada de ar enregelado inundou-lhe os pulmões, devolvendo-lhe mais uma vez, pelo odor dos velhos invernos, os dias já antigos da infância, transcorridos por sinal não muito longe dali. Foi apenas um pesadelo, repetiu para si mesma, não havia nada de errado com as mãos, mancha alguma, pisadura nenhuma.

tífica, aconselham procurar o padre tendo em mente a Paixão de Cristo. O ambiente em que vivem é regulado pela prelazia do campo e o sacerdote tão logo se vê diante de um milagre no corpo da menina, os estigmas que, nos testemunhos milenares, atribuíam a santos e mártires a capacidade de cura, de proceder graças vinculadas à divindade-humana do Crucificado.

Anos mais tarde, Rosália está casada e mãe de três filhos, integrando um assentamento de sem-terra que invadiu uma fazenda considerada improdutiva. A aparição das chagas e seus supostos propósitos ficaram na memória soterrada pela dureza da vida, enquanto lida com misérias de natureza material e imaterial, fantasmas das próprias escolhas e os reveses do marido envolvido num núcleo de resistência que mancomuna estratégias para armar os camponeses contra as ameaças de expulsão por parte do dono do latifúndio. Por ali também circula o padre Hugo, cujo fluxo de consciência será mais uma parte desta montagem de fragmentos polifônicos. O jovem sacerdote passa por uma crise existencial, questionando a temência a um Deus que não usou de Sua glória para poupar Seu filho do sofrimento da cruz, que se coloca superior ao calvário dos homens, distante das ações da pastoral da terra, das mazelas de um ambiente de conflitos rurais, de violência e morte por espaço. A esta história mental associam-se breves inserções de registros primitivos do cristianismo que dão conta da Kenosis, conhecida como doutrina do autoesvaziamento de Cristo.

Desmitologização

Winck coloca o leitor em contato direto com a realidade brasileira do campo e do mandato religioso, alternando-o entre a luz e o breu da cognição, de modo a articular uma saga familiar e uma saga pessoal pontuadas por elementos das mais variadas procedências, entre os quais temas regionais, evangelhos, arcaísmo e intertextos. No decorrer da leitura, porém, a estrutura de vertentes múltiplas vai se decifrando um engenhoso plano geométrico

cujas faces vão se sobrepondo e se espelhando, um prisma (e aqui pode ser entendido de maneira física, filosófica ou bíblica — a manifestação divina representando a glória de Deus) que vai se movendo até se revelar uma nova perspectiva, um ângulo inesperado que muda a compreensão de toda a história. É um texto superpovoado, denso por vezes, profundo até, mas muito bem engendrado. Prova disso está na forma perfeita com que se mune da matéria ficcional para incorporar o senso crítico, utilizando o contexto literário para ressoar seus comentários sociais. Inclui a expressão incontida do enredo vem da experiência sematológica de uma personagem: a desmitologização; ou seja, “a necessidade de purgar os textos escriturísticos dos interesses mitológicos e mágicos inerentes à cosmovisão das comunidades em que foram gerados”.

Quando Rosália foi alçada a santa, por conta dos estigmas, uma peregrinação começou ter o sítio onde morava como destino, em busca de curas, milagres. Não demorou para uma ideia de se lucrar com isso ganhar forma, assim como a atenção da mídia e a sugestão de charlatanismo. Já adulta, no assentamento dos sem-terra, o mesmo jornal que, décadas atrás, reportava suas chagas trazia uma matéria na qual um representante do movimento rural declarava que a agricultura familiar era um resíduo do passado, esvaziando a reforma agrária e demonstrando uma complacência com os interesses dos latifundiários. O livro estabelece, assim, um paralelo em que fica patente o desejo de mostrar que, tanto na indução da fé quanto da política, o caminho para o fanatismo decorre de uma manipulação que oblitera propósitos com falsas ideologias ou a ilusão dos mitos. Jesus não foi crucificado por ser filho de Deus, e sim por subverter o sistema. “O que importa é o sentido, não o fato”, chama atenção o padre Hugo. A imaginação é um campo fértil para você plantar suas próprias sementes ou permitir que alguém plante as dele.

Na estruturação de um romance, um dos componentes menos levados em conta é o tom. Mas é justamente este que contém o traço marcante da intenção do texto. Winck explora os territórios ambíguos da devoção, embora deixe bem claro os signos que irão modular a inflexão interna da narrativa ao evocar, logo na primeira frase do livro, **A metamorfose**, de Franz Kafka. Um autor auto-declarado ateu, que concebeu um clássico sobre os efeitos sociais na condição humana, não está ali por acaso. **Forte como a morte** é uma obra ostensivamente plural, aberta à irradiação de sentidos, que diz muito mais do que concentram seus desígnios internos. **U**



olyveira daemon

SIMETRIAS DISSONANTES

FANTASIA DE PODER

Ilustração: Carina S. Santos



Não existe nada mais chato do que o chamado *debate de ideias*. Não existe nada mais maçante, seja num auditório acadêmico seja em reuniões sociais. Um *debate de ideias* bem-sucedido seria aquele em que as pessoas em vez de debater uma ideia (chatice) apenas cantassem, dançassem, tocassem um instrumento musical e declamassem boa literatura. Por que o chamado *debate de ideias* é uma perda de tempo? Porque é realizado sempre com palavras.

Todo o conhecimento teórico produzido e divulgado pela linguagem verbal é um conhecimento imperfeito, repleto de falhas. O problema de todas as teorias fundadas na palavra, incluindo as mais refinadas, e de todos os teóricos que só se expressam por palavras, incluindo os mais sofisticados, é que vivem num abstrato mundo de falácias chamado Trilema de Agripa.

As pessoas se arrumam e saem de casa não em busca de um proveitoso debate de ideias, pois elas sabem que isso — *um proveitoso debate de ideias* — é uma fantasia. Não existe. As pessoas se arrumam e saem de casa em busca de catarse. Em busca de picos de dopamina, serotonina, endorfina e ocitocina. O *debate de ideias* é somente um pretexto pra esquentar a produção desses neurotransmissores. Numa roda de amigos ou num auditório elegante, ou mesmo num evento online, ninguém está muito preocupado com as tais *ideias*, estão é famintos dessas substâncias geradoras de bem-estar.

La sola ragione che si può addurre è che leggere i classici è meglio che non leggere i classici.

O que me agrada na célebre afirmação de Italo Calvino sobre ler os clássicos é que ela serve pra tudo o que a gente mais aprecia. Exemplo:

A única razão que pode ser apresentada é que ler Olyveira Daemon é melhor que não ler Olyveira Daemon.

Ou melhor ainda:

A única razão que pode ser apresentada é que chupar melancia é melhor que não chupar melancia.

A única razão que pode ser apresentada é que maratonar séries é melhor que não maratonar séries.

A única razão que pode ser apresentada é que dançar pelado na chuva é melhor que não dançar pelado na chuva.

Nada me enfurece mais do que escritor falando borracha sobre a suposta *arte de escrever*, como se o segredo da sagrada *arte de escrever* fosse meia dúzia de receitas mais ou menos infalíveis, tipo fritar um ovo, trocar um pneu, dese-

nhar um quadrado, cuidar de uma planta etc., e não algo misterioso, incompreensível, tipo a indecifrável arte de viver. Fulano diz: escreva assim, beltrano diz: escreva assado, sicrano diz: escreva cozido, como se *assim*, *assado* ou *cozido* fossem o caminho dos tijolos dourados para o sucesso (estético? financeiro? prêmios?). Nessa hora eu me lembro das páginas e páginas de Franz Kafka e Fernando Pessoa que sobram em gavetas e baús, desorganizadas, mal revisadas, páginas e páginas inéditas que depois da morte desses autores precisaram ser reunidas e decifradas. Páginas e páginas que chegaram a nós em edições alternativas — paliativas? —, edições que esses autores exigentes, perfeccionistas, não autorizariam jamais, porque preparadas à sua revelia. Não é mesmo irônico? Obras que mesmo *imperfeitas* hoje fazem parte do patrimônio da inteligência literária da espécie humana. Enquanto as páginas *super bem escritas* da galera das receitas, eu sei, vocês sabem, eles também sabem, mal sobreviverão à sua morte.

Vou anotar aqui apenas pra registrar a ideia e impedir que outro escritor use antes de mim. Meu personagem desempregado acaba de criar uma editora. Depois de muito tempo procurando um nome adequado, ele registrou: Masturbatório Editorial. Vejam bem, é uma editora de livros acadêmicos, especializada em filosofia e crítica literária.

O Personagem 1 é um autor de romances e contos para o público adulto, que gostaria muito de viver de direitos autorais. O Personagem 2 é um editor de best-sellers.

Na Bienal do Livro.

Personagem 1: “O que os livros de sua editora têm que vendem tanto, alcançando milhares de leitores?”

Personagem 2: “São histórias juvenis, com capa de livro adulto.”

(Quem me contou foi um amigo escritor.)

Se a IA for uma tecnologia totalmente do MAL ela terá vida curta. Os extremos não perduram... Qualquer coisa totalmente do BEM ou totalmente do MAL tem vida curta neste mundo. E só existe este mundo, nenhum outro mais. {Um mundo administrado pela média estatística.} Então, penso que se a IA for um tecnologia realmente inteligente ela constituirá residência na média autossustentável, afastada dos extremos inviáveis no longo prazo.

Sair de casa e encontrar pessoas é maravilhoso, mas extenuante. A mente das pessoas é uma complexa máquina de crenças e desejos. Seja a trabalho, estudo ou diversão, participar de conversas é experimentar em diferentes graus muita contradição e divergência. Pessoas são uma usina de falácias, um zoológico de tautologias. Nem as mais cultas — professores, pensadores, artistas etc. — escapam das armadilhas da incoerência. Na verdade, são as pessoas mais cultas justamente as que disseminam as incoerências mais sofisticadas, o lixo mental mais difícil de descartar. É tanta superstição e metafísica, das mais diversas cores e sabores, que a gente acaba cedendo, às vezes por pura preguiça. Ou compaixão. Ou porque os *especialistas doutrinadores* não aceitam empatar num debate, nem fudendo. Nessas horas, nocauteado pelo papo-furado intelectual, eu costumo adotar a tática dos pinguins de *Madagascar*: apenas sorrio e aceno. A pequena lista acima — um dodecálogo de defesa pessoal — eu levo comigo sempre que saio de casa. É minha bússola. Eu a consulto nas horas de nocaute. Ela me ajuda a não esquecer minhas crenças mais íntimas, durante o alarido das conversações incoerentes. Me ajuda a manter a sanidade mental no hospício do papo-furado intelectual. De resto, uma boa epígrafe pro meu dodecálogo seria: “Você nega? Não discutamos o assunto. Convencido como estou, não procuro convencer”. (Edgar Allan Poe, *Berenice*)

Estou à espera dos milagres. Resta saber se os milagres também estão à espera de si mesmos. Hoje caminhei sobre as águas do bairro, mas afundei quan-

do tentei caminhar na calçada. São Paulo é um esqueleto cheio de ramificações autobiográficas. Em cada esquina, me reencontro. Ora mais jovem ora menos jovem, sempre à espera dos milagres. São Paulo na verdade não existe. Ou pelo menos nunca teve provada sua realidade. É apenas um mapa imaginário. Mas as festividades cívicas acontecem regularmente. Eu mesmo sou uma festividade ambulante. Uma radiante regeneração. Às vezes bebo, fumo, canto e danço. Sempre sozinho. Sempre com os três gigantes que me criaram. O teto da caverna estremece e até isso aparece nas fotos.

O poderoso chefão foi lançado em 1972. Eu tinha seis anos. Obviamente não assisti. A segunda parte foi lançada em 1974. Eu tinha oito anos e obviamente não vi. Mas o título do filme ficou ecoando em meu subconsciente. Acho que eu comecei a frequentar os cinemas da microcidade — dois cinemas pequenos: cine Mongol e cine Santa Cecília — por volta de 1976, aos dez anos. O planeta seguiu sua viagem em torno do sol e subitamente aquele filme tão badalado entrou mais uma vez em cartaz. Fui ver. E fiquei deveras decepcionado. “Então esse é o filmaço de que tanto falam? Bem chinfrim, hein?!” Demorei um tempão pra perceber que eu havia assistido a *O poderoso chefão de Xangai*. Um filme — obviamente — chinês muito meia-boca, acho que de kung-fu, dirigido por um tal de Peng Tien. (É claro que essa gafe não entrará na *Autobiografia de Olyveira Daemon*.)

CAPOTE

EDIÇÕES



Seu livro pronto
para ser publicado
e apresentado ao
mercado editorial

- » Copidesque
- » Revisão
- » Edição
- » Textos editoriais (orelha, prefácio, posfácio, etc.)

- » Diagramação
- » Projeto gráfico
- » Capa
- » ISBN

✉ capoteedicoes@gmail.com

☎ (41) 98834-9308

Ensinar a ver

Ensaio de **Paulo Franchetti** reforçam a necessidade de que a literatura seja, antes de tudo, fonte de prazer e emoção

RAMON RAMOS | RIO DE JANEIRO - RJ

Em *A função da arte*, Eduardo Galeano narra uma breve história que adquire tom de parábola ao nos apresentar o menino Diego, que não conhecia o mar. Conduzido pelo pai, viajam ao Sul, atravessam as dunas de areia até que Diego se depara com aquela imensidão de fulgor e beleza. Emudece. Tremendo e gaguejando, a única coisa que consegue é pedir ao pai: “Me ajuda a olhar”.

A alegoria criada pelo autor uruguaio, neste conto de **O livro dos abraços**, nos remete aos Diegos que fomos diante da vastidão das descobertas da literatura. Entre as frases escritas e o discurso literal, eis que há todo um mar de sentidos que, em algum momento, alguém nos ensinou a ver. Aprender a encontrar essas iluminações nos textos dos grandes autores que amamos é redescobrir, a cada nova explosão, o porquê de nos dedicarmos, como forma de vida, à literatura (enquanto escritores ou críticos, mas, sobretudo, na condição de leitores). Despertar esse olhar em jovens potenciais leitores (e depois continuar alimentando essa fome de ver) é papel fundamental do professor de literatura na sala de aula.

Paulo Franchetti, em **Sobre o ensino de literatura**, reúne textos em que trata da transmissão do conhecimento literário tanto no ensino básico quanto no ensino superior. Ao longo de cinco ensaios e uma entrevista que encerra o livro, o autor destaca com frequência a importância do contato direto do estudante com o texto — de modo que a literatura seja, antes de tudo, fonte de prazer e emoção —, e a da não burocratização do saber por uma necessidade externa, uma obrigatoriedade disciplinadora.

Infelizmente é isso o que ocorre com mais frequência na maioria das escolas do ensino básico brasileiro, sendo a literatura tratada como forma de apreensão principalmente histórica — por meio de explicações sobre os períodos literários brasileiros —, tendo seu debate estético reduzido a um conjunto de características que os estudantes memorizam e reproduzem. A literatura, portanto, deixa de ser um movimento de epifania e descoberta para ser somente mais uma forma de domesticação do pensamento, justificada pelo argumento utilitarista — avaliação em uma prova ou leitura cobrada em concursos para ingresso em universidades.

Franchetti diz que sem “o impacto emocional, sem a experiência do novo, do desafio do entendimento, a literatura na escola, ainda mais nos tempos atuais, de onipresença do mundo digital e das redes sociais, é matéria morta”. Literatura é para ser um desafio, algo que gera a inquietação quanto ao entendimento óbvio e rasteiro, comum da cultura *best-seller* a que hoje a maioria dos jovens está inserida. É forçar o foco e a concentração, pois a imersão no literário é das únicas atividades que não admite concorrência — ao contrário do que se vê em cinemas ou museus, atividades em que a apreciação artística é maculada com as telas do celular.

Questionamentos

Em dado momento do livro, o autor questiona “O que se ensina quando se ensina literatura?” e “O que se aprende quando se estuda literatura?”, como forma também de desenvolver o questionamento sobre a importância do estudo da disciplina na escola. Na condição artística do literário, a afirmação do interesse por si mesmo encerra em si sua justificativa. Outra forma de responder seria que o aprofundar na literatura transpõe o conhecimento do que ali se encontra escrito, sendo também, como afirma o autor, o estudo das paixões e dos movimentos do espírito; a cristalização de modelos de língua formal; acesso ao diferente, a outras formas de o humano se relacionar com a palavra e aos costumes.

Trata-se, segundo Antonio Candido, de “confirmar o homem na sua humanidade” — para acenarmos ao seu icônico *O direito à literatura*. O exercício da alteridade (nem percebida pelos estudantes enquanto leem um ótimo livro) gera a ampliação da imaginação, mas também da compreensão da realidade, da vida, do outro e, por fim, encerra em uma melhor compreensão de si mesmo.

Afirma Franchetti:

Esse deslocamento [de perspectiva], esse mergulhar no texto, na vivência de sentimentos e das paixões que ele expõe, faz da literatura uma forma eficaz de convencimento, de moldagem de opiniões — fato reconhecido por todos os governos autoritários, que veem na arte — e na literatura em particular — uma ameaça à vontade de dominação.



O AUTOR

PAULO FRANCHETTI

Nasceu em Matão (SP), em 1954. Em Letras, formou-se na Unifep, fez mestrado na Unicamp e doutorado na USP. Foi professor titular da Unicamp, onde dirigiu a editora da universidade por onze anos. É autor, entre outros, de **Estudos de literatura brasileira e portuguesa** e **Crise em crise — notas sobre poesia e crítica no Brasil Contemporâneo**.



Sobre o ensino de literatura

PAULO FRANCHETTI
Unesp
104 págs.

TRECHO

Sobre o ensino de literatura

(...) o apelo é para que não barateemos nosso trabalho, não tornemos a literatura apenas um veículo para outros conhecimentos ou um campo desinteressante de discurso sobre qualquer coisa, de definições e classificações vazias que tentam em vão substituir ou anular a vivência e a complexidade da leitura.

O autor comenta, ainda, que o foco do ensino em literatura não deve ser no estudo isolado da brasileira (ou de qualquer literatura nacional), pontuando aqui a importância de se pensar na tradição de temas e questões desenvolvidos ao longo dos séculos por isso que se chama “literatura ocidental”. Penso que, em sala de aula, o tempo exíguo mal permite o aprofundamento no que há de melhor em nossos grandes autores. Cabe tratarmos toda literatura, dentro das limitações que enfrentamos, como literatura comparada, seja entre seus pares nacionais, seja escalando em níveis macro (latina, ocidental, contemporânea) de acordo com o recorte de quem ministra. O professor é um curador e por meio de sua seleção deve estimular a competência e a fruição por parte dos estudantes.

“O professor e o crítico literários”, aponta o autor, “seriam, antes de tudo, um professor de leitura, um profissional capaz de obter o maior rendimento da leitura de um texto literário (...)”. Lembro o poema *Dona Geralda, professora de altura*, do poeta Fernando Fiorese. Nele, lemos: “Sem luz nem luneta/ No aluno me ensino.// Leciono nesta altura/ — não sei outro desamparo”.

Ser um professor de leitura/altura é mediar o encontro do estudante com o texto, ampliando suas capacidades de percepção, criando mecanismos de apreender sentidos estéticos e, além disso, ensinando o sabor mais aguçado, porque mais complexo, de saberes de consumo lento — em oposição às rasas saciedades ofertadas por literaturas somente de entretenimento.

A queda a que nos dispomos, ao lecionarmos altura via literatura — e a que os alunos se dispõem ao embarcarmos conosco —, é, sobretudo, perder o chão, “como se perde os sentidos numa/ queda de amor” (Luiza Neto Jorge). A literatura ensina a cair. E esse cair em si se torna proporcional à profundidade que decidimos escavar dentro de nós. Isso é ensinar a ver a imensidão do mar. Esta é a emancipação do leitor. Por isso não há ensino de altura por meio de literaturas com a profundidade de um pires.

O professor de literatura deve, então, ser antes de tudo um professor de leitura e ter como seu grande propósito a formação de leitores — algo por vezes esquecido não apenas por docentes (que pressupõem leitores já formados), mas por editoras, livrarias, instituições culturais e demais envolvidos no mercado literário e educacional brasileiro.

Para a formação de jovens leitores, convém lembrar que esses não precisam ser leitores ideais — para retomar o ensaio *Notas para definição do leitor ideal*, de Alberto Manguel. Talvez de início o jovem leitor não precise recriar a história participando dela (seguir já é um bom ponto de partida), tampouco anotar nas margens ou ter aquela indescritível paz de saber que chegou ao final do livro, mas ao mesmo tempo saber que aquele livro jamais terminará. Nosso papel, enquanto professores de literatura, é formar leitores suficientemente bons, esses que terão no livro um instrumento que ajuda na exploração do mundo, artefato que, a cada leitura, se torna mais aguçado, preciso, potente.

Quanto à caracterização de “ideal” para possíveis leitores que gostemos de ser e de formar, cabe dizer que o leitor ideal não é categoria estanque, não é posto que se atinge e pronto, está feito. O leitor ideal aos poucos se constrói durante a leitura de determinado livro e se torna ideal exatamente para aquele livro. Cada nova leitura é um marco zero, e o leitor, decerto ensinado a ser suficientemente bom, será convidado pelo livro e por si mesmo ao delicioso desafio de se construir um leitor ideal. ❶

 **wilberth salgueiro**
SOB A PELE DAS PALAVRAS

PRA ELES NÃO DEU, DE VIVIANE MOSÉ

aos meus amigos, queridos.

*Éramos nus
Na década de oitenta.
A liberdade se impunha.*

*Corpos expostos,
Almas compartilhadas
Cabeças.*

*Olhos famintos de mundo.
Mas veio a peste:*

*No umbigo da busca
No plexo
O osso duro de roer
A morte
A nos ceifar pelo sexo.*

*Saint Claire foi o primeiro
A desaparecer.
Tião Sá foi o segundo
A ser consumido
Por aquela foice esquisita.*

*Depois foi Cristina
A perder corpo
Pouco a pouco
Até tombar de dor
Na madrugada.*

E eu nem estava.

*Nunca pude esquecer
Seus gestos mínimos
Sua delicadeza.*

*Nem fui capaz de apagar
Os olhos de Tião, na praia
Me dizendo, cara
Agora foi comigo.*

*Pouco depois ninguém mais
Morria.
Mas pra eles não deu tempo.
Pra eles não deu.*

Mesmo que o leitor não saiba que esse poema da capixaba Viviane Mosé foi publicado na antologia **Tente entender o que tento dizer: poesia + HIV/AIDS**, há nele sinais suficientes para que se perceba o imenso drama que ali se desenha. Desde já, diga-se que a primorosa e dolorosa antologia, organizada por Ramon Nunes Mello e publicada em 2018, conta com 101 poemas de 96 poetas, entre os quais: André Vallias, Angélica Freitas, Annita Costa Malufe, Antonio Carlos Secchin, Antonio Cicero, Armando Freitas Filho, Bruna Mitrano, Bruno Molinero, Chacal, Domingos Guimaraens, Eduardo Sterzi, Elisa Lucinda, Fabrício Corsaletti, Guilherme Zarvos, Italo Moriconi, Leonardo Gandolfi, Luiz Felipe Leprevost, Marcelino Frei-

re, Marília Garcia, Micheline Verunschik, Nelson Ascher, Ramon Nunes Mello, Silviano Santiago, Victor Heringer, Viviane Mosé e Yasmin Nigri. Ramon também participa com uma esclarecedora *Apresentação*, e o livro conta com textos de Alexandre Nunes de Souza, de Denilson Lopes e de Eduardo Jardim (orelha). A imagem da capa é de Leonilson. Há epígrafes de Ana Cristina Cesar e Caio Fernando Abreu. Vê-se que é uma antologia, por tudo o que comporta e representa, fundamental em vários sentidos. Não à toa, de imediato já fez com que aparecessem textos em torno dela, com destaque para a sensível e valiosa dissertação de Leandro Noronha da Fonseca, *HIV/AIDS e poesia contemporânea brasileira (...)*, defendida em 2022 na UFMS, com fartas informações, análises e reflexões a partir da antologia.

O poema de Viviane Mosé, evidentemente autônomo, pode ser lido contudo como uma espécie de metonímia do conjunto de dezenas de poemas reunidos. Há um circuito de fortes sentimentos que atravessam os versos — do poema e do livro: solidariedade, revolta, tristeza, melancolia, luto, mas também admiração, alegria, vitalidade, saudade, esperança. No caso de *Pra eles não deu*, tal circuito se insinua no próprio caráter circular do poema, que faz coincidir título e último verso. Os sentimentos, sobretudo de desolação, podem ser associados, mesmo visualmente, à estrutura fragmentada do poema, com estrofes curtas, com versos curtos, e todos começando com maiúscula, como se fossem soluços, frases, ideias, raciocínios interrompidos, tal qual a vida de tantos queridos amigos (e a dedicatória já antecipa essa quebra, quando separa o sintagma “amigos queridos” em “amigos, queridos”).

A desolação maior do poema-homenagem de Viviane reside na constatação de que se os nomeados amigos (Saint Claire, Tião Sá e Cristina) e milhões de outros tivessem resistido, tivessem, por algum arranjo ou motivo, por algum acaso ou cuidado, tivessem resistido mais tempo, muito provavelmente não teriam sido alcançados “por aquela foice esquisita”. Hoje, ainda, o vírus HIV pode levar a óbito, mas o tratamento, os coquetéis conseguiram deter a avalanche da pandemia que provocou mais de 30 milhões de mortes, números comparáveis, e mesmo superiores, aos da recente covid-19.

Sobre ambas as “pestes”, há inúmeros estudos de múltiplas áreas do saber — da saúde à economia, da psicologia à literatura etc. Leandro Noronha assim inicia seu segundo capítulo: “Peste bubônica. Tifo. Lepra. Gripe. Varíola. Malária. Sífilis. Tuberculose. Cólera. Câncer. Aids. Covid-19. A História sempre esteve acompanhada das doenças. O surgimento e a disseminação de agentes biológicos ocorreram em diversos períodos históricos, influenciando as dinâmicas sociais, políticas, econômicas, religiosas e culturais das civilizações”. Em todos esses períodos, a arte “tentou entender”, a seu modo, o que estava acontecendo. A antologia e o poema de Viviane cumprem esse delicado papel.

Já na primeira das dez estrofes — “Éramos nus/ Na década de oitenta./ A liberdade se impunha.” — se explicita o contexto libertário dos anos 1980, herdeiro em boa parte da contracultura. A nudez se reafirma em “corpos expostos”, desde que haja afinidade, interesse, desejo entre as “almas compartilhadas”. Há todo um mundo a conhecer, mas vem a barra, a barreira: a peste. Peste que se traveste, sem mediações, na temida figura da morte e sua foice, “a nos ceifar pelo sexo”. Como se sabe, até que estatísticas e evidências viessem a desmentir, a Aids ficou associada a homossexuais, e o conservadorismo (religioso, sobretudo) se aproveitou dessa *fake news* para um sem-número de “aberratórias abstrações abstrusas”, para citar antigo verso preciosista, mas preciso, de Augusto dos Anjos, que poderíamos traduzir, adaptando, para confusos delírios oportunistas.

As estrofes seguintes registram alguns amigos “a desaparecer”, “a ser consumido”, “a perder corpo”. O solitário verso “E eu nem estava” dá a dimensão do sofrimento, que, tempos depois, se faz solidário pelo testemunho via poesia. As lembranças (“Nunca pude esquecer”) vão a detalhes, aos “gestos mínimos” que se fixam na memória. Se o poema fala da ausência, da distância, da perda, ele é o próprio gesto de presença, de proximidade, do afeto. A dor se expressa no lamento que se repete: “Mas pra eles não deu tempo./ Pra eles não deu.”. O tempo que faltou se projeta nos termos que “faltam” de um verso (com seis palavras) a outro (com quatro palavras). Esse efeito final coroa, tratando-se enfim de um poema (que é obra de linguagem e que, até para obter a empatia do leitor, não deve descurar do engenho da forma, apesar do teor trágico), outros efeitos, sobretudo sonoros, que dão certa fluidez aos versos, como numa infeliz cantilena: nUs, impUnha, mUndo, bUsca; expostos, peste; pEste, plExo, sExo; a desaparecer, a ser, a perder; cOrpo, pOuco a pOuco, dOr; ma drugAda, estAva, apagAr, prAia, cAra; mÍnimo, comlGo, morrIa.


Em texto que publiquei em 2011 (*Da testemunha ao testemunho: três casos de cárcere no Brasil*), sintetizei doze aspectos gerais de

um texto de testemunho, e esse poema de Viviane Mosé atende à quase totalidade: (1) o registro em primeira pessoa: “Éramos nus”, “E eu nem estava”; (2) um compromisso com a sinceridade do relato: o poema tem um tom intensamente sentimental, triste; (3) desejo de justiça: “pra eles não deu tempo” diz de um destino fatal, injusto que, embora irreparável, permanecerá na memória; (4) a vontade de resistência: “a liberdade se impunha”; (5) abalo da hegemonia do valor estético sobre o valor ético: apesar dos iniludíveis efeitos de linguagem, o poema beira a uma confissão, um depoimento; (6) a apresentação de um evento coletivo: a partir de casos de amigos, fala-se de um acontecimento que atingiu milhões de pessoas no Brasil e no mundo; (7) a presença do trauma: “Nunca pude esquecer”, “Nem fui capaz de apagar”; (8) rancor e ressentimento: “Pouco depois ninguém mais/ Morria”; (9) vínculo estreito com a história: “Na década de oitenta”; (10) sentimento de vergonha pelas humilhações e pela animalização sofridas: embora o poema não contemple diretamente esse aspecto, é sabido que — outrora e mesmo hoje — o aidético sofreu e sofre grande preconceito; (11) sentimento de culpa por ter sobrevivido: o poema também não explicita esse sentimento, mas a passagem da primeira pessoa do plural para a primeira do singular (“Éramos nus”, “E eu nem estava”) dá a ver, obviamente, que a poeta é uma sobrevivente daquela geração com “olhos famintos de mundo”; (12) impossibilidade radical de re-apresentação do vivido/sofrido: nenhum poema (nenhuma arte, nenhum discurso) seria capaz de rigorosamente “representar” a dita realidade, então resta optar pelo silêncio ou por algum tipo de tentativa de testemunho: “Os olhos de Tião, na praia/ Me dizendo, cara/ Agora foi comigo”.

A antologia de Ramon Nunes Mello é preciosa. Não se trata de querer colar aos poemas a pecha de testemunhais. Cada poeta encontrou seu modo de dizer. Os poemas visuais, por exemplo, de André Vallias, Ayrton Alves Badriyyah, Marcelino Freire, Omar Salomão e Victor Heringer, chamam de fato a atenção. Entre tantos poemas instigantes, contundentes, reflexivos, destaco mais um apenas, *Pela décima vez*, de Amara Moira:

*Confia em mim, sou casado,
doador de sangue e, por deus,
primeira trava com que eu
saio é você, olha o estado
em que ele fica, babado:
te dou mais dez, nem assim?
Você tem cara que fez
teste, o meu deus nem um mês;
aliança e tudo, eu sou, sim,
casado, ó, confia em mim.*

Esse poema recebeu merecida atenção no citado estudo de Leandro Noronha: “O eu lírico do poema apresenta-se como ‘casado’ e ‘doador de sangue’ e seu discurso volta-se à figura de uma travesti e trabalhadora do sexo, com quem negocia um ato sexual sem o uso de preservativo. De maneira insistente, apresenta uma série de argumentos para comprovar a sua ‘confiabilidade’ e as possíveis vantagens do negócio: o seu estado civil (reafirmado com o uso da aliança), o seu antecedente sexual com outras travestis, o seu estado de excitação, o aumento do pagamento pelo programa, a recente realização de teste sorológico etc.”. A leitura de todo o volume impacta. São muitas as perspectivas teóricas e filosóficas, são muitos os engenhos formais e estéticos. A frase de Caio Fernando que dá título ao livro condensa o espírito do poema de Viviane Mosé, da antologia e dos poetas: *tente entender o que tento dizer*. Enquanto dá tempo.

*Dedicado a Cláudio Rodrigues
(in memoriam)* 



José Castilho

LEITURAS COMPARTILHADAS

TEMPOS DIFÍCEIS, TEMPOS DE SUPERAÇÃO

Ilustração: Tereza Yamashita

Em um mundo explicitamente conflagrado social e politicamente, seria uma irresponsabilidade escrever sobre política pública para o livro, leitura, literatura e bibliotecas assumindo uma atitude inspirada na célebre obra de Eleanor Porter de 1913. Definitivamente é preciso ficar distante da conhecida “síndrome de Poliana”, na qual uma boa dose de boa vontade acaba encontrando o “lado bom das coisas”, até nos fascismos e na sanha violenta e bélica da ultradireita. Com tantas evidências nas quais constatamos a intensificação de genocídios perpetrados por potências mundiais e regionais com finalidades de aumento de seu poder territorial e econômico, assim como o registro dos avanços de discursos e práticas de ódio fomentando o racismo, o xenofobismo, o antifeminismo, a homofobia, entre outras discriminações, é impossível não se inquietar com os tempos difíceis pelos quais passa a humanidade.

Se os aspectos lúdicos, sensoriais e afetivos provindos da leitura são absolutamente necessários para o desenvolvimento de políticas públicas para a formação e a manutenção de leitores e leitoras, há algo urgente para se tomar consciência: compreender que, antes de tudo, ao buscarmos o direito à leitura, estamos realizando um ato de conquista democrática da cidadania plena.

O que isto quer dizer? Se recorrermos às mais avançadas análises de pesquisadores e ativistas nos últimos 50 anos, observamos evidências que levam à convicção raciocinada de que há uma intencionalidade na nossa tradição política em manter enormes setores da população impossibilitados de ter acesso total à informação e ao conhecimento institucionalizado, o que possibilita também que a maioria de nossos compatriotas seja alijada de se comunicar plenamente com os instrumentos da leitura e da escrita que cada vez mais se impõem no século 21. Ao conhecido jargão de que vivemos a era da informação e do conhecimento, contraponho as perguntas: quem a vivencia totalmente? Quem não faz parte deste axioma contemporâneo?

Na história recente pela conquista do direito à leitura e à escrita para todos os brasileiros e brasileiras, essas preocupações não apenas estão presentes como também se baseiam em conceitos unânimes.

A construção coletiva e democrática do primeiro Plano Nacional do Livro e Leitura do Brasil,

o PNLL de 2006, em seus princípios norteadores reafirma que *a leitura e a escrita são percebidas aqui como práticas essencialmente sociais e culturais, expressão da multiplicidade de visões de mundo, esforço de interpretação que se reporta a amplos contextos; assim, a leitura e a escrita são duas faces diferentes, mas inseparáveis, de um mesmo fenômeno. (...) A leitura e a escrita constituem elementos fundamentais para a construção de sociedades democráticas, baseadas na diversidade, na pluralidade e no exercício da cidadania; são direitos de todos, constituindo condição necessária para que cada indivíduo possa exercer seus direitos fundamentais, viver uma vida digna e contribuir para a construção de uma sociedade mais justa.*

(Caderno do PNLL, atualizado em 2010, p. 32, publicada pelo MinC/MEC-PNLL, disponível na internet).

Esses princípios norteadores foram consolidados e estão presentes na primeira lei que estabeleceu uma política de Estado para a formação de leitores e leitoras, a Lei 13.696/2018, que instituiu a Política Nacional de Leitura e Escrita/PNLE, principalmente no seu Artigo 2º, incisos I, II e III.

Se juntarmos a crise nacional e global, que caracterizei como “tempos difíceis”, às pers-

pectivas teóricas da nossa luta política pelo direito à leitura no Brasil, felizmente chancelada pela lei da PNLE e por diversas experiências exitosas do primeiro PNLL, impõe-se o dever de, ao enfrentar essa difícil conjuntura, realizar na prática aquilo que concordamos teórica e legalmente.

Volto a este tema, que já tratei direta ou indiretamente nesta coluna, porque entendo que se abre novamente uma janela de possibilidades para avançarmos no direito à leitura e à escrita na perspectiva de reconstrução nacional que estamos vivenciando neste tempo de grandes desafios.

E se aprendemos algo com o tempo, é que não devemos perder de vista a indissociabilidade da formação de leitores com o avanço da luta contra a desigualdade e da defesa da ordem democrática. É essa dinâmica política que levará à crescente conquista da cidadania, só possível com a capacidade plena de leitura e escrita da maioria da população ao exercer sua autonomia intelectual e capacidade de compreensão e juízos próprios, usando os códigos atualmente em mãos de uma elite minoritária e excludente. Este será o caminho mais efetivo para se fazer frente à manipulação crescente da comunicação massiva, notadamente nas redes sociais, que se utiliza de códigos de fala e escrita que são inacessíveis para a maioria da população. Os índices vergonhosos e alarmantes da pesquisa *Indicador de analfabetismo funcional/INAF*, de 2018, na qual apenas 12% da população de 15 a 64 anos é proficiente no uso dos códigos linguísticos predominantes, atestam empiricamente as afirmações deste parágrafo. (<https://alfabetismofuncional.org.br/>)

Os tempos difíceis requerem muita clareza, ousadia, determinação e firme propósito para que se tornem tempos de superação. A história é plena de exemplos onde situações limítrofes rumo à barbárie conseguiram criar oportunidades para mudanças radicais e abertu-

ra de novos horizontes mais comprometidos com o bem-estar e com o desenvolvimento humano. Sabemos, no entanto, que se essa ação é possível, ela jamais foi construída sem o enfrentamento duro das forças que jogam no campo do individualismo exacerbado e na proteção a qualquer custo dos seus privilégios.

Pesquisas demonstram o grau de enfrentamento dos tempos atuais. O *Relatório Desigualdade S.A.*, divulgada pela OXFAM Internacional em janeiro de 2024, demonstra que lutar pela igualdade é algo fundamental para a nossa vivência no planeta. Talvez para a nossa sobrevivência! As conclusões são alarmantes e demonstram o quanto a humanidade terá de se superar. O primeiro parágrafo do documento dá o tom de gravidade que deveria acender nossos alertas máximos:

Desde 2020, os cinco homens mais ricos do mundo duplicaram suas fortunas. No mesmo período, quase cinco bilhões de pessoas em todo o planeta ficaram mais pobres. Privação e fome são uma realidade cotidiana para muita gente. No ritmo atual, serão necessários 230 anos para acabar com a pobreza, mas poderemos ter o nosso primeiro trilionário em 10 anos. (www.oxfam.org.br/forum-economico-de-dados/desigualdade-s-a/)

Esta explosão da desigualdade mundial é a marca mais profunda dos tempos difíceis e seríamos Polianas se a entendêssemos desconectada dos fatos que marcam toda a atividade do livro e da leitura. Ainda mais se insistirmos em conduzir a formação de leitores como se fosse algo supérfluo e não vital para o desenvolvimento sustentável. Apenas um exemplo: examinemos os dados de venda em nosso país.

Segundo o relatório *Panorama do Consumo de Livros*, da Nielsen BookScan e Câmara Brasileira do Livro em janeiro de 2024, apenas 16% dos brasileiros compraram livros entre outubro de 2022 e outubro de 2023. A mesma pesquisa revela que o Brasil possui uma livraria para cada 68 mil habitantes. Com agravantes: a cada 100 livrarias, 39 estão em São Paulo quando no Maranhão, por exemplo, existem apenas 21 lojas. Em termos de comparação, o Japão possui uma livraria para cada 10.500 habitantes.

Para o entendimento desses dados complexos, não devemos contabilizar apenas as diferenças de renda *per capita* dos países dominantes, mas também, e entre outras, o nível de investimento em educação e cultura em todos os níveis, os índices de emprego, de moradia, de transporte, saúde, de dignidade civil, enfim.

A pergunta é o que aprendemos e o que queremos ser, Estado e Sociedade, para reiniciarmos um tempo de superação. Para isso é preciso sintonizar *kayrós* e *chronos* e enfrentar a decisão da centralidade da formação de leitores como estratégia de Estado. 🗨



AS NUUVENS NO PERGAMINHO DO CÉU



IVSON MIRANDA

Fernando Paixão nasceu em Portugal e ainda na infância, no começo dos anos 1960, chegou ao Brasil. Durante 30 anos atuou como editor da *Ática*, atividade profissional que o faz ainda hoje gostar “de ler no papel impresso”.

O trabalho no meio editorial correu paralelamente à própria produção literária, como poeta e ensaísta. O livro **Rosa dos tempos**, de 1980, marca sua estreia. Em 1989, retornou com o lançamento de **Fogo dos rios**, seguido de **25 azulejos** (1994). Publicou também **Poesia a gente inventa** (1996), voltado para as crianças. Em 2001, venceu o Prêmio APCA com os poemas de **Poeira**.

Neste *Inquérito*, Paixão fala um pouco mais sobre seu processo criativo. “Começo lendo as páginas anteriores; se estiverem boas, o dia começa bem. Mas nem sempre é assim”, diz o autor, que desde 2009 leciona literatura no Instituto de Estudos Brasileiros, da USP.

Ele também cita autores que, em seu entendimento, público e mercado editorial deveriam prestar mais atenção. “Uma poeta: Maria Lucia dal Farra, entre as melhores da atualidade. Um poeta: Rubens Rodrigues Torres Filho, que morreu em dezembro passado.”

Ainda em 2024, o escritor publica a **Antologia do poema em prosa no Brasil**, reunindo 100 poetas desde o século 19. E prepara também um livro de ensaios sobre o tema.

• **Quando se deu conta de que queria ser escritor?**

História clássica: tive na adolescência uma professora de português que me despertou para os primeiros versos e para os primeiros sonhos eróticos.

• **Quais são suas manias e obsessões literárias?**

Comecei a trabalhar no meio editorial no tempo da linotipo, portanto não abandonei o gosto de ler no papel impresso.

• **Que leitura é imprescindível no seu dia a dia?**

Gosto de observar as nuvens no pergaminho do céu.

• **Se pudesse recomendar um livro ao presidente Lula, qual seria?**

Um retrato pioneiro e atual das ditaduras latino-americanas, que começou a ser escrito há um século: **O senhor presidente**, de Miguel Angel Astúrias.

• **Quais são as circunstâncias ideais para escrever?**

Não acredito em “circunstâncias ideais”, cada escritor desenvolve o seu modo e método para gestar e botar o “ovo”.

• **Quais são as circunstâncias ideais de leitura?**

Olhos abertos e pensamento vazio.

• **O que considera um dia de trabalho produtivo?**

Começo lendo as páginas anteriores; se estiverem boas, o dia começa bem. Mas nem sempre é assim.

• **O que lhe dá mais prazer no processo de escrita?**

Sentir a sensação de que um texto ficou bem-feito logo na primeira versão (coisa rara).

• **Qual o maior inimigo de um escritor?**

O narcisismo exagerado.

• **O que mais lhe incomoda no meio literário?**

A alta concentração do sistema literário brasileiro nas mãos de poucas editoras, empresas e órgãos de imprensa. E que só aumentou neste século.

• **Um autor em quem se deveria prestar mais atenção.**

Uma poeta: Maria Lucia dal Farra, entre as melhores da atualidade. Um poeta: Rubens Rodrigues Torres Filho, que morreu em dezembro passado.

• **Um livro imprescindível e um descartável.**

Considero **O livro do desassossego** um espanto, pode ser lido em qualquer canto do mundo. Quanto aos descartáveis, melhor esquecê-los...

• **Que defeito é capaz de destruir ou comprometer um livro?**

O uso inadequado da primeira pessoa — tanto na prosa como na poesia — costuma ser uma doença infantil dos escritores.

• **Que assunto nunca entraria em sua literatura?**

No âmbito da arte literária, é proibido proibir-se.

• **Qual foi o lugar mais inusitado de onde tirou inspiração?**

Ao visitar a Capela dos ossos, em Évora, saí de lá com alguns versos na cabeça, que depois se completaram. Inusitado porque o poema veio de fora para dentro.

• **Quando a inspiração não vem...**

O melhor é ter humildade para reescrever o que ficou ruim.

• **Qual escritor — vivo ou morto — gostaria de convidar para um café?**

José Paulo Paes, a cujo enterro não pude comparecer por estar em viagem. Muita coisa para conversar...

• **O que é um bom leitor?**

Aquele que vai além, o que lê o que não lê.

• **O que te dá medo?**

A violência incorporada como hábito cotidiano, 24 horas por dia na vida e nas diversas telas com que se convive.

• **O que te faz feliz?**

Conversar com minha mãe, de 97 anos, sobre nossa vida na aldeia da minha infância.

• **Qual dúvida ou certeza guiam seu trabalho?**

Prefiro começar a escrever sem a companhia dessas dilemáticas senhoras. Elas aparecem depois sem serem convidadas.

• **Qual a sua maior preocupação ao escrever?**

Não ter preocupação.

• **A literatura tem alguma obrigação?**

É melhor que ela nos leve para longe das obrigações.

• **Qual o limite da ficção?**

Não permitir que a auto-ficção a contamine por completo, pois obedecem a dois ritmos diferentes.

• **Se um ET aparecesse na sua frente e pedisse “leve-me ao seu líder”, a quem você o levaria?**

Entregaria a ele as biografias de Martin Luther King e de Nelson Mandela.

• **O que você espera da eternidade?**

Que seja apenas éter, sem idade. ☪

rascunho recomenda NACIONAL

Curitiba e Londrina estão no centro da prosa do paranaense Carlos Machado. Mais do que cenários, as cidades ganham status de personagem na literatura memorialística do autor. Em seu mais recente romance, Machado volta aos seus locais ficcionais preferidos. Depois de duas décadas sem visitar sua cidade de origem, o psicólogo Pedro retorna ao interior do Paraná com a suposta finalidade de reatar alguns laços soltos e voltar a um passado que o acompanha. A narrativa dessa busca (estruturada em prólogo, episódios e epílogo, como as tragédias clássicas do teatro grego) fornece pistas para o leitor sobre qual a verdadeira razão de sua viagem, sua relação com a mãe e com o pai, seus avós paternos (que vieram da Itália fugindo da Segunda Guerra) e ainda divagações sobre como a psicanálise e algumas pseudociências (ironizadas por ele) explicam a formação de seu caráter e personalidade determinada, muito possivelmente, pela infância e outros momentos de sua criação. “O cheiro da terra vermelha depois da chuva é algo de que nunca me esquecerei. Assim como jamais perderei o enlace dos dias mais frios de Curitiba, quando tudo fica cinza e o sol parece nunca mais ter forças para aparecer”, narra uma passagem do romance.



Imagem invertida

CARLOS MACHADO
Urutau
148 págs.



DIVULGAÇÃO



Sobre o que falamos

ANA CRISTINA BRAGA MARTES
Editora 34
200 págs.

Espécie de romance de formação, **Sobre o que falamos** acompanha a jovem protagonista em sua luta para desvendar o mistério sobre seus pais, que será também uma jornada de descoberta das palavras, da história política do país e de sua própria identidade. No centro da trama, está uma pré-adolescente que nunca conheceu os pais, criada pelos avós numa cidade pequena, numa casa cercada por segredos. Ana Cristina Braga Martes mostra os desafios externos que a protagonista enfrenta e os seus dramas internos com igual intensidade. Valendo-se de sua experiência como socióloga, ela elabora um retrato fiel de uma época e uma análise viva de alguns dos problemas mais persistentes da sociedade brasileira, como a injustiça, a herança da ditadura, a violência contra mulheres e as desigualdades de raça e gênero numa sociedade fortemente patriarcal.



A poesia que há

ANDRÉ CARAMURU AUBERT
Rizoma
102 págs.

Quarto livro de poemas do André Caramuru Aubert, **A poesia que há** reúne versos escritos entre setembro de 2018 até o mesmo mês de 2020. Dividido em duas partes, *praga & ossos* e *carne & alma*, o conjunto de 72 poemas capta as turbulências políticas que o Brasil enfrentou recentemente e todo o horror causado pela pandemia da covid-19. De acordo com o autor, como poetas não vivem em torres de marfim, seria impossível não se deixar influenciar pelo clima sombrio que tomou conta do país. A exemplo dos versos de *conradianas*: “o que dizer de todas as coisas que todos os dias são uivadas/ e berradas/ com o desassossego típico dos boçais, o que dizer/ de todos os atos perpetrados,/ de toda a maldade, de tudo o que de mais inominável emerge,/ parece que do nada, para assombrar/ a todos nós, de dia e de noite, sem descanso, e o que dizer/ do coração da treva, do horror, o horror”. O livro ainda traz também narrativas mais líricas e sensuais. Nascido em São Paulo (SP), em 1961, Aubert é autor de **se / o que eu** (poesia, 2019) e **Poesia chinesa** (romance, 2018). Mensalmente, traduz autores estrangeiros para o **Rascunho**.

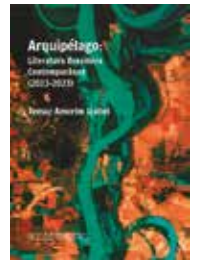
Entre maio de 2021 e junho de 2022, a editora e tradutora Heloisa Jahn fez uma série de entrevistas com Jean-Claude Bernardet, seu amigo de longa data, como parte do projeto que havia desenvolvido para construir a (auto)biografia do crítico de cinema. Jahn faleceu antes de dar início à redação do texto. Sabina Anzuategui assumiu a responsabilidade de montar, ao lado do próprio Jean-Claude Bernardet, o quebra-cabeças criado a partir das conversas entre os velhos amigos. O resultado é um registro da trajetória pessoal e pública de um personagem da cultura brasileira.



Wet mácula: memória/rapsódia

JEAN-CLAUDE BERNARDET
E SABINA ANZUATEGUI
Companhia das Letras
144 págs.

Autor de livros de poesia, Tomaz Amorim também é doutor em Teoria Literária pela USP. Neste conjunto de textos de crítica literária, ele analisa trabalhos em prosa e verso de autores brasileiros contemporâneos. Além da análise específica de livros de Mar Becker, Luiza Romão, Cida Pedrosa, Régis Bonvicino, Daniel Franco e Fabiano Calixto, o livro se propõe a mapear tendências formais da última década, produzindo um panorama histórico sobre as diversas “ilhas literárias” que compõem o cenário atual.



Arquipélago: literatura brasileira contemporânea (2013-2023)

TOMAZ AMORIM IZABEL
Oficinas Terrestres
136 págs.

Nesta edição ampliada, Sérgio Xavier Filho revela como ficou a vida de cada um dos personagens 13 anos depois do “Desafio do Portuga”. Em outubro de 2006, o empresário Amílcar Lopes Jr., o Portuga, realizou um feito memorável ao completar a Maratona de Chicago em 2 horas 43 minutos e 50 segundos. A marca, extraordinária para um amador, fez dele uma espécie de lenda no circuito dos corredores de rua de São Paulo. Desde aquele momento, Portuga se tornou o homem a ser batido. O esporte é o pano de fundo, mas o que está em jogo é muito mais do que isso. São histórias de competição, superação e camaradagem.



Operação Portuga 2.0

SÉRGIO XAVIER FILHO
Arquipélago
208 págs.

O livro de Fernando Cerisara Gil busca repensar e desentranhar ângulos e problemas diferentes que envolvem o regionalismo brasileiro. De um lado, persegue as configurações do conceito desde a sua emergência no pensamento literário, com suas estreitas ligações com a formação política e social do país. De outro, analisa as formas diversas de a ficção brasileira falar sobre o mundo rural, a partir da análise de romances que vão de Afonso Arinos a Itamar Vieira Junior, passando por Graciliano Ramos, Clarice Lispector e Guimarães Rosa.



Pelo prisma rural

FERNANDO CERISARA GIL
Unicamp
304 págs.

Com sua mochila às costas, chega o hippie Tenório ao Poti Velho, bairro mais antigo de Teresina. São fins dos anos 1970. Ele se instala num pequeno espaço comunitário. Sua chegada causa impacto: seja pela beleza do homem, seja por sua maneira libertária de ser. A partir do seu relacionamento amoroso com uma radialista e ativista política, passa o forasteiro a ter a estima de repentistas e de vários outros tipos característicos da povoação. Mas também desperta a desconfiança de várias pessoas. E é a partir desse conflito que Oton Lustosa desenvolve seu romance.



Vozes da ribanceira

OTON LUSTOSA
Mondrongo
260 págs.

alcir pécora

CONVERSA, ESCUTA

UM VIGARISTA CHAMADO JORGE (3)

Em continuação ao que vínhamos dizendo sobre **Vigarista Jorge**, de Jorge Mautner, a narrativa começa *in medias res* com o narrador-protagonista andando por uma estrada qualquer, num dia cinzento, frio e chuvoso. Não existem cores à vista, a não ser algumas nuances frias de azul e verde. O mar está de um lado da estrada e, do outro, se encontra a cidade, parecendo, portanto, que a estrada ocupa um lugar de separação ou de fronteira, numa possível nova remissão à mudança de Mautner do Rio para São Paulo.

Ficamos então sabendo que o protagonista está à procura de um “feiticeiro” famoso, não se sabe exatamente para quê, mas a busca dá à sua caminhada um caráter de *quest* ou missão. O termo “feiticeiro”, numa primeira leitura, parece reforçar o aspecto de jornada mística ou interior suposto usualmente na *quest*. Se acrescentarmos a isso o que já dissemos nas colunas anteriores, o feiticeiro potencialmente traz consigo algo da influência misteriosa e benigna que trazia a antiga “babalorixá” negra da infância paradisíaca perdida. Além disso, o emprego do termo feiticeiro parece referir algum tipo de autoridade xamânica, de inspiração indígena ou talvez africana.

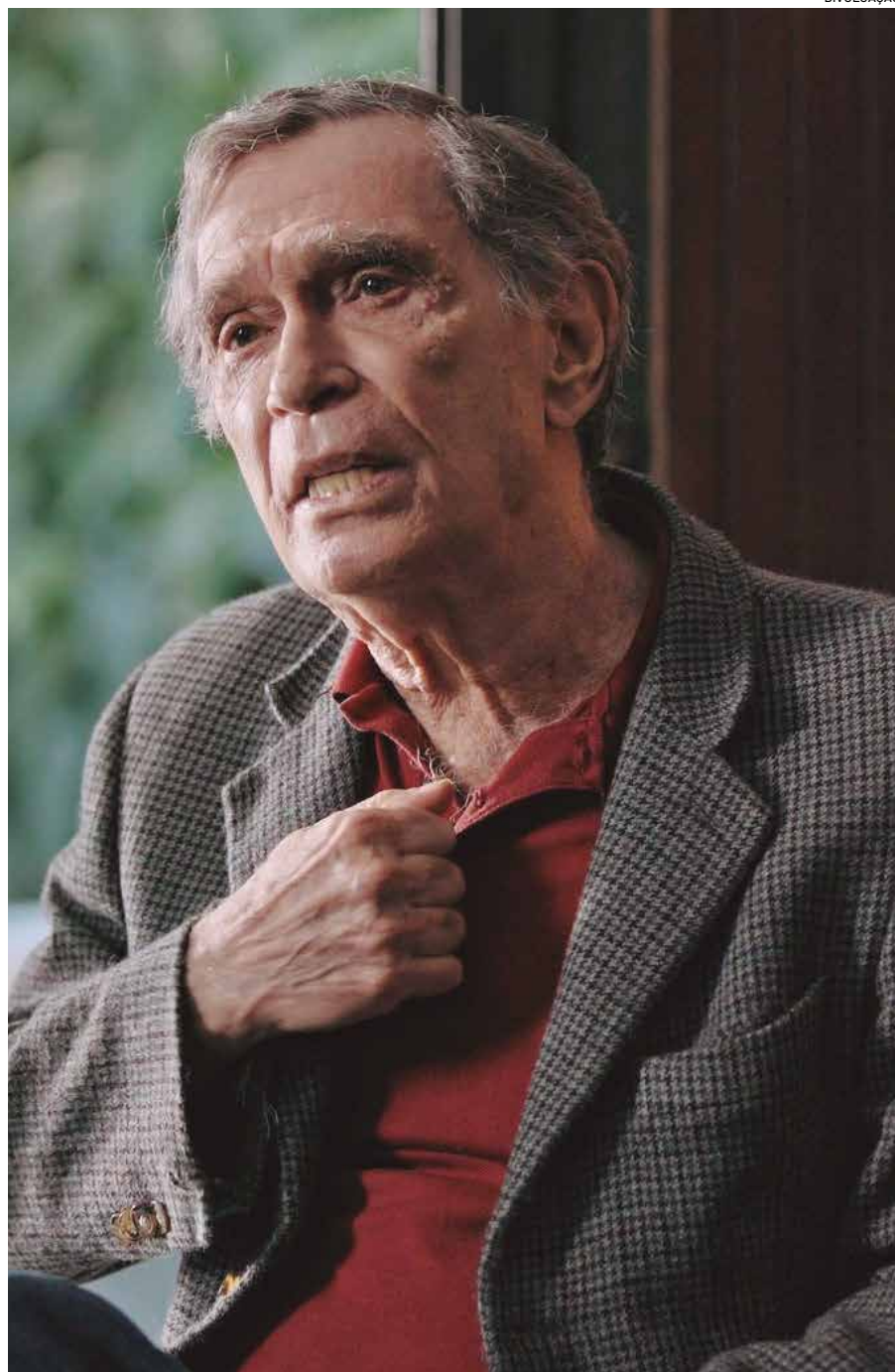
Trata-se, em qualquer caso, de um tipo de esoterismo vago, com ares alternativos, que se ajusta facilmente ao ambiente da contracultura dos anos 60. Quer dizer, o relato parece bastante datado, mas não deixa de ser surpreendente também o seu caráter *up-to-date*: estamos em 1964-1965, e essas são referências que apenas se tornarão mais populares no Brasil mais ao fim da década, especialmente a partir do sucesso estrondoso das narrativas de Carlos Castañeda, cujo **A erva do diabo** é de 1968.

É então que, não mais que de repente, surge outra personagem no meio da estrada: uma menina “gentil” que chama a atenção do protagonista a ponto de ele resolver, de pronto, adotá-la como “filha”. Porque esse súbito impulso paternal, não se sabe, assim como não se sabe o que fazia uma criança sozinha, ali, naquela estrada perdida entre a praia e a cidade. Enfim, está claro que não há qualquer verossimilhança pertinente ao caso: estamos simplesmente na vertigem de um fluxo narrativo que se alimenta de irrupções súbitas e simbologias de época, ambas associadas a emanções do protagonista infantilizado. Não quero dizer com isso

que o relato não faça sentido, mas sim que não pode ser compreendido pela verossimilhança das ações, obrigando necessariamente à interpretação simbólica de um processo vivido em boa parte de maneira inconsciente. Aliás, me ocorre agora dizer que, desse ponto de vista, estamos num registro em que o fluxo inconsciente está no coração da matéria: o narrador tosco de Mautner narra sobretudo a ruptura sofrida na infância, a qual retorna indefinidamente, travando a possibilidade de que a sua maturidade possa ser vivida com coragem e alegria, à maneira nietzscheana que ele parece admirar.

A menina, por sua vez, aceita prontamente a adoção pelo protagonista uma vez que alegadamente também “precisa” de um pai, numa curiosa inversão da ideia libertária e contracultural de liquidar a autoridade dos pais. No entanto, a impressão final que a criança deixa é que ela está tão solta no espaço da narrativa, é tão aleatória em relação aos eventos, que ela pode se dobrar indefinidamente aos desejos e carências do narrador-personagem. Assim como surgiu do nada, pode ser adotada do nada, e pode posteriormente desaparecer no nada, que é o que efetivamente vai ocorrer mais tarde: tudo está nas disposições afetivas do narrador. Por ora, entretanto, ambos, homem e menina, na adoção mútua, espontânea, mas também providencial, como que juntam as duas carências, vicariamente preenchidas.

Após a adoção da menina, passando a andar em sua companhia, o narrador surpreendentemente não sublinha a harmonia do encontro, mas sim o ódio que sente pelo “burguês”, e, em particular, pela sociedade do consumo, que o faz pensar mesmo em suicídio. Quer dizer, o encontro paternal com a garota não pacifica o seu espírito, mas, ao contrário, acentua um viés inconformado e incompatível com a vida em família, conservadora e consumista. Convém notar, entretanto, que essa nota suicida, potencialmente dramática, não o é, de fato: ela não chega a subir nem a descer o tom narrativo, e, por isso mesmo, não chega a convencer de sua possibilidade real. Ela surge mais como arremedo de protesto político; como desenvolvimento de uma lógica antiburguesa, sem implicar verdadeiramente um drama pessoal com densidade emocional. O suicídio é, a rigor, apenas hipótese surgida episodicamente dentro da sua ação mais obstinada, qual seja, a de buscar o tal feiticeiro misterioso, que teria a resposta para

O músico e escritor Jorge Mautner, autor de *Vigarista Jorge*

as suas angústias. Nessas circunstâncias, o encontro com a menina surge na estrada sobretudo como sinal de que está no rumo correto.

E eis que novamente, sempre de forma repentina, surge na estrada uma nova personagem: desta vez, um velho que dirige um “calhambeque”. O termo para se referir ao carro é interessante. Em princípio, literalmente, referiria apenas um carro velho e em más condições, o que serviria ao relato para evidenciar um lugar de pobreza, exterior à sociedade de consumo que o narrador invectiva. Acontece que, mais uma vez, Mautner mostra estar muito antenado com os tempos, conquanto pareça completamente fora de órbita. Assim, ele refere o “calhambeque” ainda antes que Roberto Carlos o faça e introduza na mitologia popular da Jovem Guarda, o programa de TV que divulgou o rock no Brasil. Num caso ou noutro, o “calhambeque” parece referir o mesmo estilo barato, desprezado pela elite cultural ou econômica, mas com grande penetração entre os jovens. Não estou dizendo, entretanto, que Mautner antecipou nada, mas apenas que demonstra estar atento aos movimentos do mercado cultural: não para acatá-lo apenas, o que nunca real-

mente chega a fazer, mas sim para parafraseá-lo de maneira irônica, sem deixar de manifestar também o seu contrário *naif*. Eis aí o oxímoro mautneriano por excelência: a junção paradoxal de ironia e ingenuidade.

O velho então se apresenta como sendo “Xorin” — uma corruptela de chorinho talvez? Um velho ritmo, uma tradição à espera de quem a rejuvenesça? Pois Xorin é justamente o feiticeiro que o protagonista buscava. O objeto da sua *quest*, por assim dizer, cai-lhe no colo, sem maiores provas de valor, a não ser a de adotar uma criança.

O narrador então logo se candidata ao posto de auxiliar do feiticeiro. O currículo que oferece para obter o cargo é a sua fragilidade: é um “poeta”, e, por definição, alguém “fraco”, avesso à violência do mundo que se desenha diante deles. O velho então lhe responde que “feiticeira não existe”, e que só fingia praticá-la como forma de ajudar as pessoas. Revela-se aí, portanto, a boa vigarice, a trapaça do bem, por assim dizer: não sendo um autêntico curandeiro, encena a função, motivado pelo propósito benigno de que as pessoas acreditassem nesse poder fantasioso e então se curassem a si mesmas. **●**

DIVULGAÇÃO

Quem já frequentou a obra do mineiro Lúcio Cardoso dificilmente escolherá, para dizer do peso dessa leitura, um qualificativo que seja sem paixão. Como alguém já disse uma vez: “ou somos a favor ou contra”. Pois aí está um autor capaz de provocar juízos e sentimentos os mais radicais, nunca provocando indiferença, de maneira que retorna, como o que não se digere em análises, e seu impacto de escândalo e controvérsia reincide em novos leitores. Isso parece constatável, prospectivamente, pelos anos que se seguiram à sua morte, em 1968: em mais de cinco décadas, poucos anos houve que não surgissem notícias de Lúcio Cardoso, em livros póstumos, reedições, filmes baseados em sua vida e obra, estudos acadêmicos, biografias, homenagens. Se o tenebroso de sua ficção, sua poesia e seus diários, continua a causar mal-estar em muita gente, também continua a vigorar aí a ambição maior do próprio autor, que de fato desejava, com seus livros, “violentar até a saturação” e “destruir o equilíbrio” dos seus leitores.

Novíssimas edições dos diários (em **Todos os diários**) vêm atualizar a violência de suas páginas sob o primoroso trabalho de mais de uma década de organização de Ésio Macedo Ribeiro (também organizador da edição crítica da poesia completa de Lúcio, de 2011, e das edições anteriores dos **Diários**, de 2012 e 2013) a partir de todo o espólio do autor. Numa das partes do primeiro e segundo volumes, estão reunidos os escritos de algum modo já conhecidos do público, de 1949 a 1962, publicados pela José Olympio nos idos de 1970. A esse material, então cuidadosamente ampliado, corrigido e revisado, acrescentam-se diários inéditos, de 1942 a 1947, outros textos inéditos em livro, também dispersos já publicados pelo autor, como o célebre *Lúcio Cardoso (patético): Ergo meu livro como um punhal contra Minas*, e textos publicados postumamente, como o *Diário do terror*. Junta-se ainda mais uma parte, no segundo volume: *Diário não íntimo*, a coluna que Lúcio assinou no jornal *A Noite*, de agosto de 1956 a fevereiro de 1957.

Da leitura desse raro conjunto de textos, que somam vinte anos de reflexões literárias e existenciais, memórias de infância e juventude, apontamentos de viagem, passagens poéticas, outras aforísticas, lutas profundas do espírito, metamorfoses no bojo de contradições, assoma-nos a imagem de um homem constantemente perturbado, de “coração transido”, entenebrecido, obcecado pela realidade do bem e do mal, interessado em tudo o que é matéria de salvação e danação, esperança e desespero (e “desesperada esperança”), destino e autodestruição (até as reticências da tentação do suicídio). O escritor ele mesmo desconfiava, e o diz em seus diários, que os outros podiam enxergar em seus olhos sua escuridão interior. Assoma-nos, também, por fome desse coração transido, um homem que lê constantemente, e criticamente, os escritores de sua época, e outros, filósofos e artistas em seus diários; um homem que, a certa altura da vida, se diz “um velho leopardo”, “o peregrino do absoluto”, alimentado por muitos fracassos e nostalgia, marcado pela inevitabilidade da tragédia, mas ferozmente lúcido, destemido para a controvérsia, em ativa interlocução com vários outros autores, colegas ou amigos próximos, como Clarice Lispector, Augusto Frederico Schmidt, Cornélio Penna, Murilo Mendes, Burle Marx e Octavio de Faria.

O peregrino do absoluto

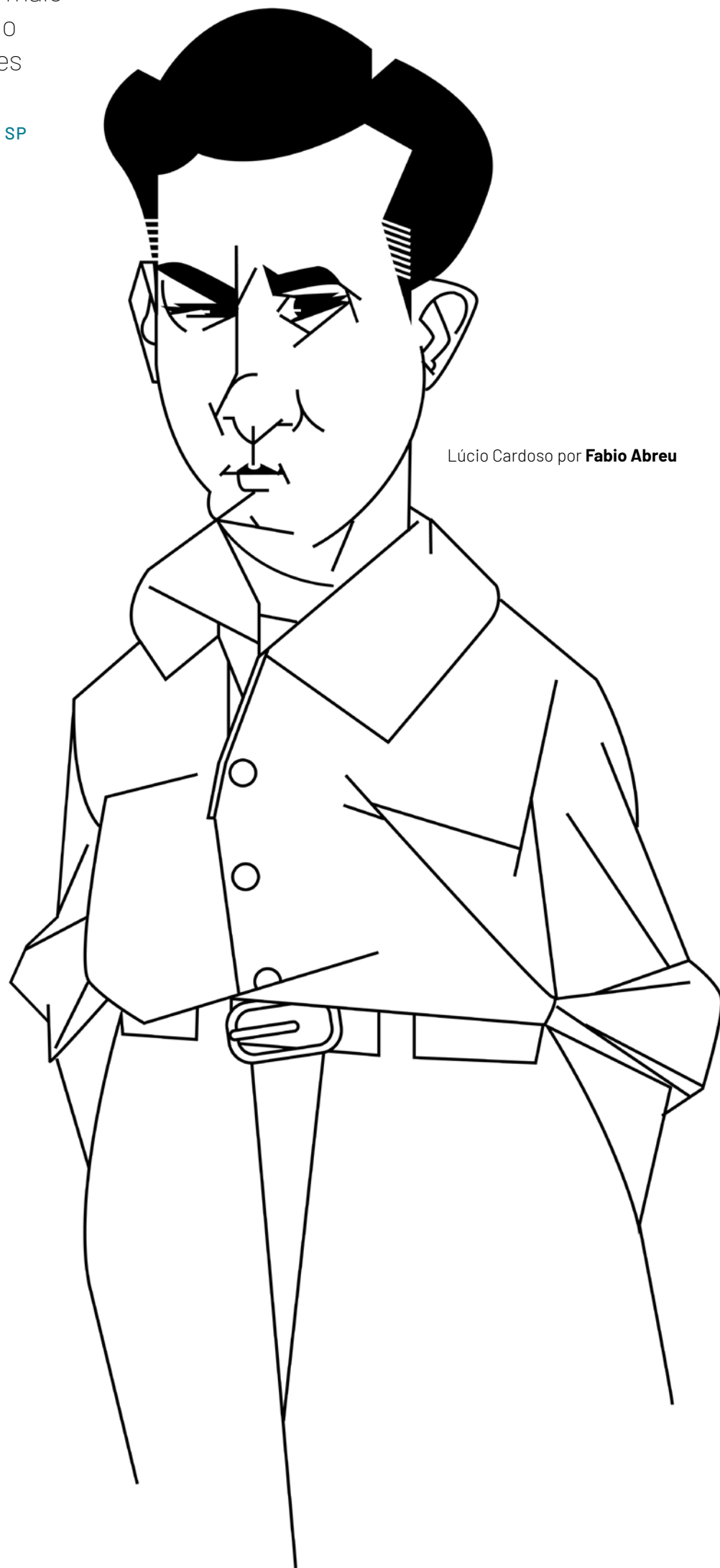
Obra de **Lúcio Cardoso** provoca juízos e sentimentos os mais radicais, nunca deixando indiferentes seus leitores

MARIANA IANELLI | SÃO PAULO - SP

Mescla apaixonada

Em todos os diários, inclusive o “não íntimo”, comentários críticos de Lúcio sobre livros lidos (muitos russos e franceses) se intercalam a outros pensamentos, atmosferas de paisagens, imagens para poemas, preces, e essa mescla apaixonada, justamente, denota como a literatura participava de sua vida numa busca maior, nesse “itinerário do espírito” ao longo dos anos, que, propositalmente, pouco se preocupa em registrar fatos, ocupado que está, sobretudo, com as experiências que são “a alma desses fatos”.

O que importa para Lúcio, e ele o repete com frequência, é a sinceridade, ou a “bendita falta de vergonha”, por isso não o constroem as contradições, nem mesmo a falta de novidade, sendo seu itinerário autêntico e seu gesto (voto) primeiro, ao escrever, o de “apresentar-se nu tal como diante de Deus”. Seu destemor, dentro mesmo do temor religioso, vem dessa nudez de amotinado contra a hipocrisia, o conformismo, a inércia do hábito e um “Cristo limpo”. Um destino humano que ele admira sem restrições é o de Rimbaud. E as polêmicas que provavelmente continuarão a despertar o paroxismo da violência das suas visões e a sua consciência impiedosa da miséria humana, é de se imaginar que hoje tampouco preocupariam Lúcio (ao contrário, ele até ansiava por isso, dizendo-se “um terreno cheio de dinamite”), se afinal, ele sabia, todo artista é levado numa carroça até o patíbulo (ou ainda: “não há perdão para os poetas”). Se uns “vão até o fim, enganados”, se “outros, mais espertos, saltam antes do fim”, “alguns, muito raros, vão conscientes até o fim”. É entre esses raros que Lúcio se coloca, no caminho para o patíbulo, “cantando e pisando em brasas, que este é o preço do que não tem preço”.



Lúcio Cardoso por **Fabio Abreu**

Nos textos de 1942 a 1947, que permaneciam inéditos até então, e que o organizador nomeou de *Diário 0*, é interessante notar sua diferença em relação aos outros diários a partir de 1949: não somente ali prepondera um olhar analítico para as leituras mais do que para experiências de vida, sendo as leituras críticas, a maior parte delas, exegeses bíblicas, também ocorre, nesse período, que Lúcio pretende filosofar, “estudar o homem”, e mais do que isso: acredita que “é preciso abandonar a tragédia”. Mas, ainda no ano de 1943 (lembrando que esse é o ano da publicação de sua extraordinária tradução do *Livro de Jó*), regado a muitas leituras da *Bíblia*, e de Nietzsche, Pascal e Léon Bloy, o escritor não consegue mais recusar o incontornável do drama e da tragédia, o que o leva mais a fundo e adentro no caminho de um cristianismo que é o contrário da ordem e da paz.

Também em 1943 se dá o encontro entre Lúcio e o escritor francês que ele tanto lia e admirava: Georges Bernanos, que nessa época morava na cidade mineira de Barbacena. Outras lembranças com Bernanos aparecem, nos diários que se seguem e na coluna de Lúcio no jornal *A noite*. Quando tem por encerrado seu “processo filosófico”, dando-se conta de que “a filosofia não desnuda o homem”, Lúcio se volta para a vida, “foge para o sentimento”, e brinca de inaugurar (pois também lhe agrada, aqui e ali, a blague) uma antededicatória para os seus cadernos: “Merda aos intelectuais”.

As questões antes levadas à análise e a interpretações filosóficas agora importam encarnadas em enredo e acontecimento humanos, e as leituras mais comentadas por Lúcio são dos diários de outros escritores e artistas, como André Gide, Julien Green, Kafka, Delacroix. Esse enredo, que a vida em movimento desenvolve, e que ocupa a atenção de Lúcio em seus diários de 1949 a 1962, é também aquele ao qual as personagens de seus romances e de suas novelas têm sua carne e alma amarradas. Lúcio não compreendia o romance como uma pintura, como muitos podem se sentir tentados a fazer, associando o escritor ao pintor que ele também foi no final da vida. O romance, na compreensão de Lúcio, era “um estado de paixão”. Ele abraça a paixão na literatura e na vida, certo de que um livro se escreve não só com o cérebro, mas com o corpo todo, as vísceras, “a alma doente do seu autor” e as mãos sujas de sangue.

Na obra-prima de sua maturidade literária, **Crônica da casa assassinada** (1959), que também ganhou nova edição em 2021, as cenas e paisagens de sombras, cultivadas até o desabrochar demolidor da tragédia, são construídas de tal forma e com tal manejo de tensões e interdições no baralhar de cartas, diários e confissões de seus personagens, que o leitor não apenas se vê atingido, fascinado ou escandalizado enquanto leitor, mas ali implicado (possivelmente



Crônica da casa assassinada

LÚCIO CARDOSO
Companhia das Letras
560 págs.



Todos os diários

LÚCIO CARDOSO
Org. Écio Macedo Ribeiro
Volumes 1 e 2
Companhia das Letras
448 págs. e 424 págs.

nauseado), de algum modo partícipe de crimes humanos semelhantes. O que brota do drama, num impulso de violência, para Lúcio, leva ao reconhecimento da fé. Décadas depois, vale lembrar, a poeta Hilda Hilst rebateria à repercussão escandalosa causada por sua “trilogia obscena” com uma chave parecida: que, sendo “consideravelmente repugnante”, você provocará no outro “a nostalgia da santidade”.

Jogo de fantasmagorias

Uma arquitetura de sombras se erige do portento de angústias e pecados que compõem **Crônica da casa assassinada**. Não há uma personagem, um jardim, uma flor, uma janela, aberta ou fechada, que não seja peça nesse jogo de fantasmagorias e interditos que vai preparando, sob uma atmosfera de terror, a derrocada de uma casa, uma família, uma era de falsas glórias. O cadáver enrolado em lençol sobre a mesa de jantar, empestando o ar da casa dos Meneses, serve-se no fim de tudo numa ceia maldita a toda gente ali reunida, flor da tragédia que se abre, indissimulável, como uma verdade.

Pensando no teor e na ambientação densa de trevas desse romance de muitas vozes e sombras da verdade, vale a pena lembrar a noção de sombra que a linguagem incorpora, sobre a qual fala o escritor português Paulo José Miranda em seu livro **Um prego no coração** (pu-

blicado no Brasil pela Moinhos). A noção de sombra em seu triplo sentido: metafísico, moral e artístico. Lúcio prepara sua “blasfêmia” (pois assim vê seu romance: escrito “como quem lança à face dos homens uma blasfêmia”) fazendo excelente uso desse triplo sentido de sombra na arquitetura da destruição de uma já decadente família tradicional mineira. Aqui é marcante a relação (bem conhecida) entre Lúcio e Bernanos: o jogo fatal que suas personagens jogam, o embate entre fé e vazio, o bem e o mal, até um inevitável desfecho de morte. E tal como as personagens femininas de Bernanos, também as mulheres de **Crônica da casa assassinada** têm “influência corruptora”, operam sortilégios, mentem, conspiram, pervertem, até o cúmulo da possessão. “Há um diálogo subterrâneo, que se manifesta sem cessar, e que nos transforma neste mundo em tentos de uma partida jogada no invisível”: essa é uma das anotações de Lúcio, em seus diários, de janeiro de 1951. Esses “tentos de uma partida jogada no invisível”, o leitor os encontra nos romances de ambos os autores, e assiste a essa partida, na sombra da mentira, na sombra do mal e na sombra do que não está dito mas encarnado numa atmosfera, numa imagem ou numa troca de olhares entre personagens.

Próximo de Bernanos também em sua ferocidade crítica, e de Jean Genet na natureza de sua revolta, Lúcio, com o seu “punhal erguido”, também investe “contra todos os que nesta época de nivelamento e de ausência de mistério pretendem nos impor um Cristo limpo e distante, um Cristo adomingado e sem abjeção”, aí incluídos a igreja e certos escritores católicos. Seus diários contêm muitas passagens inflamadas em defesa de uma verdade fulminante, e são passagens tão inflamadas que deliram abertamente, por exemplo, ao desejar uma volta à Idade Média com suas fogueiras e seu terror à mostra. “A chacina é uma ânsia de minha alma” é uma das frases antológicas de seus diários. Que venha o caos, ele incita, que venha a catástrofe, haja sangue e violência, para que venha o homem novo, e que não subsista pedra sobre pedra, como diz o *Evangelho*, ou como se dá com a Chácara dos Meneses: é nessa toada revoltosa que o escritor vai se consumindo, conscientemente, em sua paixão e no itinerário de suas páginas.

Aforismos

Quem entrar nessa edição de **Todos os diários** em dois volumes, ainda poderá pescar dali uns quantos aforismos que lembram o espírito de **O discípulo de Emaús** (1945), de Murilo Mendes, como por exemplo: “Não há regra que decida, nem regulamento que regule, nem salvação pela moral”; “De nada vale um silogismo perto de um enredo”; “Só vale a pena perder enredo para se ganhar santidade”; “Tudo se pode corromper por excesso de compreensão e por

TRECHO

Crônica da casa assassinada

Aí estava a causa do meu terror: por todo o quarto, transcendendo a simples doença, pairava como a sombra de uma existência sobrenatural. Não era uma enfermidade comum, mas um fato marcante, um diálogo de consequências imprevisíveis, porque não era travado em torno de dados pertencentes apenas a este mundo.



O AUTOR

LÚCIO CARDOSO

Nasceu em Curvelo (MG), em agosto de 1912. Caçula de cinco irmãos, passou a infância em Belo Horizonte. Em 1929, mudou-se para o Rio de Janeiro e teve suas primeiras experiências no jornalismo e na dramaturgia. Em 1934, publicou o primeiro romance, **Maleita**, com recepção entusiasmada da crítica. Seguiram-se, em intervalos curtos, diversas publicações, como os romances **Salgueiro**, **A luz no subsolo**; **Dias perdidos**, novelas, poemas e peças teatrais. Em 1947, começou a colaborar como jornalista no periódico *A Noite*. No final da década de 1950, veio sua obra-prima, **Crônica da casa assassinada** (1959), que o consagrou definitivamente como ficcionista. Em 1962, teve dois acidentes vasculares cerebrais, e, impossibilitado de escrever, começou a pintar. Realizou quatro exposições individuais, a derradeira em 1968, ano em que faleceu após mais um AVC. Dois anos antes de sua morte, recebeu o Prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras, pelo conjunto da obra.

inação”; “Com pudor não se consegue nada, nem com idolatria”; “Que valor pode ter o dogma diante de uma alma inconformada?”; “Creio em anjos mas não creio em ideias”; “O pensamento não substitui a vida”; “Qualquer estilo de paixão é vida”.

Além disso, o leitor tem as passagens mais poéticas no *Livro de Bordo*, que Lúcio dedica a seu amigo pintor Rodrigo de Haro. Quatro dos textos dispersos que fazem parte do segundo volume também podem ser encontrados na edição crítica de **Crônica da casa assassinada** (organizada por Mário Carelli para a Coleção Arquivos da Unesco, em 1991, com segunda edição ampliada de 1996): *Lúcio Cardoso (patético): Ergo meu livro como um punhal contra Minas, Diário de terror, Pontuação e prece e Confissões de um homem fora do tempo*. Na parte que reúne o *Diário não íntimo*, não são poucas as curiosidades, histórias envolvendo amigos e conhecidos de Lúcio, lançamentos de livros, filmes, peças de teatro, exposições de arte da época, além de algumas anedotas (e aqui ressurge, mais uma vez, Bernanos, num jantar, falando sobre Joana d’Arc durante horas). Sendo a última seção do segundo volume, essa é também a mais leve e arejada. O leitor fica a saber que Lúcio recebeu um livro de Alphonsus de Guimaraens das mãos do presidente Juscelino Kubitschek, que Jorge de Lima tinha um telescópio em seu consultório, que o livro **A maçã no escuro** de Clarice Lispector antes se chamava *Sangue nas veias*, que Burle Marx se queixava de que ninguém mais conhecesse uma rosa-chá, ou ainda, que o mais impressionante para Ernst Jünger, quando esteve no Brasil e visitou o Jardim Botânico, foi ver uma manga. Ficam também, da leitura desses textos de jornal, algumas lembranças afetivas e poéticas de Lúcio, pungentes sendo singelas, como a da primeira vez em que ele viu o mar com sua mãe, ou do velório da tia e das rosas vermelhas que pôs em suas mãos geladas, ou de quando, ainda menino em Minas, fugia da aula para se deitar entre pés de milho.

Depois dessa longa jornada, amiúde angustiosa e grave, pelos diários de um escritor que foi até o fim, “cantando e pisando em brasas”, ou pelas cartas, depoimentos e confissões das personagens de **Crônica da casa assassinada**, também será difícil um leitor que não saia marcado. Em seu *Diário de terror*, ele diz:

tudo o que plantei em mim, as sementes do bem e do mal, a terra que revolvi e adubei, que cumpra o seu destino e produza, ainda que a flor azul aos meus olhos não seja aos olhos alheios senão um fungo demente e monstruoso, uma rosa de fel e pestilência.

Essa rosa de fel, quem não a vê? E também a flor azul, que sempre há o poeta em Lúcio, e um “poeta imperdoável”. **U**

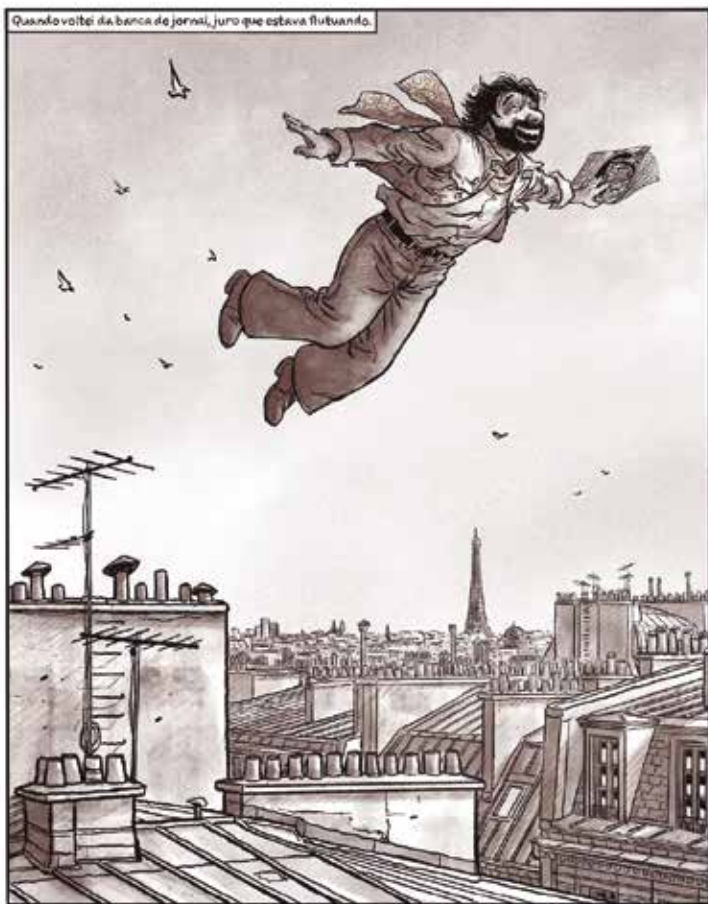
rascunho recomenda INFANTOJUVENIL HQ JOVEM

Em 5 de agosto de 1976, JeanLouis Tripp, então com 18 anos, curtiu um período de férias familiares marcado por calor intenso e diversão despreocupada. No entanto, um evento súbito e devastador lança uma sombra sobre essa atmosfera alegre: seu irmão mais novo, Gilles, é vítima de um trágico atropelamento. Levado ao hospital, Gilles sucumbe aos ferimentos horas após o acidente. Esse evento dilacera a vida de JeanLouis, imergindo-o em uma angustiante espiral de culpa, e marca o início de sua dolorosa jornada de luto. Após mais de quatro décadas desde essa perda, o autor opta por revisitar os acontecimentos que moldaram aquele fatídico período. JeanLouis mergulha de cabeça em suas próprias lembranças e nas lembranças daqueles que estiveram próximos a ele no momento crucial. Ele se empenha em retratar a devastadora perda de seu irmão caçula, que na época contava com apenas 11 anos de idade, e que permanece uma parte indelével na história da família até os dias atuais.

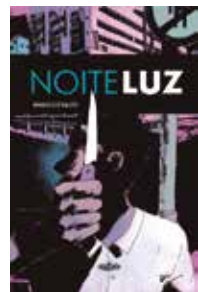


Meu irmão caçula

JEANLOUIS TRIPP
Trad.: Renata Silveira
Nemo
340 págs.



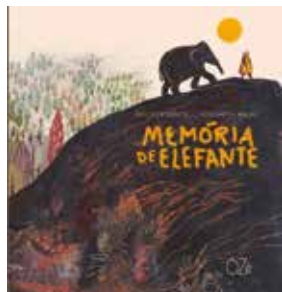
DIVULGAÇÃO



Noite luz

MARCELO D'SALETE
Veneta
144 págs.

Primeiro livro do quadrinista Marcelo D'Saete, lançado originalmente em 2008, **Noite luz** antecipa características que se tornaram marcantes no trabalho do artista: um olhar sensível para os problemas sociais nas grandes metrópoles, a narrativa cadenciada e experimental, as histórias marcadas por desencontros e silêncios. No livro, todos estão mortos e o protagonista é um onipresente sentimento de fatalidade nas pessoas que vagam pela noite, pelas ruas ou presas às suas condições sociais. A obra também discute temas como violência, urbanidade e a possível “fantasmagoria” das pessoas nas grandes cidades. Além do conteúdo original do livro, que tem apresentação de Allan da Rosa, esta nova edição traz uma retrospectiva da carreira de D'Saete, uma entrevista para o jornalista Ramon Vitral e diversas ilustrações e fotos inéditas.



Memória de elefante

PAULA DE SANTIS
Ilustrações: Fereshteh Najafi
ÔZé
48 págs.

Nesta história, Paula de Santis escreve sobre a perda da memória, algo que é capaz de nos deixar no escuro, embaralhando e apagando momentos, pessoas, nomes e sonhos que nunca gostaríamos de esquecer. A protagonista é uma mãe que desde pequena desejava formar uma família grande — ao contrário do que tinha acontecido com ela, filha única. Seu sonho virou realidade: ela se casou, nasceram muitos filhos, depois netos, e ela se tornou o centro desse mundo tão desejado, cujo endereço era um casarão enorme que tinha a porta sempre destrancada e a cozinha recheada de potes de doce de fruta em calda. Até o dia em que ela se viu sozinha. Para dialogar com essa história, a ilustradora iraniana Fereshteh Najafi escolheu dar destaque ao amarelo, que, segundo ela, conduz a personagem numa perspectiva positiva, que segue o curso luminoso de sua memória mais primitiva.

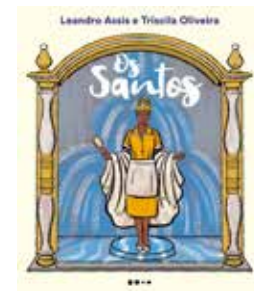
As histórias de **Gabo e Gia no Museu das Sensações** promovem o sentido e a consciência de que a tecnologia não pode substituir o que é inerentemente humano. Os protagonistas são as crianças de verdade — Gabo e Gia —, com características, valores, capacidades, virtudes e defeitos essencialmente humanos. “Aqui, de certa forma, vemos repetida e atualizada a capacidade de investigar o momento, as tendências, imaginar o futuro junto com as máquinas”, escreve sobre o livro Ricardo Ramos Filho.



Gabo e Gia no Museu das Sensações

VIVIANE DALLASTA
Ilustrações: Oliver Quinto Scortecchi
56 págs.

Este álbum reúne pela primeira vez a saga completa de *Os Santos*, a história em quadrinhos criada por Leandro Assis e Triscila Oliveira que fez sucesso entre leitores na internet. Na história, os destinos da família de Didi e de Camilo se cruzaram muito tempo atrás. Camilo Santos, proprietário de um cartório, começava a juntar uma fortuna com seus trambiques. Didi havia sido levada aos dez anos pela mãe de Camilo para trabalhar na casa dos Santos, onde teria acesso à educação e a uma vida melhor. Uma história tristemente comum, que para Didi significou décadas de exploração e abusos.



Os Santos

LEANDRO ASSIS
E TRISCILA OLIVEIRA
Todavia
176 págs.

Costurando a vida de Julia e Olivia à de Zulmira, uma senhora de 84 anos, **A misteriosa história do ca.di.re.me** ganha suspense quando, de uma hora para outra, o diário de confidências das meninas desaparece. Zulmira, por sua vez, segue tentando lidar com o desaparecimento da melhor amiga no fim da década de 1970, em plena ditadura militar. Esses dois sumiços são costurados em uma narrativa sobre a amizade e a transformação.



A misteriosa história do ca.di.re.me

TATIANA FELINTO
Boitatá
120 págs.

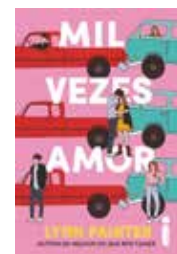
Marina Colasanti é uma das autoras mais prolíficas e premiadas do país. Sua obra contempla gêneros como conto, miniconto, poema, crônica, memória, ensaio e jornalismo. Esta seleção de textos abrange cinco décadas da carreira da autora. Nascida em 1937, na cidade de Asmara, que pertencia à Etiópia e hoje faz parte da Eritreia, Marina publicou seu primeiro livro infantil, **Uma ideia toda azul**, em 1979. Desde então escreveu e publicou mais de 50 obras, traduzidas em vários países.



A disponibilidade da alma

MARINA COLASANTI
FTD
224 págs.

Recheado de referências às canções de Taylor Swift, **Mil vezes amor** tem como protagonista Emilie Hornby. Ela acredita no amor verdadeiro, mas é do tipo que se recusa a ficar sentada esperando o universo mandar sinais. Por isso, decidiu planejar o Dia dos Namorados perfeito. Comprou um presente incrível e vai dizer “eu te amo” pela primeira vez para Joshua Sutton, o único garoto que preenche a maioria de seus requisitos. Só que o dia se revela um completo desastre.



Mil vezes amor

LYNN PAINTER
Trad: Alessandra Esteche Intrinsic
288 págs.



UM CORAÇÃO SIMPLES

DIVULGAÇÃO

**Gustave Flaubert**, autor de *Um coração simples*

1.

Quase sempre acontece que um grande autor, consagrado nos quatro cantos do mundo, tenha as assim chamadas “obras menores”, isto é, sem a relevância das outras; são pouco lidas, pouco citadas, e isso se deve, em parte, às suas pequenas dimensões, que podem induzir à menoridade de seu conteúdo: e aí temos de exemplo, dentre outras, em *A fera na selva*, de Henry James, *Bartleby, o escriturário*, de Herman Melville, *O velho e o mar*, de Hemingway e *A morte em Veneza*, de Thomas Mann. Muitos críticos assinalam que, às vezes, essas pequenas ficções são as obras-primas de seus respectivos autores — assim penso em relação a *A fera na selva*. Palpites à parte, vamos falar de *Um coração simples* [ou *Um coração singelo*, segundo outra tradução], de Gustave Flaubert, o imenso autor de *Madame Bovary*.

2.

Esse coração simples pertenceu a uma empregada doméstica do interior rural da França, chamada Félicité [Felicidade]. A época é a metade do século 19. Tudo sugere uma série de lugares-comuns sociológicos e da história dos costumes: maus-tratos, trabalho exaustivo e sem horário, submissão, revolta interna que não pode se expressar ou, se essa revolta acontece, é uma vez só, e acaba com o assassinato dos patrões. Isso aconteceu, e muito, na sociedade brasileira escravocrata. A vitimização permanente e passiva da personagem, contudo, não gera conflito e, portanto, não resulta numa obra literária. Sucede que, agora, estamos perante um ficcionista que sabe o que deseja, e que desloca o interesse para a interioridade mais profunda da personagem — e isso é capaz de vitalizar todo o texto. Os episódios, por poucos e triviais, são apenas o meio pelo qual conhecemos aquilo que importa em Félicité, e daí se repete uma consideração: o que realmente vale, numa ficção, o que de fato empolga um enredo, é a personagem, não pelo que ela é externamente, mas por sua questão essencial, a que o leitor terá acesso por pequenos gestos e meias-palavras, as quais vêm a constituir uma teia em que tudo faz sentido.

3.

O coração simples de Félicité é um dos corações mais complexos da literatura francesa. Não porque tenha contradições, que isso é coisa banal, e contradições, por si mesmas, não instituem nem complexidade nem originalidade. O grande feito de Flaubert foi criar um poderoso conflito sem que Félicité se contradiga, operando apenas o universo de sua alma que, sendo *simples*, nos mantém no contínuo sobressalto do enigma — aqui, Flaubert usa de um recurso literário que muito raramente falha: faz com que o leitor saiba mais do que a personagem; nós, leitores, sabendo mais do que ela as razões íntimas de Félicité, acompanhamos a sua precipitação num vórtice sem retorno, e então, mágica da técnica flaubertiana, nada podemos fazer contra isso, e seguimos em agonia sua caminhada para a loucura e a morte.

4.

Não se pode pedir de Flaubert conhecimentos psicanalíticos — bom que seja assim: atualmente grande parte dos escritores insiste em psicanalisar suas personagens, remetendo à infância, ao pai abusador, à mãe bêbada etc., levando à superfluidade e a uma chatice sem tamanho. Já Flaubert colhe Félicité em plena ação, e em duas páginas ela já é empregada doméstica da viúva Aubin; sua infância não é mais do que um curto parágrafo, para mostrar como ela era pobre; uma breve e anterior ligação amorosa surge e fracassa em uma página. Basta isso. Clément Rosset nos diz que Harpagon já entra em cena como avaro, sem que se explique as causas de sua avareza, pois o que importa é que seja “o avaro” da célebre comédia de Molière. Félicité, desse modo, possui, como algo preexistente, um *coração simples*, e suas ações são destinadas a reforçar essa *simplicidade*, mas nas entrelinhas, e porque não somos bobos, Flaubert nos conduz pelos dédalos de sua alma, levando ao conhecimento da vertigem de sentimentos que dizem tudo ao contrário do que ela aparenta.

5.

O que está dentro dessa *simplicidade* é um ser humano que oculta, como mais candente, uma aniquilante ausência de realização amorosa, e isso surge no subtexto de alguns episódios, dos quais releva uma sensibilidade arrasadora, o que se vê na cena da primeira comunhão da filha de sua patroa:

Ao chegar a vez de Virgínia, Félicité inclinou-se para vê-la; e com a imaginação que brota das emoções verdadeiras, pareceu-lhe ser ela mesma aquela criança; seu semblante se tornava o de Félicité, seu vestido a vestia, seu coração batia no peito dela; no momento de abrir a boca, cerrando as pálpebras, quase desmaiou.

Temos aqui um *pendant* com o arrepiante arrebatamento erótico observado na famosa escultura de Bernini, do Vaticano, e que representa o êxtase de Santa Tereza de Ávila — obra que Flaubert bem conhecia.

6.

Há outro momento que reforça a dramática pluralidade interna de Félicité, e que encontra seu epicentro na repressão sexual. É quando ela desenvolve uma extemporânea ligação com seu sobrinho, um rapaz que “chegava todos os domingos, depois da missa, de faces rosadas, o peito nu, e exalando o odor do campo que atravessara”. A partir daí surge a paixão unilateral de Félicité, desencadeando uma sucessão de eventos que conduz a um final dos mais impressionantes de toda a literatura, sem a força arrasadora do final de *A fera na selva*, em que John Marcher morre de uma brutal síncope sobre o túmulo de May Bartram. Já o encerramento de *Um coração simples* vem recheado de uma enternecedora paz, repleta de um bucolismo que nunca, mas nunca, sai da cabeça do leitor. E é quando, *in extremis*, ela ainda vive êxtase de seu erotismo: “Um vapor celeste subiu ao quarto de Félicité. Ela dilatou as narinas, sorvendo-o com uma sensualidade mística”.

7.

O último terço da novela — Flaubert chamava-a de conto — nos reserva algo extraordinário, que vem a quebrar uma possível previsibilidade. No enredo, há um arco arrebatador que une a paixão pelo sobrinho ao seu desaparecimento num remoto lugar transoceânico, situado nos trópicos ao Sul. Então, o extraordinário: quando tudo nos diz que a história estaria próxima de terminar — bastaria “emendar” com a cena final e já teríamos uma grande obra —, Flaubert põe em cena um papagaio, que sintetiza todos os elementos da narrativa e ganha a força do símbolo de toda a paixão recolhida daquela que acabaria por ser sua dona. Papagaios são aves tropicais, e então passa a funcionar como chave daquele amor nunca recuperado e, ainda, de tudo que Félicité não conseguiu viver como expressão de sua intensa e sufocada volúpia.

8.

Flaubert, em *Um coração simples*, antes de Charcot, guiando-nos apenas pela ficção, mostra-nos o quanto as repressões não resultam em nada bom, podendo levar à insanidade. Foi ele quem, já sob as luzes do Realismo, desfez os mistérios que estavam presentes em todas as casas, e eram causa de intenso e brutal sofrimento. Ele é, assim, um predecessor, e através do seu único instrumento: a escrita, o que evoca a célebre carta de Freud ao escritor Arthur Schnitzler: “O senhor sabe por intuição — é verdade que devido a uma aguda observação de si mesmo — tudo o que descobri depois de fatigantes trabalhos com os outros homens”. Por esse caráter avançado e pela construção exemplar dessa personagem plena de consistência humana e ficcional, *Um coração simples* vai, com honra, para a nossa mochila. 🎒

Joel Rufino dos Santos por **Ramon Muniz**

Quando eu me chamar saudade

Romances póstumos comprovam a força da literatura do historiador **Joel Rufino dos Santos**

SABINA ANZUATEGUI | SÃO PAULO - SP

“Joel não é um historiador, ele é um literato”, conta Wilson do Nascimento Barbosa, no podcast *Filosofia Pop*. Eram críticas de colegas historiadores, incomodados com a irreverência de Joel Rufino dos Santos. Historiador, professor, escritor e intelectual engajado, Joel Rufino é referência no campo da literatura afro-brasileira e infantojuvenil. Já a fortuna crítica de sua obra como romancista é mais escassa.

“Eu queria ser escritor desde cedo, desde que me alfabetizei”, diz Joel em entrevista a Bia Corrêa do Lago. “O tempo rolou, eu tentei outras profissões... e afinal me rendi à literatura já adulto.” Tentar outras profissões é um resumo modesto dos primeiros quarenta anos da vida de Joel Rufino — da curiosidade intelectual, aos planos de ascensão de uma família operária, sua trajetória transforma-se em aventura de estudo, amizades, perseguição política, prisões, mudanças de cidade e país. Na década de 1970, durante a ditadura, começou a escrever contos infantis para a revista *Recreio*. “A pessoa pode se tornar autor de livro e de contos por várias razões. Eu me tornei autor infantil por necessidade... Não estava no meu projeto, não era isso que eu pretendia escrever, mas eles pagavam, creio que hoje seria uns trezentos reais”, ele conta, ainda a Bia Corrêa. Quando afinal se estabiliza como professor, reintegrado à universidade depois da anistia, Joel Rufino escolhe ensinar literatura, na UFRJ.

Seu primeiro romance, **Crônica de indomáveis delírios**, é publicado pela Rocco em 1991. Passam-se mais de quinze anos — de artigos analíticos marcantes, livros de não-ficção e infantojuvenis — até que o trabalho como romancista é retomado com intensidade, ao final da primeira década dos anos 2000. A época coincide com sua aposentadoria da universidade, experiência reunida no conjunto de ensaios **Quem ama literatura não estuda literatura** (Rocco, 2008).

O longo hiato de quase vinte anos entre o primeiro romance e os seguintes, **Bichos da terra tão pequenos** (2010) e **Claros sussurros de celestes ventos** (2012), poderia explicar sua ausência das sínteses da produção nacional que se apresentaram em 2009 e 2012, por Karl Schollhammer e Regina Dalcastagnè, respectivamente. É agora, enfim, com a publicação de seus últimos originais, que se poderá fazer uma apreciação completa do trabalho de Joel Rufino como romancista.

Projeto literário

Joel Rufino dos Santos faleceu em setembro de 2015. Em agosto de 2023, a Pallas lança duas obras literárias que deixou inéditas: **O rio das almas flutuantes** e **O amor e o nada**. As edições trazem poucas informações sobre a recuperação dos originais. O autor os considerava prontos para edição? Que critérios foram usados na preparação do texto? Nei Lopes conta, no prefácio a **O rio das almas flutuantes**, que a ideia do livro teria nascido de uma viagem a Cachoeira, Bahia, em 2011. Já Rogério Athayde, no prefácio a **O amor e o nada**, sugere que o romance é o “samba de despedida” do autor. Seria interessante saber mais do contexto, e do projeto editorial de lançamento das obras.

A recuperação de leituras das obras anteriores de Joel Rufino é importante para que possamos rever seu projeto literário. Já no lançamento do primeiro romance, **Crônica de indomáveis delírios**, em 1991, Moacir Werneck de Castro faz observações precisas, no *Jornal do Brasil*. A narrativa em ritmo febril, a mistura criativa de figuras históricas e fictícias, e o humor — “toda uma atmosfera de época, entremeadas de anacronismos gostosos”. Werneck de Castro relaciona, com perspicácia, o projeto literário de Joel Rufino à sua participação no grupo História Nova, na década de 1960. Ideia de recontar a história do Brasil, encontrando um novo ponto de vista, mudando a ênfase dos eventos. **Crônica de indomáveis delírios**, como amadurecimento dessa postura, “apresenta uma versão original das revoluções brasileiras fracassadas”, para pensar o Brasil “com um instrumental novo: a arte do romance”, segundo Werneck de Castro.

Em 2013, ao resenhar **Claros sussurros de celestes ventos** para o *Rascunho*, Luiz Horácio também destaca o mergulho inventivo e irreverente na história (nesse caso, em nossa história literária): “você estará frente ao fantástico, ao inverossímil e, por vezes, ao virar uma esquina/página, esbarrará num fato histórico”.

A continuidade entre os romances de Rufino é marcada em certos pontos de referência. Em **Claros sussurros**, que recria a infância de Cruz e Sousa, um professor do liceu em Desterro entrega ao menino “manuscritos, que tivera preguiça de ler”. A descrição dos manuscritos revela os textos que são, justamente, as narrativas de **Crônica de indomáveis delírios**.

Entre **O rio das almas flutuantes** e **O amor e o nada** encontra-se recurso semelhante. Na abertura de **O rio das almas** discorre-se liricamente sobre as “almas dos existentes” criadas pelo Inexistente. A terceira dessas almas — a sombra — é a alma de Adelino, o Sinistro, “cujo sofrer interminável se contará um dia”. E, pois, o sinistro Adelino é um dos personagens marcantes de **O amor e o nada**.

O rio das almas flutuantes

Se tomamos a produção da maturidade como medida da força de um autor, **O rio das almas flutuantes** é o livro que confirma a importância de Joel Rufino na literatura brasileira contemporânea. A obra, breve e densa, recria a cidade de Cachoeira, na Bahia, na segunda metade do século 19, quando se construía a ponte de ferro inglês. Nessa recriação subversiva, a ponte é recebida como doação de uma autoridade do império otomano, o beí Umar Rashid, governador da província do Egito. A vinda ao Recôncavo do beí e de seu ministro (o “potenciário” sem nome próprio) compõe o primeiro capítulo, *O rio que imitou o Nilo*.

Os capítulos se estruturam de forma quase independente, como contos — as múltiplas histórias, entretanto, se somam numa narrativa armada em saltos imaginativos. A cada passo, uma surpresa. O conjunto ganhará sentido na trajetória de um personagem de vida extraordinária e acidentada, Ibn Khaldun Samiris, o egípcio errante.

Seu nome homenageia Ibn Khaldun — intelectual árabe, da península ibérica sob domínio islâmico. “Educado em colégio inglês, falava o árabe do pai e o francês da mãe” — Samiris, o personagem, inicia a vida encaminhado à vida intelectual, porém será atropelado pela história. Influenciado por um professor de geografia que lhe contou do romance do imperador Adriano com o jovem Antínoo, Samiris vai estudar em Roma. Lá encontra outro professor, Giusti, que lhe fala do Brasil. Nessa fase formadora da juventude, a sintonia intelectual com os professores é uma forma de amor — “algumas vezes se deitaram em dois com amantes”. Samiris perde o pai, morre o professor; o jovem egípcio envolve-se em uma conspiração nacionalista e é condenado; foge, e nos violentos casos dessa fuga, acaba exilado na Bahia, onde, depois de outras peripécias, se aquietou num cansaço espiritual, temendo a eternidade. “Pequena alma terna flutuante”, é o que era. A expressão vem da primeira linha do famoso poe-

ma atribuído ao imperador Adriano. Próximo da morte, seus versos perguntam: pequena alma terna e errante, companheira de meu corpo, aonde irá agora?

No aspecto temático, encontramos na obra as constantes do pensamento de Joel Rufino: a alternativa ao eurocentrismo; o boi, ou touro, simbolizando o ciclo da vida; a vida universitária e literária; a irreverência a leis e governos em suas falsas verdades.

A linguagem se mostra limpa e madura, e o uso de palavras já meio esquecidas em nosso tempo, que compõem o tom de época, atinge um equilíbrio belo, sem se tornar opaco. Nota-se a maturidade da prosa, por exemplo, se comparamos o texto a certas frases da **Crônica de indomáveis delírios**, de 1991:

Foram aqueles pretos o inimigo portas adentro, não por um ano mas por cem, em conúbio com as brenhas, em concerto com as penedias, não digo livres, que a liberdade não se tem na inconsciência do viver natural.

A frase, do primeiro romance do autor, refere-se aos palmarinos, no século 17, vivendo entre as matas e rochedos. A construção e o vocabulário caudaloso são admiráveis — e, ainda assim, requerem extrema atenção (e, possivelmente, um dicionário), para sua compreensão plena.

Já **O rio das almas flutuantes** se narra de forma mais sintética. As páginas iniciais vão diretamente à ação, sem a eloquência que constrói o narrador, nem as linhas descritivas, como nas obras anteriores:

Na metade do século 19, quando o Egito ainda era uma província turca, o beí Umar Rashid se meteu numa encrenca.

Os eventos se apresentam com a segurança de uma contação de histórias; os diálogos, ágeis nas réplicas, remetem à comédia teatral. E os momentos poéticos da prosa se inserem com equilíbrio, ao longo da narrativa, permitindo uma leitura fluida, ao mesmo tempo que se apreciam o estilo e a beleza das palavras escolhidas.

Aventura e melancolia; a riqueza violenta da experiência humana; a angústia da morte; a sabedoria. Se existe um segredo no Paraguaçu, o pequeno rio que imita o Nilo, podemos buscá-lo no lugar onde Samiris por um breve tempo encontrou a paz:

Subiu o rio, ocupou um sítio abandonado na banda esquerda, a montante da velha ponte, uma tapera afogada por um bananal, de que restara um cão preto de meia idade, cara de chacal.

O amor e o nada

O “samba de despedida” de Joel Rufino é situado na história recente: o personagem central, Luís Viegas, de família rica do Rio de Janeiro (que “nunca duvidou de ter direito ao lugar que lhe fora reservado na sociedade”), começa a



O rio das almas flutuantes

JOEL RUFINO DOS SANTOS

Pallas

144 págs.



O amor e o nada

JOEL RUFINO DOS SANTOS

Pallas

232 págs.

TRECHO

O rio das almas flutuantes

Qualquer movimento no cosmos, o raspar de uma unha, a dança de um continente imerso em amônia, qualquer nascer de sóis em um único planeta, qualquer desabrochar lentíssimo de flor, se flor havia, o resfolgar de qualquer criatura, semelhante ou diferente de nós, tranquilizadoras ou horripilantes, vivendo em prédios mais altos que mil pirâmides, ou no fundo de fossas oceânicas friíssimas, tão fundas que atravessavam o planeta como buracos de queijo, tudo nasceria ou se extinguiria sem que vissemos ou soubéssemos.



O AUTOR

JOEL RUFINO DOS SANTOS

Nasceu em Cascadura, bairro antigo carioca, em 1941. Filho de operário naval que valorizava a leitura, foi office-boy, auxiliar de topógrafo e propagandista, antes de iniciar sua carreira intelectual, nos anos 1960. Ativista político, foi exilado e preso durante a ditadura civil-militar, e sobreviveu de forma semiclandestina, sendo até jogador de futebol na Bolívia. Doutor e professor na UFRJ, sua extensa obra é reconhecida e premiada, além de bem-sucedida no alcance do público leitor. Faleceu em 2015, deixando os originais de dois romances inéditos, publicados em 2023.

estudar na Faculdade Nacional de Filosofia, no início da década de 1960. Na primeira aula do curso de História, apaixonou-se à primeira vista por Júlia:

Pobre, sem dúvida, só o corpo era capaz de embelezar a calça jeans batida, as blusas da Mesbla, os sapatos gastos, nenhuma joia.

A fascinação pela colega, que não cede à corte, o leva a conhecer uma cidade que ignorava — o subúrbio, os bares de samba — assim como o envolve na luta política. Como em outras obras de Rufino, a linha narrativa central é entrecortada pelas histórias de variados personagens (Gladys, o Sinistro, Iranildo, Berenice), que vão conduzindo o enredo como uma corrida de revezamento. A trajetória de Luís Viegas e Júlia segue até a maturidade de ambos, entre aproximações e distanciamentos, até que, cada um a seu canto, deparam-se cada um com sua morte, por doença ou alegoria. A figura de Júlia é intrigante e admirável:

Júlia amanhecia em paz e, enquanto ele ia à padaria, entrava num sono desassombrado de mulher que sabe ter um homem. Não amava, só era feliz.

A obra tem seus momentos mais fortes na vida universitária, até o golpe de 1964. Nos anos de agitação e liberdade, encontramos os tipos clássicos da faculdade (o Sinistro, o Matusalém), os professores e suas peculiaridades, as festas, as músicas, as transas. O capítulo que narra o dia do golpe, pela moldura das personagens Ledo e Nadir, é construído de forma hábil e original.

Rogério Athayde destaca, no pós-fácio, o efeito comovente do relato: o “detalhe de quem viveu sem invenção, cada pequeno incidente, lugar e pessoa”. Cecília Coimbra, no prefácio, também ressalta no romance a história de uma geração, a “Geração Filosofia”.

Por outro lado, há algo no texto que remete ao inacabado. Os capítulos finais, por exemplo, trazem recursos discursivos que destoam do conjunto: o aparecimento de um “autor da história”, ao leito de morte do protagonista, na forma de um cilindro de hidrogênio; o afundamento fantástico de uma ilha. Além da quebra de estilo, essas últimas páginas também parecem se prologar demais, passando a sensação de que o livro poderia ter se encerrado antes. Esse efeito talvez se deva ao aspecto póstumo da edição — e, aqui, seria útil uma apresentação editorial do volume, como já comentado. Ainda assim — mesmo na perspectiva de um original sem polimento — é uma leitura que flui com riqueza, e amplia a compreensão do universo do autor.

Nelson Cavaquinho é um ponto de referência das personagens, e versos do samba *Quando eu me chamar saudade* são citados algumas vezes. Porém, a estrofe que o livro não menciona, é a que traz alguma melancolia ao final desta resenha. Diz o samba: “Depois que o tempo passar/ sei que ninguém vai se lembrar/ que eu fui embora... Por isso é que eu penso assim/ se alguém quiser fazer por mim/ que faça agora”.

Joel Rufino dos Santos foi reconhecido como merecia, como romancista, durante sua vida? Autor de vida plena, ele gerou raízes e sementes. Resta agora, para nós leitores, recuperar a beleza que deixou em seu projeto literário. 📖

**tércia montenegro**

TUDO É NARRATIVA

LITERATURA EM RISTE

A arte cavalheiresca do arqueiro zen, de Eugen Herrigel, é um clássico — mas só eu me interessei recentemente por ele, em parte devido ao esporte e, em parte, por todas as ligações que investiguei entre arco e flecha, fotografia, alvos, tiros certos etc. A literatura, certamente, poderia entrar nesta lista de associações? Ora, se o zen-budismo serve para toda e qualquer coisa na vida...

Logo no início do livro, Herrigel esclarece que a arqueria tem o seu menor valor na dimensão atlética; conforme explica, o resultado dessa atividade é uma “intuição prájnica”, associada a uma sabedoria transcendental. Com toda a dificuldade de entendimento que nos esmaga no Ocidente, ainda podemos nos aproximar dessa experiência através da meditação, da “transcendência dos limites do ego”.

Embora o livro esteja voltado, assim, para uma reflexão espiritual, que mostra como por meio da arqueria se pode atingir uma experiência mística (“No fundo, o atirador aponta para si mesmo e talvez em si mesmo consiga acertar.”), torna-se válido também para pensar sobre a literatura. Afinal, a contemplação dos ambientes e das pessoas, a disponibilidade imaginativa, a espera e a mira sobre a palavra exata são atos familiares aos melhores escritores.

Há alguns conselhos claros, que servem universalmente. A importância da respiração — como em qualquer prática meditativa — é ressaltada como um meio indispensável, bem como a concentração. Esta, entretanto, não é uma atitude rígida: “tudo depende de que, esquecidos por completo de nós mesmos e livres de toda intenção, nos adaptemos ao acontecer: a execução de algo exterior desenvolve-se com toda a espontaneidade, prescindindo da reflexão controladora”. É possível que essa passagem seja a mais difícil para compreendermos — e aplicarmos em literatura. Mas no final do volume o autor relembra algumas ações surrealistas, que, com o automatismo psíquico, aproximaram-se do efeito espontâneo que o zen budismo sugere.

Há também a recomendação de rituais: uma sequência de preparativos tem a capacidade de sintonizar a pessoa, relaxando-a e concentrando-a nos gestos a cumprir na criação de sua arte. Podemos lembrar quantos escritores já não declararam seguir uma rotina — às vezes até excêntrica — que produz um tipo de atmosfera propícia ao trabalho.

Mas engana-se quem imagina que este livro se converte num manual de produtividade e estra-

tégias para alcançar o sucesso. Um trecho recorda que estamos diante da proposta de esvaziamento zen:

O homem é definido como um ser pensante, mas suas grandes obras se realizam quando não pensa e não calcula. Devemos reconquistar a ingenuidade infantil, através de muitos anos de exercício na arte de nos esquecermos de nós próprios. Nesse estágio, o homem pensa sem pensar. Ele pensa como a chuva que cai do céu, como as ondas que se alteiam sobre os oceanos, como as estrelas que iluminam o céu noturno, como a verde folhagem que brota na paz do frescor primaveril. Na verdade, ele é as ondas, o oceano, as estrelas, as folhas.

A beleza desta noção de vazio é que ele se torna o contrário da nulidade, por envolver a integração absoluta com o mundo, através da técnica de uma plácida observação sem desejos de mudança ou julgamentos. Tal método nos prepara para o principal:

A arte genuína não conhece nem fim nem intenção. Quando mais obstinadamente o senhor se empenhar em aprender a disparar a flecha para acertar o alvo, não conseguirá nem o primeiro e muito me-

nos o segundo intento. O que obstrui o caminho é a vontade demasiadamente ativa. O senhor pensa que o que o não for feito pelo senhor mesmo não dará resultado.

Aplicando à literatura, ressaltamos a necessidade de confiar no fluxo e na capacidade que têm as histórias de seguirem um curso próprio, sob a *condução*, mas não o total *controle*, do autor. Assim, mais adiante o livro expõe como o desprendimento traz os melhores fins:

Não teria a impressão de que as diferentes fases do processo realizador se deram através de suas mãos, como que emanadas de um poder superior, e não saberia jamais com que força embriagadora o vibrante impulso de um acontecimento é capaz de transmitir-se a quem é, em si mesmo, mera vibração, pois tudo o que faz está feito antes que o saiba?

A conclusão, páginas depois, é firme: “a criação autêntica só é possível num estado de desprendimento de si mesmo, durante o qual o criador não está presente como *ele mesmo*.”

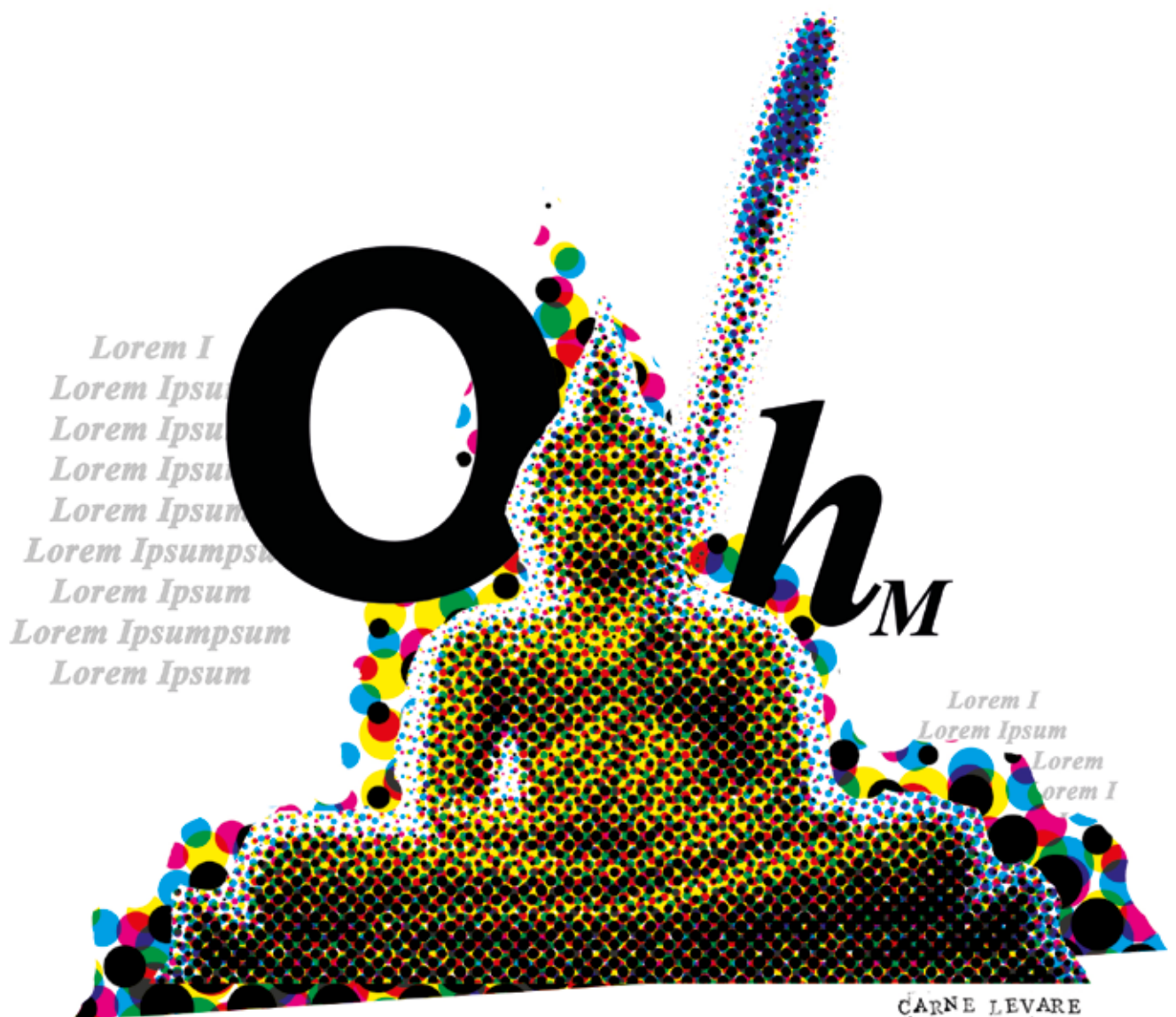
A essência de todo movimento criativo está na elaboração de um produto íntimo: “A arte da obra interior que não se *desprende*

do artista como a exterior, a que ele não pode fazer, mas unicamente *ser*, surge das profundezas”. Trata-se de um resultado intrínseco e intransferível, que não conhece público e, portanto, não se submete a interpretações. Fora da esfera do cognoscível, a arte interior, meditativa e mística, seria o grande objetivo de quem procura evoluir verdadeiramente.

Entretanto, todas essas considerações talvez sejam nada mais do que delírio, diante da doutrina zen. Lembremos outra fala do mestre, no livro:

O senhor está enganado se pensa que pode tirar algum proveito da compreensão de tão obscuras conexões, inalcançáveis para o intelecto. Lembre-se de que na natureza ocorrem coincidências incompreensíveis, e não obstante tão comuns que nos acostumamos a elas: a aranha dança sua rede sem pensar nas moscas que se prenderão nela.

Adotemos, portanto, a teoria taoísta do wu-wei (vontade passiva, vazio pleno), para dançar também um texto: sem pensamentos, sem tensões ou intenções — apenas seguindo o rumo dessa literatura, mantendo uma postura que aponta. 📖

Ilustração: **Carne Levare**

Diário de uma artista

Livro de **Patti Smith** reúne fotografia, memória e referências artísticas, políticas e filosóficas em formato de caderno de anotações

GISELE BARÃO | CURITIBA - PR

Ter **Um livro dos dias** é como ter acesso a um caderno de anotações. A obra reúne fotos e legendas publicadas ao longo de um ano no perfil no *Instagram* da cantora, compositora e escritora norte-americana Patti Smith. Os posts estão no perfil *@thisispattismith*. Esse “caderno de anotações” reúne, portanto, 1,2 milhão de seguidores na rede social (em dezembro de 2023). No espaço homogêneo e afetado do mundo digital, é um alívio acompanhar uma artista compartilhando memórias e reflexões com tanta sensibilidade. Como livro, essas publicações ganham uma dimensão ainda mais poética — assim como é poética a observação que Patti faz da realidade, dos seus ídolos e de sua história pessoal.

Um livro dos dias reúne 336 fotos e legendas criadas pela artista. A primeira postagem é de 20 de março de 2018. São imagens de arquivo feitas por ela mesma com sua câmera fotográfica, ou com seu celular, e outras de arquivo — a maioria sem menção à autoria. As legendas vêm de anotações em um bloquinho ou no celular.

No texto de abertura da obra, ela afirma que essas “legendas e imagens são chaves para destravar os próprios pensamentos”. É uma forma mais interessante de olhar para registros cotidianos. Isso tem a ver com o poder da fotografia, mas também da escrita. Observar a relação que Smith faz entre a texto escrito e imagens é uma oportunidade de acessar uma parte de seu fluxo criativo.

Essas são minhas flechas, apontando para o coração singelo das coisas. Trezentos e sessenta e seis jeitos de dizer olá.

Entre os temas das publicações, ela valoriza algumas efemérides, como datas de aniversários de pessoas próximas e de artistas que a inspiraram, mesmo os que já morreram, mas cuja obra ainda repercute na sua criação. Em outro trecho do texto de abertura, ela diz:

Depois de viver tantas perdas, encontrei consolo frequentando os cemitérios onde estão as pessoas que amo, e visitei muitos deles, para oferecer minhas preces, meu respeito e minha gratidão.

É impossível não reconhecer as inúmeras imagens de túmulos na sequência do livro como um aspecto sagrado das viagens ou caminhadas da artista, um contato com a energia daquela pessoa, seja para prestar uma homenagem ou buscar um sinal de sorte.



Um livro dos dias

PATTI SMITH
Trad.: Camila von Holdefer
Companhia das Letras
400 págs.

A AUTORA

PATTI SMITH

Nasceu em 1946 em Chicago (Estados Unidos). Nos anos 1970, ganhou destaque com sua fusão de poesia e rock e seu disco *Horses* (1975) é considerado um dos mais influentes da história. Também tem trabalhos nas artes visuais. Como escritora, publicou poesia em *Babel* (1978) e *Auguries of innocence* (2005). No Brasil, outros livros já publicados são *Só garotos* — vencedor do National Book Awards —, *Linha M, O ano do macaco* e *Devoção*, todos pela Companhia das Letras.

TRECHO

Um livro dos dias

Hoje em dia alguns planos são feitos com otimismo, sabendo que há uma grande probabilidade de não se realizarem. Ainda assim, a Imaginação reina. Quando se trata dela, podemos ir aonde quisermos, exceto ao território da dúvida.



DIVULGAÇÃO

Quem leu os outros livros da autora talvez veja isso com ainda mais naturalidade. Algumas das passagens mais bonitas têm a ver com momentos mágicos e emocionantes em visitas a túmulos ou registros de objetos de pessoas que ela ama e já se foram. O impacto da morte de ídolos, amigos ou familiares é bem visível em sua obra. Smith descreveu em *Só garotos* (2010) sua relação com o fotógrafo Robert Mapplethorpe, que morreu em 1989. Também conta — entre várias outras histórias — sobre a perda do irmão no indispensável *Linha M* (2016).

Seus outros livros, portanto, também são sobre memórias. No entanto, para além de um registro da própria vida, são seu ponto de vista sobre o mundo, sobre pessoas que a influenciaram, personagens importantes em sua formação como escritora, artista visual, compositora, cantora. Porém, nada nesses relatos soa repetitivo, porque os livros foram muito bem divididos, por assim dizer, em diferentes aspectos dessa vida tão múltipla e efervescente.

Quanto a **Um livro dos dias**, trata-se de um tipo de memória evidentemente mais fragmentada, rápida, submetida às limitações da rede social, e há uma variedade muito maior de temas e imagens. Mas, acima de tudo, existe uma linguagem, uma peculiaridade no olhar. Característica que diz respeito não

somente a escolhas artísticas e pessoais, mas ao modo de juntar as peças da própria história.

Personalidades como Sylvia Plath, Albert Camus, Joan Baez, Roberto Bolaño, Bob Dylan, Walt Whitman, Allen Ginsberg e Virginia Woolf estão entre essas peças importantes na sua formação. Nas últimas páginas, o livro apresenta até uma lista de sugestões de leituras nesse sentido.

Se, por um lado, **Um livro dos dias** trata do passado, Patti Smith segue atenta aos acontecimentos recentes do mundo, em especial às crises políticas e ambientais. Mas acima de tudo, trata-se uma obra sobre o amor à arte. Além da música e da literatura, a fotografia funciona como referência emocional para ela, que circula entre artistas como Anne Leibowitz, carrega suas câmeras quando sai para caminhar, parece estar sempre atenta ao mundo e disposta a registrá-lo.

A leitura do conjunto faz lembrar muito os pensamentos da ensaísta Susan Sontag e do sociólogo e filósofo Roland Barthes sobre a importância da fotografia. Objetos pessoais, objetos de ídolos — há uma foto da escrivinha de Jorge Luis Borges na Biblioteca Nacional de Buenos Aires, por exemplo —, paisagens, obras de arte, estão ali como referentes emocionais, uma maneira de montar o tempo, um “certificado de presença”, uma marca do que foi e do que é. **📖**

UM GRANDE CLÁSSICO
DO SÉCULO 20



GRANDIE GATSBY

DE F. SCOTT FITZGERALD

BAIXAR EBOOK
GRÁTIS



gazedopovo.com.br/ograndegatsby

PROMOÇÃO GRATUITA DA GAZETA DO POVO

GAZETA DO POVO

rascunho recomenda INTERNACIONAL

Uma narrativa sobre a perda da inocência e a ditadura na Argentina dos anos 1970. Assim é o romance **Pedra, papel, tesoura**. Os personagens Alma, Carmen e Marito cresceram juntos, compartilham sonhos e segredos, entram na adolescência, se afastam e se reaproximam. Através dos olhos de Alma, menina nascida e criada na elite portenha, Inés Garland mostra o desmanche do universo seguro e acolhedor da infância para dar lugar a um mundo permeado pela violência e pelas barreiras sociais. Dividida entre a rígida educação católica da escola particular, ser a boa filha que os pais esperam e o romance secreto com um rapaz “não adequado” para ela, Alma vê essas esferas perderem seus contornos e se fundirem à medida que se torna adulta e começa a enxergar o mundo para além da sua bolha. No hiato de um ano que entremeia as duas partes do livro, acontece o golpe que instauraria em 1976, na Argentina, a ditadura militar — que ao longo de sete anos tiraria a vida de cerca de 30 mil pessoas. A narradora, entretanto, sabe pouco ou quase nada sobre o que está acontecendo no país.



Pedra, papel, tesoura

INÉS GARLAND
Trad.: Laura Jahn Scotte
Roça Nova
192 págs.

O selo Amarcord promete publicar “narrativas incomuns”, de livros clássicos e contemporâneos. A estreia se dá com **Drácula**, de Bram Stoker, traduzido por Lúcio Cardoso, em edição especial, ilustrada e com capa dura. Um dos maiores clássicos do terror gótico, o livro é responsável por concretizar no imaginário coletivo o vampiro moderno. Utilizando-se do artifício de cartas, diários e telegramas, Stoker dá voz a Mina Harker, Jonathan Harker, John Seward, Lucy Westenra e ao dr. Abraham Van Helsing, seus célebres personagens, responsáveis por transmitir a gerações de leitores a história do terrível conde.



Drácula

BRAM STOKER
Trad.: Lúcio Cardoso
Amarcord
224 págs.



DIVULGAÇÃO

Organizado pela professora Nylcéa Thereza de Siqueira Pedra, esta coletânea surgiu a partir da formação de tradutores literários no curso de Letras da Universidade Federal do Paraná (UFPR). São oito contos que confluem para a representação de um lugar — a casa — revisitado pelas autoras, mas que adquire novas significações. São oito autoras diferentes, cada uma de um país. Entre elas a russa Ekaterina Heider, a inglesa Jen Campbell e a alemã Katharina Bendixen. Há ainda escritoras do Quênia, Estados Unidos, Áustria e Uruguai.



As diferentes moradas das palavras

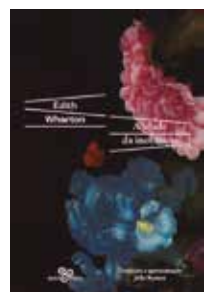
ORG.: NYLCÉA THEREZA DE SIQUEIRA PEDRA
Editora UFPR
144 págs.

Macbeth, célebre peça de William Shakespeare do início do século 17, narra a história de um regicídio cometido pelo personagem que lhe dá nome, ao ser persuadido por três feiticeiras de que seu destino seria tornar-se rei. É esse, também, o enredo que forma a linha principal de **Macbeth**, releitura que Eugène Ionesco faz da obra shakespeariana. Escrita mais de três séculos depois, a peça atualiza o tema do assassinato, dando lugar aos homicídios em massa — o que era familiar àqueles que presenciaram o horror da Segunda Guerra Mundial ou viveram sob regimes totalitários.



Macbeth

EUGÈNE IONESCO
Trad.: Marina Bento Veshagem
Temporal
208 págs.



A idade da inocência

EDITH WHARTON
Trad.: Julia Romeu
Bazar do Tempo
392 págs.

Obra mais importante da norte-americana Edith Wharton (1862-1937), o romance **A idade da inocência** foi publicado em 1920, fazendo da autora a primeira mulher a ganhar o Prêmio Pulitzer de ficção. Ambientado na alta sociedade nova-iorquina do fim do século 19, o livro gira em torno de um triângulo amoroso formado por Newland Archer, um abastado e promissor advogado, a bem-nascida May Weelland, predestinada a ser a sua perfeita esposa, e a condessa Ellen Olenska, que regressa da França após um divórcio, com um comportamento um tanto mais livre e contestador que o permitido às mulheres na época, chocando os membros da aristocracia e despertando a paixão do jovem Archer. É nessa Nova York, onde os desejos e impulsos pessoais eram sufocados pelo apertado espartilho das aparências e das convenções que se desenrola a narrativa marcada por intrigas, traições e dilemas existenciais. Edith Wharton desenha essa sociedade, onde nasceu e passou grande parte da vida, ora criando um retrato nostálgico, ora fazendo críticas contundentes.

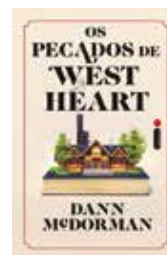


Cara paz

LISA GINZBURG
Trad.: Francesca Cricelli
Nós
256 págs.

Primeiro romance da italiana Lisa Ginzburg publicado no Brasil, **Cara paz** retrata a intensidade dos laços afetivos que unem as irmãs Nina e Maddalena, duas crianças italianas crescidas num contexto familiar complexo. Após terem sido abandonadas pela mãe, Gloria, figura livre, fascinante e à frente do seu tempo numa Itália regida por valores conservadores, o pai das meninas, Seba, incapaz de dar conta do abandono da esposa e da criação das filhas, contrata uma jovem mulher francesa, Mylène, como cuidadora afetiva e educacional delas. Com a entrada em cena de mais uma mulher, a narrativa se concentra na perspectiva de resiliência e fortaleza das protagonistas dos acontecimentos da história. Nascida em Roma, Lisa Ginzburg escreveu diversos romances, além de biografias e livros de ensaios. **Cara paz** foi finalista, em 2021, do Prêmio Strega, um dos mais prestigiosos da literatura italiana.

No anos 1970, às vésperas de um feriado, o detetive Adam McAnnis se junta a um velho amigo para aproveitar o fim de semana prolongado no West Heart, um clube exclusivo e tranquilo em meio à natureza. Horas depois de McAnnis chegar, o corpo de um dos membros do clube é encontrado no lago. E, para ficar ainda mais dramático, uma grande tempestade está a caminho. Em **Os pecados de West Heart**, suspeitos não faltam e todos têm algo a esconder. Uma história que homenageia os grandes nomes da ficção criminal clássica.



Os pecados de West Heart

DANN MCDORMAN
Trad.: Jaime Biaggio
Intrínseca
272 págs.

Caso raro na história da literatura, o personagem Sherlock Holmes se tornou maior que seu próprio autor. Atravessou o século 20 como fenômeno pop e continua dando mostras de que tem fôlego para muitos anos de sucesso. O segredo do livro e do personagem? O método dedutivo, calcado em uma lógica irretocável. Estão na narrativa também a ironia, o tédio, a desilusão, a cocaína, o senso de humor, os disfarces, o dr. Watson, Mycroft, Irene Adler e, naturalmente, o professor Moriarty, o maior entre todos os inimigos, contra o qual Holmes trava a luta decisiva.



Grandes aventuras de Sherlock Holmes

ARTHUR CONAN DOYLE
Trad.: Daniel Knight
Tordesilhas
378 págs.

A HISTÓRIA DE ROMA

JOANA BÉRTHOLO

Ilustração: **Denise Gonçalves**

LISBOA: SOLSTÍCIO DE VERÃO

Hoje passei muito tempo a ver fotografias daquele ano, dez anos atrás. Uma em particular, a única que tenho de Buenos Aires quando tu já não estavas. É uma foto de grupo. De pé, eu, o Juan e a Osa. O Juan segura um pincel e uma capa de cartão, que finge pintar. Sentados à nossa frente, o Ricardo, com o queixo cortado pelo enquadramento, e um rapaz de quem esqueci o nome. Pouco se vê da cartonaria: na parede atrás de nós a imagem de Che Guevara, a preto e branco, de charuto alçado, junto a duas insígnias em cartão. Uma brada ELOÍSA CARTONERA num abuso de cores disponíveis e outra, pintada de amarelo e azul, carrega a sigla CABJ — Club Atlético Boca Juniors.

Não me recordo de termos tirado esta foto, muito menos de quem a tirou. Não me lembro daquele casaco furtado de armário alheio, nem de ter sorrido no período pós-Montevideú. Ainda assim, a fotografia documenta o meu empenho em esticar a comissura dos lábios. A minha cara está inchada, o meu pescoço dilatado, e trago o braço ao peito, mas apenas o pulso está ligado. Seria simples reproduzi-la, à fotografia, mas interessa-me a confiança que se estabelece entre quem conta e quem escuta. Afinal, o que prova uma imagem? Colocá-la aqui contrariaria a evidência de que engessar o braço é uma ficção fácil. Que eu podia nem o ter partido, mas necessitado de o encenar, para poder voltar para casa mais cedo ou para que na Eloísa recebessem algum tipo de abono. Qualquer confiança terá, portanto, de se estabelecer num lugar mais profundo. No mundo em que vivemos, entre photoshop e deepfake, as imagens tornar-se-ão cada vez menos fidedignas, menos até que as palavras.

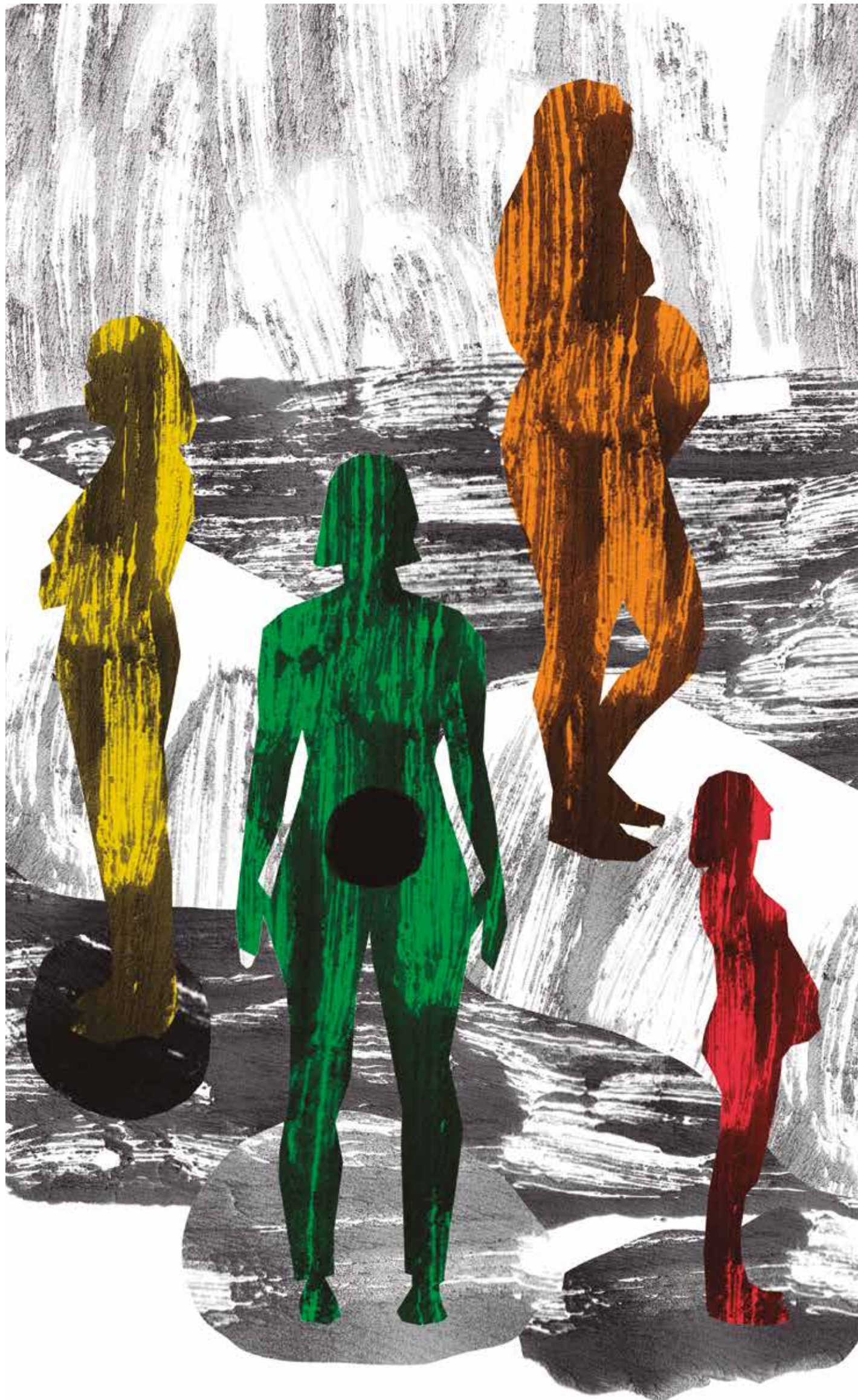
As imagens mais verdadeiras são aquelas que mentem. Se lembrarmos, ou googlarmos: “autorretrato de Picasso”, enter, “autorretrato de Frida Kahlo”, enter, e o mesmo com “Warhol”, “Francis Bacon” ou “Cindy Sherman”, enter, é evidente que o desvio da ilustração fidedigna é o que melhor os representa. Pode um texto funcionar como esses autorretratos?

Naquele tempo, do braço engessado, acreditava que, se um dia fosse mãe, lhe daria um nome de lugar. Lassa ou Cairo, se nascesse rapaz; Odessa ou Roma, se rapariga.

Trazer uma pessoa ao mundo deve ser como inaugurar uma capital ou descobrir uma floresta virgem. Todas as cidades ou florestas previamente visitadas devem significar pouco perante aquela nova topografia. Imagino que será necessário determinar cada costume de raiz, cada recinto ou cruzamento. Tornar-se mãe não andarão longe de recomençar a civilização.

Imagino.

Em viagem, cada pessoa junto de quem nos apeamos é um novo território, com as suas múltiplas atmosferas, fases férteis e de pousio que ciência nenhuma adivinha. A cada um a sua forma de chover, o seu jeito de dar fruto. Há gente que é à beira-mar, de bom convívio, ou escarpada. De quando em quando, encontrar alguém com desertos dentro, com paisagens interiores absolutamente tropicais. Com sorte, perder-se nele.



Mas nunca quis ter filhos.

Tanto quanto nunca quis *não* ter filhos. Ou seja, *não* nunca quis ter filhos; ou nunca *não* quis ter filhos; ou nunca quis ter *não* filhos; ou até: nunca quis ter filhos *não*. Experimentei um *não* em cada posição da frase, faltou-me a sintaxe.

— Então, e tu? — perguntavam-me outra vez.

— Acho que não... — respondia, se respondesse.

O incómodo era admitir que não achava nada. Nem desejo, nem repulsa. Não queria nem deixava de querer os filhos elipsados nesta interpelação. Então e eu? Não soavam ponteiros, campânulas, alarmes, nem qualquer outro tipo de comoção hormonal. Trazia a potencial maternidade como um vestido largo, sem necessidade de o cintar ou lhe definir uma forma. Permitia-me acreditar que poderia pensar nisso num tempo idealmente remoto, quando me sentisse preparada. Não concebia (verbo do qual não abusar) que, nos trinta, iria deitar-me com uma borbulha de acne tardio e, ao acordar, encontraria no espelho a primeira ruga e o primeiro cabelo branco. Sem transição: houve um momento em que tinha todo o tempo para conspirar filhos e futuros e, no seguinte, cada dia era um dia a menos para me decidir.

Então e tu?

Está na altura.

Tens bom corpo.

A tua irmã vai no terceiro.

Com a tua idade já tinha dois.

Aproveita agora, que tens energia.

Nunca fui tão feliz quanto na gravidez.

Depois custa mais. É perigoso.

O parto é terrível. Mas esqueces.

A namorada de um amigo meu deixou para a última e teve prematuro.

O teu namorado tem ar de bom-pai.

Se não te despachas, ele vai à sua vida...

Os filhos solidificam a relação.

Aquela mulher, na praia, que não percebia como eu tinha alegremente passado a tarde a fazer carreirinhas na água com os filhos dela, mas não tinha ainda os meus. A outra, com prole para um quarteto de cordas, que me agarrou no braço:

— Olha que te arrependes...

Os dedos cravados na minha pele, o tom de oráculo.

(Vais arrepender-te)

Se ousas retorquir ou sugerir que possa não ser para ti:

É porque ainda não encontraste a pessoa certa.

Deixa vir os quarenta que te dá a urgência.

Tiveste uma infância feliz? Não, pois não...?

O que é que te fizeram...?

Darias uma boa mãe!

Se não trabalhasses tanto...

Não podes pensar só em ti.

Põe os olhos na filha da Suzete! na tipa da imobiliária! na vizinha do segundo esquerdo! na professora do Tomás... Não queiras que te aconteça o mesmo!

E na reforma?

Quando fores velha, quem é que cuida de ti?

(Vais arrepender-te.)

Quem herdará as tuas coisas?

Não pensas em perpetuar os genes?

Não te incomoda que pensem que há algo errado contigo?

Não tens medo de olhar para trás e sentir que falhaste?

Que vieste à vida e não te cumpres?

Desperdiças um útero.

(Vais arrepender-te.)

Uma boa amiga, depois do segundo filho, a insistir:

Tens de ter um. Nem que seja para sentires a maior onda de amor que alguma vez irá passar por ti.

E as outras, os outros:

É o único amor incondicional.

É o melhor do mundo.

Nada se compara.

Traz maturidade, faz-te crescer.

Ser mãe realizou-me.

Ser pai tornou-me numa pessoa melhor.

Deu-me um propósito.

E se te arrependes quando for tarde demais?

Vais arrepender-te.

DIA 1

Quando chegaste a Lisboa, esquivaste-te a clarificar se vinhas ver-me, a mim, ou à cidade. Deixei passar uma semana porque não te quis na celebração do meu aniversário. Lutei contra a tentação de fantasiar com os teus trajetos e com a proximidade aos meus. Passavam-se os dias e eu pegava no telemóvel só para voltar a pousá-lo. Não sabia o que dizer. Talvez tivesses já partido: não tinhas mencionado quanto planeavas ficar. Quando escrevi, perguntei onde estavas. Apesar de te teres hospedado num serpentino bairro histórico, uma linha reta unia a minha à tua morada. Calhaste numa rua de Alfama de que nunca tinha ouvido falar mas que o mapa posicionava a uns inconcebíveis mil e cem metros.

Sugeri que nos encontrássemos no Largo do Intendente, reconheceste-o. “Lisboa é pequenina”, escrevi — de repente Buenos Aires imensa na minha memória. Ao descer a colina, senti o corpo tenso e reticente. A luz tardívaga rebatida nas fachadas pintava-as de carmim e acentuava a impressão onírica daquele reencontro. Este texto já se escrevia sem que eu o notasse ou anotasse: éramos agora duas personagens.

Não foi imediato reconhecer-te entre a multidão que concorria aos concertos. Eu já não era plenamente eu, aquela que fora e, quando te vi, tu tão-pouco. Chocou-me a impiedade dos anos. Traços fisionómicos afundados, linhas que perderam firmeza; sobretudo, um brilho ofuscado. Entre a conversa que reaviva a camaradagem e o humor cúmplice, recuperei um turbilhão de sensações que ao longo dos últimos dez anos me tinha empenhado em rasurar. A memória de alguém que se quer muito, ou se julgou querer muito, ou se quis muito um dia.

A noite foi entrando bar adentro e elevando o volume da música. Inclínaste o tronco na minha direção como uma rampa de lançamento para a voz. Eu dei-te a linha curva do pescoço. Os apontamentos de luz incidiam na tua face, acentuando o cansaço. Quase um outro rosto. Quase um outro homem. Eram tantas as perguntas acumuladas ao longo dos anos que, afinal, não perguntei nada. Fixei o contorno dos teus lábios enquanto falavas, arroxeados pelo vinho. Antes de nos despedirmos, tão pouco sóbrios quanto os noitibós que declinavam o convite do segurança do bar, consegui perguntar quanto tempo planeavas ficar em Lisboa. Impassível, disseste apenas que não tinhas voo de volta.

Voltemos a Buenos Aires — era o que eu queria ter dito nessa noite.

Porque houve um dia em que o amor não era uma forma de devastação mútua. Uma manhã que clareou longe, num formigueiro metropolitano de quinze milhões. Eu, recém-chegada, rascunhava um prómio em que certos nomes — Almagro, Recoleta, San Telmo — formavam um só bairro no território da minha ignorância. Descobria uma megalópole difícil de abarcar, num arranque penoso: a canícula; os tecidos pegados à pele; o mapa pegado à esquadria; e as investidas dos homens pegadas a mim, num constante e indiscriminado chamullar — digo “chamuchar”. Deste verbo é possível inferir todo um tratado de ânimos e costumes. É um termo do lunfardo, dialeto de imigrante, gíria argentina e uruguaia que governa as ruas. É o idioma oficial do tango:

La encontró en el bulín y en otros brazos

Sin embargo, canchero y sin cabrearse

Le dijo al gavilán: Puede rajarse

El hombre no es culpable en estos casos.

Na tradução mais elegante, chamullar seria “fazer a corte”, mas a sua vivência quotidiana é mais bem representada por “bater couro”. Nenhuma traduz a dança de galanteios que a prática implica. Junte-se o dulcíssimo sotaque, a entoação dengosa, o chechar, o humor sardónico — e a minha primeira paixão foi a prosódia. Na mais módica interação, nas platitudes e nas blandícias, ao café e no teledrama. Bastava escutar. Um deleite ubíquo que converteu um encontro de início áspero, por vezes exasperante, num grande amor. Refiro-me a Buenos Aires — um amor com muitas histórias de amor por dentro. **U**



A AUTORA

JOANA BÉRTHOLO

Nasceu em Lisboa (Portugal), em 1982. Formou-se em Belas-Artes, em Design, e doutorou-se em Estudos Culturais. Sua obra transita entre o romance, o conto, o ensaio, peças de teatro e literatura infantil e juvenil.

No Brasil, publicou **Ecologia e Natureza urbana**.

O romance **A história de Roma** será lançado no segundo semestre pela Dublinense.

TEMPO CURVO EM KREMS

CLAUDIO MAGRIS

Tradução: **Maria Célia Martirani**

Ilustrações: **Marcelo Frazão**

O geógrafo árabe al-Idrisi, já em 1153, celebrava o esplendor de Krems, que em sua opinião superava até mesmo o de Viena. Hoje, ela se parece mais com Vineta, a cidade submersa pelas águas, em cujas ruas — como diz a lenda — é possível vislumbrar alguém perambulando em trajes antigos. Um pedestre surge de uma porta entre as ruelas. Na sombra das horas, figuras descem das tapeçarias para a vida.

Em Stein, cidadezinha ainda mais monótona e solitária — não muito longe de Köchel, que leva o nome do responsável por catalogar as composições de Mozart —, o farmacêutico se enche de entusiasmo com a inesperada chegada de um estranho. Mostra, orgulhoso, a farmácia inteira e lhe fala sobre as glórias de Stein, não sem desdenhar de Krems, histórias de velhas rivalidades municipais entre uma e outra cidadezinha de Wachau.

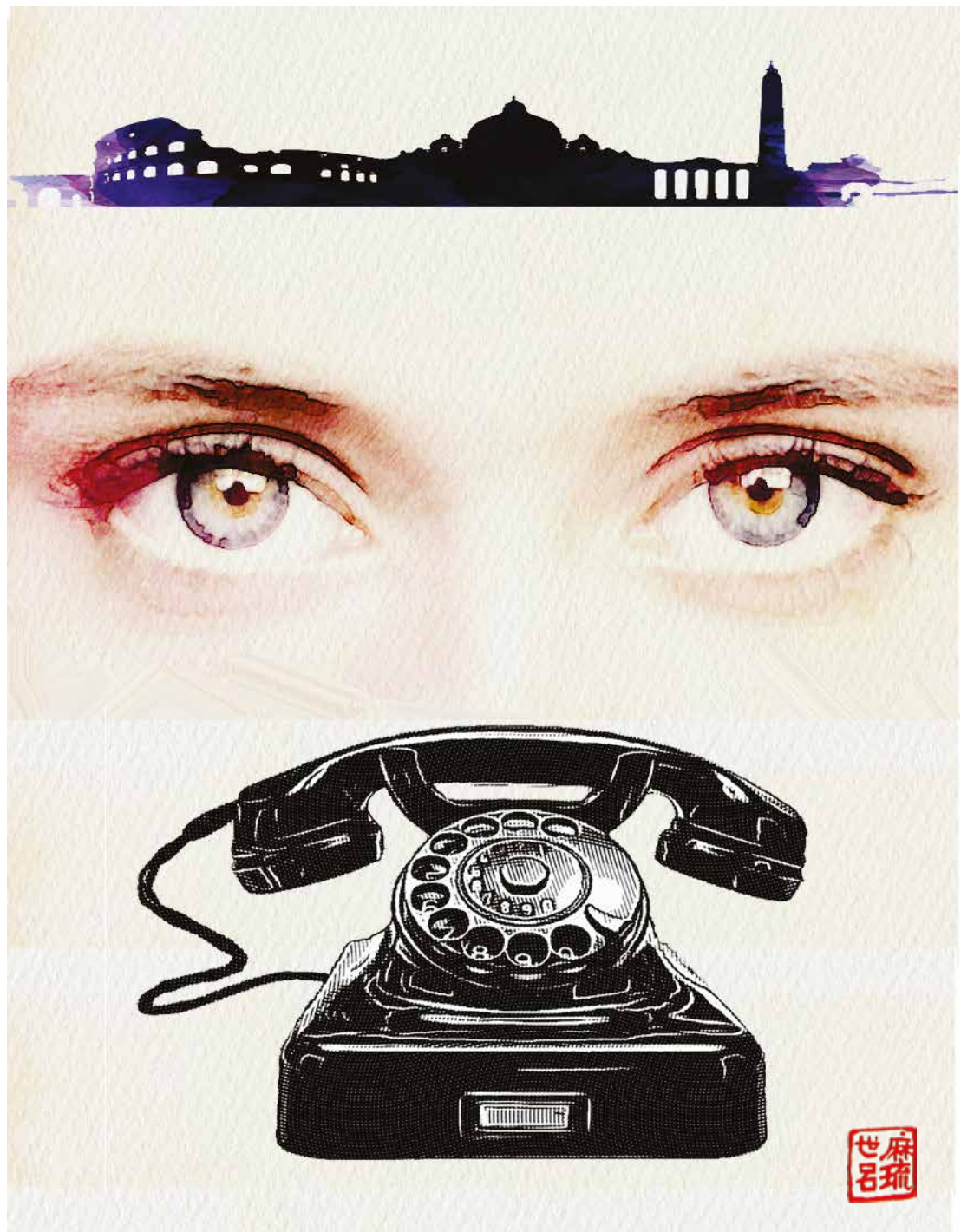
O cenário combina perfeitamente com a pequena inversão da relação de causa e efeito, que ocorreu naquela noite em Krems.

Um modesto hotel, renomado pelo vinho que servia (elogiado pelo imperador Maximiliano, mas para outros, muito ácido), tinha sido escolhido para festejar a minha breve glória daquele dia. À tarde, eu fizera uma conferência sobre Kafka, em Klosterneuburg, o Escorial vienense, que guarda as relíquias de São Leopoldo, o duque Leopoldo III de Babenberg. O local exibe o obsessivo pathos funerário de Carlos VI da Áustria: a cúpula sustentada pela coroa e a cruz, pela coroa dos Habsburgos, carregada como uma cruz.

A princípio, uma conferência tem que ser bem-sucedida e a arte profissional ensina a sugerir reflexões sedutoras, dissimuladas por meio de algumas anedotas espirituosas. Eu me saíra bem, assim como os demais conferencistas do renomado congresso.

Os organizadores, admiradores e alguns amigos de ocasião, que nunca faltam em circunstâncias do gênero, levaram-me para jantar em Krems — sabe-se lá por quê. A neve caía, tornando ainda mais vazio o sonolento tédio da antiga cidadezinha e induzindo a viver aquele momento, aquela noite, como se já tivesse passado, imaterial e silenciosa como a lembrança, um suave nada do qual o branco não parecia ser o sinal real, mas uma imagem suavizada e distante...

Eu era o protagonista do jantar, admirado, com respeito, pelo pequeno círculo. Uma senhora triestina unira-se, discretamente, ao grupo. Era casada com um austríaco e morava, há muitos anos, em Linz, a uns cem quilômetros dali. Orgulhosa de poder estabelecer uma cúmplice familiaridade com o prestigiado orador, quase como se exercesse um pequeno direito de propriedade privada, disse, a um certo ponto, que sua prima tinha sido minha colega de classe na escola e que lhe falava, com fre-



quência, de mim, de nós dois, de nossa amizade. “Não é exatamente minha prima, é casada com um primo meu, espere... seu nome de solteira era... espere, estou com o sobrenome na ponta da língua, se chamava...”

Não tive, infelizmente, companheiras de classe. Cresci em meio ao suor da caserna de uma turma masculina. Respondi-lhe que, portanto, deveria se tratar de um equívoco, mas ela insistia, tentando se recordar daquele nome.

Eu abomino a parapsicologia e certamente não foi com um prazer misterioso, mas apenas com surpresa, que eu disse com tranquilidade e simplicidade, enquanto ela ainda se empenhava em procurar o tal nome: “Acho que a senhora esteja se referindo a Nori S., mas está enganada, nunca estivemos juntos na mesma turma e ela não pode se lembrar de mim, porque não me conhece, nunca conversamos”.

Eu me surpreendi, ainda mais do que ela, por ter dado um nome àquela indefinição genérica, mas enquanto ela assentia e confirmava maravilhada, eu não tive tempo para investigar de onde vinha aquela certeza sóbria e incontestável. O prazer que eu sentia diante da evidente mentira objetiva da falante mulher, seu indubitável equívoco, era muito mais intenso do que a moralidade científica que me obrigava a rejeitar afirmações que não cor-

respondiam aos fatos. “Sim, certo, ela mesma, mas como fez para adivinhar? Nori, lhe asseguro, se lembra tanto do senhor, fala sempre do senhor...”

Eu me esquivava, suave e inequivocamente, enquanto me entregava a uma felicidade clara como a água de um riacho. A falsidade era flagrante.

Nori S. frequentava o terceiro ano do Liceu, enquanto eu estava no segundo. Era belíssima e inalcançável, com aqueles cabelos castanhos que se ondulavam e ficavam mais claros na luminosidade das grandes janelas abertas ou mal fechadas do Liceu. Todos os alunos a amavam há anos, a amávamos com a fidelidade compacta de um batalhão de guarda.

Ao percorrer os corredores de forma distraída e desatenta, ela conseguia transmitir, a seus inúmeros aspirantes, uma compreensão eterna daquilo que uma famosa poesia descreve como “algo além”. Essa noção transcendente se presentificava em todas as imagens ao seu redor e em seu rosto, bem como em seus olhos oblíquos e claros. Tudo nela tocava a beleza, mais evidente do que aquela cantada pelos célebres versos.

Para um rapaz de dezessete anos, uma encantadora garota de dezoito é mais inacessível do que uma diva de Hollywood para um professor. Em geral, não me supervalorizo, nem tampouco me subestimo, quando é o caso, mas

é, sempre foi e sempre será impensável preencher a distância entre mim e Nori, a distância que existe entre cada soldado do regimento, alinhado em posição de sentido e a bandeira que se ergue no céu e no vento.

No amor comum por Nori, aprendíamos a universalidade de Eros, que persegue o absoluto, o divino, o Ser que se descortina diante dos olhos de cada um, como a clareira entre os bosques do Monte Nevoso ou a aparição do mar em Miholašćica. Naquele amor, professado sem exceções individuais, éramos todos irmãos, como diante da morte e do futuro que nos esperava, impenetrável devido à excessiva luz de juventude que irradiava.

Eu invejava, só um pouco, meu colega Stefanutti, que obviamente sem ter, da parte dela, nenhuma consideração, era famoso por seu amor não correspondido e, por isso, alvo da zombaria de todos. Ele era, por assim dizer, o apaixonado infeliz oficial, o delegado de todos nós. Tinha, evidentemente, o dom da representação, que mais tarde o levaria aos bancos de alguma assembleia, a cargos certamente menores do que o de deputado dos apaixonados por Nori, mas ainda assim representativos.

Invejava-o porque as gozações e a opinião geral o colocavam, de alguma forma, num relacionamento público com Nori, ainda que de negação e priva-

ção, enquanto eu não tinha, com ela, nenhum tipo de relação, nem mesmo indireta e negativa.

De fato, eu conhecia Nori, mas ela não me conhecia, do mesmo modo que sei reconhecer o rosto do presidente dos Estados Unidos, mas o meu é ignorado por ele. Era, portanto, impossível que Nori tivesse falado de mim para aquela senhora, porque ignorava a minha existência, nunca tínhamos trocado qualquer palavra e eu não podia ser um complemento objeto das suas frases, sem dúvida, harmoniosas como o voo das gaivotas.

Eu me deleitava com a ironia da situação, pois a mulher agia como se fosse íntima de sua prima postiça comigo, talvez pensando que isso pudesse, de alguma forma, melhorar a minha noite, que até então tinha sido bem-sucedida por um curto período. A ideia distante, embora improvável, de que Nori tivesse mencionado algo sobre mim, na minha mente, era como uma promoção, um triunfo olímpico.

Disse-lhe depois, enquanto ela protestava e reiterava a veracidade das suas palavras, que eu ficara contente e agradecia por aquela mentira. Mesmo sabendo que era mentira, durante toda a noite, me deixei levar pelo prazer que aquilo me dava. Deixei-me viciar por aquela fantasia como que magnetizado por uma música, não me incomodando, absolutamente, com a certeza de sua irrealdade.

A noite em Krems fora, porém, apenas o irônico e terno prelúdio da minha adiada revanche. Quase um ano mais tarde, em Roma, um amigo, falando de ex-colegas de Liceu, disse-me ter encontrado Nori, poucas semanas antes, de férias, numa praia e que ela se lembrara de mim, contando várias coisas a meu respeito. A essa altura, já era demais e, apesar de ser muito tarde, liguei para o hotel de praia onde, por acaso, eles tinham se encontrado e conversado.

Enquanto esperava que transferissem a ligação, intuí o quanto aquilo tudo soava estranho e quando ouvi uma voz feminina, gaguejei confusamente o meu nome, dizendo que, alguns meses antes, em Krems, uma sua prima, a senhora tal, me havia dito que ela... e que, por isso, eu tomara a liberdade de... Mas fui rapidamente interrompido pela voz, do outro lado da linha, que me cumprimentou com alegre confiança e começou a falar como se fôssemos velhos amigos.

Eu era, portanto, o velho de Svevo, que só muitos anos depois encontra uma garota que avistara certa noite, acertando, apenas na memória, a conta pendente que nem sequer fora aberta meio século antes, porque no presente, a luz da vida é obscurecida pela angústia de viver?

A ligeira brisa de verão que entrava pela janela, perto do telefone, era um vento dos espaços infinitos, em que tudo é presente e simultâneo, a rotação de um planeta e a luz de uma estrela que vêm de muito longe. Talvez o Danúbio, nas proximidades de

Krems, fosse o Oceano, que envolve o mundo em um círculo, águas que fluem e ao mesmo tempo retornam, margens que sempre se refletem em suas ondas.

O tempo é senhor da causalidade. Uma causa precede um efeito, mas a partir de um efeito, podemos remontar à causa que o gerou. Aquela familiaridade ao telefone era o efeito de um conhecimento mútuo do passado, modificando-o, retrocedendo no tempo.

Sim, o tempo é uma ordem causal, mas — agarrando-me a vagas reminiscências escolásticas e elucidações obtidas, sem muito sucesso, de alguns amigos físicos — lembrei que a relatividade restrita nos diz que a causa só pode se propagar no espaço-tempo a uma velocidade igual ou menor que a da luz. De acordo com essa teoria, dois eventos que não podem ser conectados por um sinal causal, viajando a uma velocidade menor ou igual à da luz, não podem ser ordenados no tempo de forma absoluta.

Então as confidências feitas à prima de Linz e a conversa ao telefone são a causa ou o efeito — talvez os dois, que confusão e que encanto — de uma minha familiaridade com Nori que acontecerá quarenta, não, quase sessenta anos atrás, e a água do Danúbio que corre em Krems já desembocou no Mar Negro? Para evitar confusões, seria oportuno reformar as gramáticas e reduzir os verbos ao infinitivo presente.

A imponência de Nori, nos corredores do Liceu, como o Ser de Parmênides, também não era, nem será, mas apenas é?

O tempo, como Santo Agostinho afirmava, é considerado uma extensão da alma. Será que ele é capaz de abranger os momentos em que eu ainda não existia, mas que minha alma de alguma forma alcança? Gostaria muito mais que fosse a alma de Nori e que ela também me abraçasse, mínimo ponto na grande esfera do coração, em que está tudo e para onde tudo retorna.

Os seus cabelos... Por que será que lembro deles mais escuros, numa noite que já ia morrendo no mar, sem lua, mas luminosa, um clarão ainda no horizonte? A onda quebra branca na praia, recua e retorna. Está lá o claro sorriso do rosto e do mundo.

Um dia, levaram as últimas turmas do Liceu a Miramar, para visitar aquele famoso Centro de Física, instalado no parque do castelo encantador e kitsch, de onde um imprudente e generoso arquiduque partira para se tornar um imperador moribundo.

O diretor do Liceu nos dissera que a aula do ilustre professor cientista faria parte da visita: “Nas teorias de campos conformes da Física, que generalizam a relatividade de Einstein encontram-se, hoje, entidades geométricas que remetem ao conceito parmenidiano de eternidade...”

A voz emergia aveludada e abafada pela distância do tempo, sussurro de folhas na brisa marinha, que passava entre os ciprestes

e os carvalhos plantados por Maximiliano e Carlota naquele parque, ilha dos beatos e dos mortos. A voz se perdia no eco da lembrança, ondas se distanciavam concêntricas na lagoa do parque, onde um ou outro jogava, a cada pouco, uma pedra. As ondas sonoras propagavam aquelas palavras entre os recifes e a folhagem, para além da esfinge de mármore que, aos pés do castelo, olhava o misterioso mar. Propagavam-se para além do canal auditivo e do tímpano que as tinham transmitido às sensatas e receptivas sinapses dos neurônios dos ouvintes, graças à soporífera ocasião oferecida por aquela conferência. Propagaram-se ainda mais pela floresta, que se erguia escura e quase envolvia o castelo branco e melancólico, exceto pelo lado voltado para o mar. Elas se espalhavam, indo além, nos anos que se desdobravam a partir daquela hora, da mesma forma que os caminhos se ramificavam em todas as direções a partir da fonte central do parque. Agora, esses sentimentos me alcançavam além da densidade do tempo, ecoando em vibrações de outro tipo, como ondas do coração.

Hoje, agora... o que quer dizer? O eloquente orador insistia em reiterar que hoje e ontem, agora e amanhã, antes e depois só existem no cérebro, volúvel prepotente que determina que o antes seja aqui e o depois, lá.

Quando, portanto, agora? Sempre, que às vezes dura apenas um segundo, diz o Coelho Branco à Alice. O país das maravilhas e a parte de trás do espelho estão em toda parte, ou seja, sempre, que não tem nem fim, nem começo; não há outra parte, nenhum outro segundo.

Se as coisas estão como dizia, dirá, aquele professor, não apenas os tempos verbais, mas também as preposições e os advérbios deveriam ser abolidos. Teorias de campos conformes, entes geométricos, antes e depois que existem apenas na mente — e nessa despótica mente, grande enigma e grande confusão.

Agora, Nori e eu agora... Claro sorriso em seu rosto; a água escorre límpida, nuvens no fundo do mar, transparência do coração. A palavra se alarga até abraçar o grande mar, atrás do orador, a linha reta do horizonte se encurva, a abóbada do céu a fecha...

Se — conforme explicava o orador — no espaço-tempo, este último é representado por uma linha curva em vez de uma linha reta, no caso de massas muito grandes, pode-se tratar também de uma curva fechada, ou seja, de um círculo. Mas então, tudo retorna, tudo é, e eu já estive, já estou na foz do Danúbio, enquanto sigo suas águas para alcançá-la.

Ainda assim, Krems, pelo menos para quem vem de Viena, é depois de Dürnstein; em 1918, alguém arrancou, dos edifícios públicos da Costa Adriática, as insígnias com a águia de duas cabeças e Trieste, antes austríaca, se tornou italiana; em 1989, caiu o muro de Berlim; o Big Bang ocorreu há quatorze bilhões de anos,

dizem. Mas um ano quer dizer o tempo que a Terra leva para girar ao redor do Sol e um dia, o tempo que leva para girar ao redor de si mesma. Mas e quando não havia nem Terra, nem Sol, o que significavam anos e dias, o que podia existir e acontecer naqueles anos que não existiam?

Contudo, ao longo dos anos, guerras começaram e terminaram — terminaram onde? As cicatrizes ainda existem; tatuagens gravadas no corpo queimam debaixo da pele do mundo e de cada um.

O mapa-múndi é plano, a mão acaricia a sua superfície multicolor e polida. Sob o azul de águas e ilhas distantes, há todo um sangrar e apodrecer. Os meridianos cortam aquela esfera como gomos de laranja. O navio corta aquele fio que corta o tempo.

Por um segundo — o que significa? Não, não um segundo, alguns minutos — a proa está no dia 25 de novembro e a popa, no 26, sim e não, o inverso. Linha limítrofe da mudança de data, um amor que avança, outro que recua — no tempo, certamente — onde se não? Seria também o amor uma pura convenção como aquela linha, aquele meridiano que não se vê, não existe?

Cada meridiano, um gomo, o mesmo meridiano, a mesma hora em Trieste, Dresden, ilhas Lofoten, Luanda, Skeleton Coast Park. No Polo Sul como no Polo Norte chegam todas as pontas de cada gomo, todas as horas do mundo juntas — a que horas Amundsen pisou, pela primeira vez, no Polo Sul?

Não é verdade que o tempo será abolido, como promete ou ameaça o Apocalipse falando do futuro — um tempo do verbo, não a abolição do tempo, mas uma proliferação, mistura, contradição de todos os tempos possíveis e coexistentes; a vida — ou a morte — é um turbilhão vertiginoso.

O tempo, ou seja, a morte.

Em 1996, faleceu V., uma adorável menina que, mesmo após passar anos sofrendo com uma doença que a torturou e desfigurou, nunca perdeu sua inabalável dignidade. Ela permanece como a mesma menina encantadora que era, tanto no passado quanto agora, e será para sempre assim. Aquela data, divisor de águas da vida — e não apenas da sua — é um dique que bloqueia o fluxo das águas.

V. não existe mais, o que isso quer dizer? Shakespeare não é mais um poeta, mas apenas foi e agora não é mais? O que as artérias desgastadas ou outras possíveis aflições têm a ver com sua condição de ser poeta, tanto agora como sempre? E outras, outros, amigas, amigos? — a amizade, outro nome do amor, um caminhar junto, caloroso e arriscado, querer bem é um risco, mas é para sempre, portanto agora...

Algumas amigas e amigos não caminham mais juntos, eles seguiram por outro caminho que leva a outro lugar, mesmo que não se saiba bem onde — talvez tenham ficado um pouco para trás, talvez tenham parado em uma *osmiza*¹ para beber um copo de Terrano. Daqui a pouco, eu também volto para trás ou sigo mais adiante e os reencontro, se ainda tiver um pouco de Terrano e de presunto — que com certeza ainda deve ter por lá. Há algumas osterias em que se está melhor do que neste mundo. Se depois — depois do quê? — encontrássemos boas osterias, mais do que anjos que tocam trombetas entre as nuvens, não seria nada mal. Talvez lá eu pudesse ser mais ousado, afinal lá os anos não contam — mas quando é que contam? — e um rapaz encabulado poderia criar coragem...

Eu nunca tinha verdadeiramente falado com Nori, antes daquela noite em Roma e só por telefone. Gostaria de tê-lo feito; talvez lá, naquele outro lado, teria menos medo, aquele medo que sempre aparece nessas coisas, quando são verdadeiramente importantes. Gostaria de ter falado com ela, antes; de tê-la beijado, beijá-la...

Amar, sinônimo de ser, verbo defectivo que conhece apenas o infinitivo presente. As transformações conformes especiais — eram quase uma ideia fixa do orador em Miramar — projetam os pontos do espaço-tempo do finito ao infinito, em um conjunto, que Penrose (parece ser outro daqueles luminares, que explicam como funcionam o antes e o depois) define como cone de luz ao infinito. Neste cone — ele afirma, afirmou, afirmará — tempos futuros e passados aparecem rigorosamente equivalentes em apenas um só e único ponto.

A vida eterna, talvez? É o que dizem os de outra paróquia, que têm a pretensão de mostrar algo que não se vê, mas pelo menos não pretendem demonstrá-la como o teorema de Pitágoras. Por outro lado, alguns professores são tão confiantes e seguros com os seus logaritmos, algoritmos e buracos negros... E agora também LUCA, *last universal common ancestor*, a proctobactéria ou talvez também não, mas mesmo assim, o mais velho ancestral de todos os seres vivos, mono e pluricelulares, de todos nós, incluindo fungos e amebas. O que importa se ninguém viu? Nem mesmo Deus — ninguém viu — como afirmou o apóstolo João, o favorito. Também nunca vimos um buraco negro, onde uma estrela colapsa. Não podemos dizer que antes havia a estrela e depois o buraco negro, porque é o cérebro que determina a sequência do antes e do depois. Portanto, se o cérebro não existe, não há antes nem depois, não há nada — apenas poeira cósmica invisível, pequenos mosquitos que olhos envelhecidos podem ver fluando no ar, mas que na realidade não existem.

A estrela resplandece em sua luz branca e colapsa num buraco negro, os cabelos de Nori são brancos e eram, são — serão? — castanho-escuros, não, não tão escuros.

Exaltava-se o professor, obcecado com o antes e o depois e se regozijava com o poder do hipocampo — aquele voluntarioso cavaleiro-marinho, aninhado entre os lobos do cérebro. Exaltava-se com Cronos, com o Tempo, soberano deposto sentado no trono como numa cadeira bamba. Além disso, aquele professor, com o seu sotaque da Romanha era dos mais simpáticos para nós, recrutas que os oficiais incentivavam a se dedicarem na batalha pela vida, ou melhor, pela ciência.

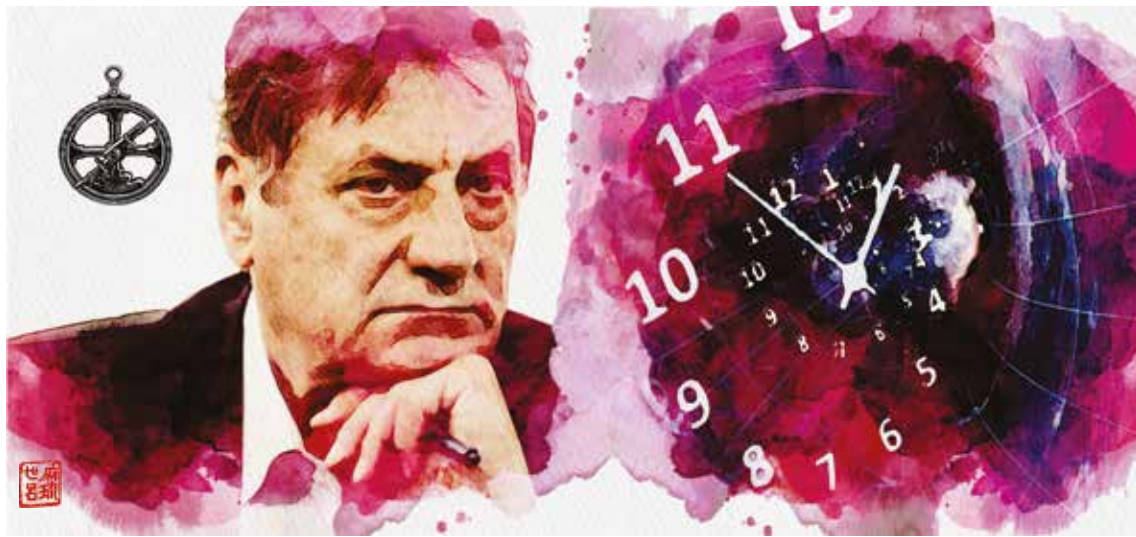
Vida eterna, portanto? Sim, mas aqui e agora — eu ficara impressionado ao ouvi-lo dizer e escrever isso; ele, que chamam de Sua Santidade e que parecia sempre desconfortável e atrapalhado em sua roupa branca, mas que tivera a coragem de ser ele mesmo, em vez de ser o “representante de Deus”. Assim escreve, escrevia aquele homem, aquele ex-sucessor de Cristo, a vida eterna agora e sempre, mas sobretudo agora, não uma imaginária existência que continua depois da morte, um ilimitado prosseguir de ontem hoje e amanhã e sabe-se lá o que mais, entre punições e prêmios, como tantos fiéis querem crer. Esta é a vida eterna que vocês devem conhecer — era, ao menos, o que dizia aquele que se proclamava filho de Deus e o disse pouco antes de morrer.

Conhecer, viver a verdade. A vida verdadeira, autêntica, impregnada de significado; vivida também no tempo, no tempo iluminado por um valor que não pode ser destruído por nada e por ninguém, nem alterado pelo fluir da areia na ampulheta, imediatamente invertida e sempre cheia novamente quando parece vazia. Sempre quer dizer viver ou morrer? O vidro da ampulheta se ilumina e se colore com a luz que o atravessa, uma luz âmbar, quando a ampulheta está cheia de areia e amarelo-pálida quando se esvazia.

Límpida luz nos olhos imortais de Nori, naquele olhar que não envelhece. Vida breve, vida eterna; as nossas contingências — escreveu aquele velho poeta entre as dunas e as praias de Grado — colorem a eternidade de Deus; as ondas de luz, números e frações se tornam o azul do mar, o vermelho-violeta do entardecer, a claridade nos olhos de Nori.

O grão opaco morre sob a terra, a espiga se curva ao vento. Eterna folha da árvore sagrada, não muito longe de Benares e do Ganges, sob a qual um príncipe mendigo afastou a dor e o medo de morrer. Na folha que morre — explica aos discípulos — há o sol que a aqueceu, a nuvem que matou a sua sede com a chuva, a terra que a nutriu; a folha devolve as coisas e os eventos que a constituíram e são, continuam sendo ela. Eterna impermanência, eternidade de cada coisa.

Eterno desvanecer, eterno ser; a flor morre no fruto, portanto é o fruto — escreveu um genial e pomposo professor de Jena, demonstrando que também o maior dos filósofos pode ser um poeta. “Morra e torne-se” — dizia aquele poeta de Weimar, mais poeta do que o primeiro que, apesar de



ocupar o cargo de conselheiro do Ducado, aumentava seu salário de acadêmico com parcimônia. “Morra e torne-se”, assim verdadeiramente será, se não quiser ser apenas um hóspede apressado e obscuro em uma terra opaca.

Os oleandros do meu jardim, rosa brancos vermelhos, a cada ano, outros, os mesmos. Medo de morrer? Rei Ane, o Velho, você não morreu, diz a lenda, mas renasceu em Egil rei. Beba, velho rei, é você que esvazia e enche o copo.

Palavras — de quem, dos outros, de ninguém; as palavras são como o ar e as estações, não pertencem a ninguém. Grande confusão, grande demais para a pequena cabeça que a contém. O universo em uma noz, tão fácil de quebrar, basta batê-la com um pouco de força sobre a mesa. Mas enquanto isso, o miolo amadurece, torna-se mais macio e saboroso, e mesmo sob a casca compreende e percebe algo. Eu também agora compreendo, finalmente, até o paradoxo dos gêmeos, um jovem, outro um pouco mais envelhecido, o que foi viver na montanha.

Nori é mais jovem do que os seus coetâneos que não viveram perto do mar como ela; ela tem o mar dentro de si, talvez não saiba, não se lembra de quando era mar e criatura marinha, como tudo o que vive. Os seus anos são o maço de flores que tem nas mãos, papoulas do mar. Os seus olhos — não vejo a sua cor, mas são claros, luminosos. De qualquer forma, ela está lá, aqui, no cone de luz, uma clara luz azul além-mar.

De Malta se vêm, ao longe, atrás do branco das espumas do grande azul, Panarea e Stromboli. Stromboli negra, as suas praias negras. Em grego, *glaukós* quer dizer azul, mas também o que escurece, azul quase negro, mas brilhante, vida eterna na luz daquele olhar. Eu o tinha visto também em Krems, quando...

Tempos futuros e passados, um só ponto, um só tempo... Um infinito presente? Atuamos, talvez, em dois espetáculos, um linear e outro circular, iluminados por uma luz que desce do vértice daquele cone de que tanto gosta o professor Penrose...

Há muitos anos, em Trieste, na rua XX de Setembro, havia um cinema com duas grandes telas, em duas salas adjacentes, separadas apenas por algumas

escadas que levavam às fileiras de assentos. O filme exibido era o mesmo, atendendo às expectativas de um público frequentemente numeroso. De cada poltrona nas duas salas, era possível ver as duas telas, uma de frente para você e a outra ao seu lado. A sequência do filme era idêntica em ambas. No entanto, havia uma peculiaridade: a possibilidade de iniciar a projeção em uma delas, meia hora antes ou meia hora depois da outra. Isso criava a oportunidade única de exibir eventos e momentos diferentes ocorrendo simultaneamente: o protagonista morrendo em uma tela e, na outra, continuando sua história, lutando e se apaixonando, mesmo após seu suposto fim.

Seria isso, ou algo similar, o cone de luz ao infinito em que não há uma ordem temporal, nem causal? Região fora do tempo? Certo, sei muito bem que existe um ponto do espaço-tempo ordinário, um ponto que físicos e cosmólogos considerariam impreciso. Mas talvez um matemático esteja sendo excessivamente rigoroso, utilizando conceitos da geometria topológica. Não é garantido que um ponto saiba qual compasso o desenhou ou a rede da qual ele faz parte. O que dizer então das transformações do grupo conforme, que manipulamos sem muito conhecimento?

Pode ser, então, que entre aquela noite em Krems e aquele telefonema de Roma, eu tenha sido arremessado pelo espaço-tempo ordinário na região fora do tempo e depois, vice-versa, porque não há dúvida de que, neste momento, o meu tempo é retilíneo, como a caneta com a qual estou escrevendo, flecha que corre sem retorno em direção ao fim, no irreversível processo exaustivo que constitui a escrita e a vida, doenças com desfecho mortal.

Se as artes e as ciências tinham as suas deusas e Urania era a Musa que conhecia as estrelas, Nori poderia ser a Musa da translação, como Poincaré denomina a dinâmica daqueles deslocamentos temporais.

Mais do que isso, ela devia ser uma divindade superior — porque adverte, advertia o cientista no parque de Miramar — nenhuma translação de Poincaré, ainda que grande, conduz para fora do espaço-tempo ordinário e para qualquer sistema fi-

sico. No espaço-tempo ordinário são necessários um tempo infinito e a velocidade da luz para chegar ao cone de luz ao infinito, enquanto aquilo que me aconteceu — entre Krems e o telefonema de Roma — exigiu, modestamente, apenas alguns meses.

A transformação no cone de luz ao infinito, na região sem tempo, só é possível para sistemas físicos sem massa e, embora eu possa me considerar satisfeito com meu corpo bastante ágil, não posso negar que tenho uma certa massa. Talvez eu tenha recuperado Nori, transportando-a de volta do cone de luz para o de sombra, e agora, Nori, nunca tenha, sequer, tomado conhecimento de mim... **■**



CLAUDIO MAGRIS

Nasceu em Trieste (Itália), em 1939. É considerado um dos principais escritores italianos contemporâneos. Autor, entre outros, de **Danúbio**, **Microcosmo**, **Às cegas**, **O senhor vai entender**, **Alfabetos**. A coletânea de contos **Tempo curvo em Krems** será lançada em breve no Brasil, com tradução de Maria Célia Martirani. Nos cinco contos, o autor contempla a questão da velhice, mas não de modo apenas a constatar toda a problemática que envolve o envelhecimento.

NOTA

1. Uma osmiza é uma tradição cultural específica da região de Trieste, na Itália, e áreas próximas, como a Istria, que atualmente faz parte da Croácia e Eslovênia. Essa tradição tem raízes históricas e é uma espécie de taverna ou local de venda de produtos agrícolas diretamente do produtor para o consumidor. As osmize geralmente são abertas durante certos períodos do ano, conhecidos como “osmize abertas” ou “osmize social”, que são regulamentados por autoridades locais. Durante esses períodos, os agricultores e produtores locais podem vender seus produtos, como vinho, azeite, queijo, embutidos e outros alimentos caseiros diretamente aos visitantes. Além de oferecer produtos locais frescos, as osmize também são conhecidas por serem lugares agradáveis para socializar, relaxar e desfrutar da culinária tradicional da região. Geralmente, as osmize são anunciadas com uma pequena folha de hera pendurada do lado de fora, indicando que estão abertas para os visitantes. É uma tradição única e uma experiência gastronômica autêntica para quem visita a região de Trieste e seus arredores.

MEMÓRIA TEM ÁGUAS ESPESSAS

LUNA VITROLIRA

as mãos calejadas dizem
do corte da cana

carregam entulhos
cinco litros d'água
para sustentar a fome

nas depressões inundadas
os passos afundam
como se afundasse
um navio negreiro

com ele
muitas vidas viraram
obras de museu:

um homem sem rosto
um rosto sem nome
um nome sem gente

e sua terra incinerada

minha família veio num desses
que não afundou
com a tempestade

dispersa
nossa história enterrou-se

difícil encontrar os ossos
e as pedras que dirão de nós

memória tem águas espessas

herdeira de boia-fria
nasci com as mãos ásperas e o destino solto
era o que se dizia de gente assim

seja o que deus quiser

não contava
importante considerar
deus poderia não querer nada
o jeito cavar o caminho
até o chão morre de sede
não tem medo do que come
mas do quanto jejua
ensina paciência

paciênciapaciênciapaciênciapaciência
paciênciapaciênciapaciência
paciênciapaciênciapaciência
ciência
ci
ên
cia

nem tudo é pra hoje

sei pelas terras do passado
guardadas
debaixo das unhas
não tem banho demorado que tire

é de família

as vidas se repetem

uma pessoa
se multiplica
pra dentro da vida da outra
que vai nascendo para frente
como fossem partes
de um mesmo e único
espírito

só que mudando de nome

os mesmo vícios
as mesmas quedas
o mesmo erro

as mesmas sinas
os mesmos karmas
a mesma trilha

de mãe para filho
de pai para filha

o ciclo quando não se rompe

represa
repele
reprisa

dizem

a gente tem hora de morrer
para se encontrar de novo

obatalá
ajalá
ori odu

com os pés enraizados na terra
suporto na pele de onde vim
por isso voltei

não temo insistir pisar no mesmo lugar
não temo
refazer
redizer
recomeçar

andar para trás é um jeito de chegar mais longe

o futuro é ancestral

a estrada nunca pareceu longa
irresoluta
apertada
quente
de arder
nas costas

o real nunca pareceu
inerte
morredouro
caduco
de dar câimbra
na língua

o passado
fio que se rompe e se remenda
alinhava retalhos
de órgãos vitais acidentados de sanidade
rede
parabólica
ou de pesca
recolhendo do umbigo
o laço que so

bra

meu rito de passagem
minha fé

na revolta

há séculos moramos na raiva
pelos que atravessaram tantas estradas de água e cana

há séculos morro vendo o corpo escanzelado de nossa genealogia
cantando um grito seco no porão das embarcações

há séculos nasço qual bicho de carga
arrancado de um ventre marcado a ferro
de um vagina cortada
à faca

conheço a sepultura dos descorados
onde está escondida a vergonha
a cara lavada do escravocrata
seus contos de violação
dessangram

aprendi com as plantas que o povo renasce da memória
não há lamento
nem obediência

o relógio circadiano mede o tempo
coordena as respostas de cada hora
e a minha vó é a voz que pede para voltar 🗣️



LUNA VITROLIRA

É cantora, poeta, compositora, atriz, pesquisadora, palestrante e mestra em Teoria da Literatura. Autora de **Aquenda — o amor às vezes é isso**, finalista do Jabuti 2019, que se transformou em projeto transmídia, com o qual estreou na literatura, na música e no cinema, com livro, disco e filme. **Memória tem águas espessas** será lançado em breve pela Diadorim.

PAUL MULDOON

Tradução e seleção: **André Caramuru Aubert**

Wind and tree

In the way that the most of the wind
Happens where there are trees,

Most of the world is centered
About ourselves.

Often where the wind has gathered
The trees together and together,

One tree will take
Another in her arms and hold.

Their branches that are grinding
Madly together and together,

It is no real fire.
They are breaking each other.

Often I think I should be like
The single tree, going nowhere,

Since my own arm could not and would not
Break the other. Yet by my broken bones

I tell the weather.

Vento e árvore

Assim como quase sempre o vento
Sopra onde há árvores,

Quase todo o mundo gira
Em volta de nós.

O vento sempre faz as árvores
Ficarem juntas e juntas,

Cada árvore vai tomar
A outra em seus braços e segurar.

Seus galhos que vão se esfolando
Desesperadamente juntas e juntas,

Não é fogo de verdade.
Elas rompem umas às outras.

Às vezes acho que eu deveria ser
Como uma árvore, indo a lugar algum,

Pois meu próprio braço não poderia e não iria
Quebrar o outro. Ainda assim com meus ossos que-
brados

Prevejo o clima.

Why Brownlee left

Why Brownlee left, and where he went,
Is a mystery even now.

For if a man should have been content
It was him; two acres of barley,
One of potatoes, four bullocks,
A milker, a slated farmhouse.

He was last seen going out to plough
On a March morning, bright and early.

By noon Brownlee was famous;
They had found all abandoned, with
The last rig unbroken, his pair of black
Horses, like man and wife,
Shifting their weight from foot to
Foot, and gazing into the future.

Por que Brownlee foi embora

Por que Brownlee foi embora, e para onde foi,
É um mistério até hoje.

Já que se alguém deveria estar satisfeito
Era ele; dois acres de cevada,
Um de batatas, quatro bois,
Uma vaca leiteira, a casa de fazenda planejada.

Ele foi visto pela última vez indo arar
Cedo numa ensolarada manhã de março.

Ao meio dia Brownlee estava famoso;
Encontraram tudo abandonado, com
Sua carroça intacta, o par de cavalos
Negros, como marido e mulher,
Alternando o peso entre as
Patas, contemplando o futuro.

Quoof

How often have I carried our family word
for the hot water bottle
to a strange bed,
as my father would juggle a red-hot half-brick
in an old sock
to his childhood settle.
I have taken it to so many lovely heads
or laid it between us like a sword.

A hotel room in New York City
with a girl who spoke hardly any English,
my hand on her breast
like the smoldering one-off spoor of the yeti
or some other shy beast
that has yet to enter the language.

Tesão

Quão frequentemente eu levei o nome que nossa família
dá à água quente na jarra
para uma cama qualquer,
assim como meu pai fazia malabarismos com um pedaço de tijolo quente
numa meia velha
no barraco de sua infância.
Eu a levei para cabeças adoráveis
Ou deitei-a entre nós como uma espada.

Um quarto de hotel em Nova York
com uma garota que quase não falava inglês,
minha mão no peito dela
como o rastro fumegante de um yeti
ou de algum outro animal tímido
que ainda não conheceu a linguagem.



The train

I've been trying, my darling, to explain
to myself how it is that some freight train
loaded with ballast so a track may rest
easier in its bed should be what roused

us both from ours, tonight as every night,
despite its being miles off and despite
our custom of putting to the very
back of the mind all that's customary

and then, since it takes forever to pass
with its car after car of coal and gas
and salt and wheat and rails and railway ties,

how it seems determined to give the lie
to the notion, my darling,
that we, not it, might be the constant thing.

O trem

Tenho tentado, meu amor, explicar
a mim mesmo como é que um trem de carga
carregado com lastro para que os trilhos possam repousar
melhor em seu leito pode ser o que despertou

em nós dois, esta noite como em todas as noites,
apesar de estar a milhas daqui e apesar
de nosso costume de mandar para
o fundo de nossas mentes tudo o que é costumeiro

e então, uma vez que leva uma eternidade para que ele passe
com seus vagões após vagões com carvão e gasolina
e sal e trigo e trilhos e dormentes,

como ele parece decidido a mentir
sobre a noção, meu amor,
de que somos nós, não ele, que podemos ser permanentes.

PAUL MULDOON

Nasceu em Portadown (Irlanda do Norte), em 1951. Publicou mais de trinta livros e, entre outros prêmios, levou o Pulitzer de 2003. Foi editor de poesia da revista *The New Yorker* e professor em Oxford e Princeton.

The Boundary Commission¹

*You remember that village where the border ran
Down the middle of the streets,
With the butcher and baker in different states?
Today he remarked how a shower of rain*

Had stopped so cleanly across Golitghtly's lane
It might have been a wall of glass
That had toppled over. He stood there, for ages,
To wonder which side, if any, he should be on.

Comissão de Fronteiras

*Você se lembra da aldeia em que a fronteira passava
Pelo meio das ruas,
Com o açougueiro e o padeiro em países diferentes?
Hoje ele reparou que uma chuvarada*

Parou exatamente no beco Golitghtly
Bem poderia ter sido uma parede de vidro
Despencando. Ele ficou ali, por muito tempo,
Pensando a qual lado, se é que a algum, deveria pertencer. ❶

NOTA

1. Neste poema, fica explícita a questão da Irlanda dividida entre o norte britânico, terra do autor, e o sul, da República da Irlanda.



ozias filho

QUEM EU VEJO QUANDO LEIO



SOFIA PERPÉTUA

SOFIA PERPÉTUA

Nasceu em Lisboa; jornalista e escritora, tem mestrado em Jornalismo com especialização em narrativas audiovisuais pela **City University of New York**, trabalhou nas redações do **The New York Times**, **NBC** e **CNN** em Nova York, foi correspondente no Brasil e colaborou com **BBC**, **The Washington Post**, **Ms. Magazine**, **Unicef**, **Greenpeace**, **Human Rights Watch**.... Produziu o podcast **The Thread**, nomeado para dois **Webby**. Recebeu um **Pictures Of the Year International** em reportagem documental. Escreveu **Maria não me mates**, finalista da primeira parceria MotelX/Guiões. Publicou **Tanque**, texto vencedor da 3.ª edição Nova Dramaturgia de Autoria Feminina, um prêmio inserido no Festival de leituras **Esta Noite Grita-se**, promovido pela companhia de teatro Cepa Torta.



Veja mais em rascunho.com.br

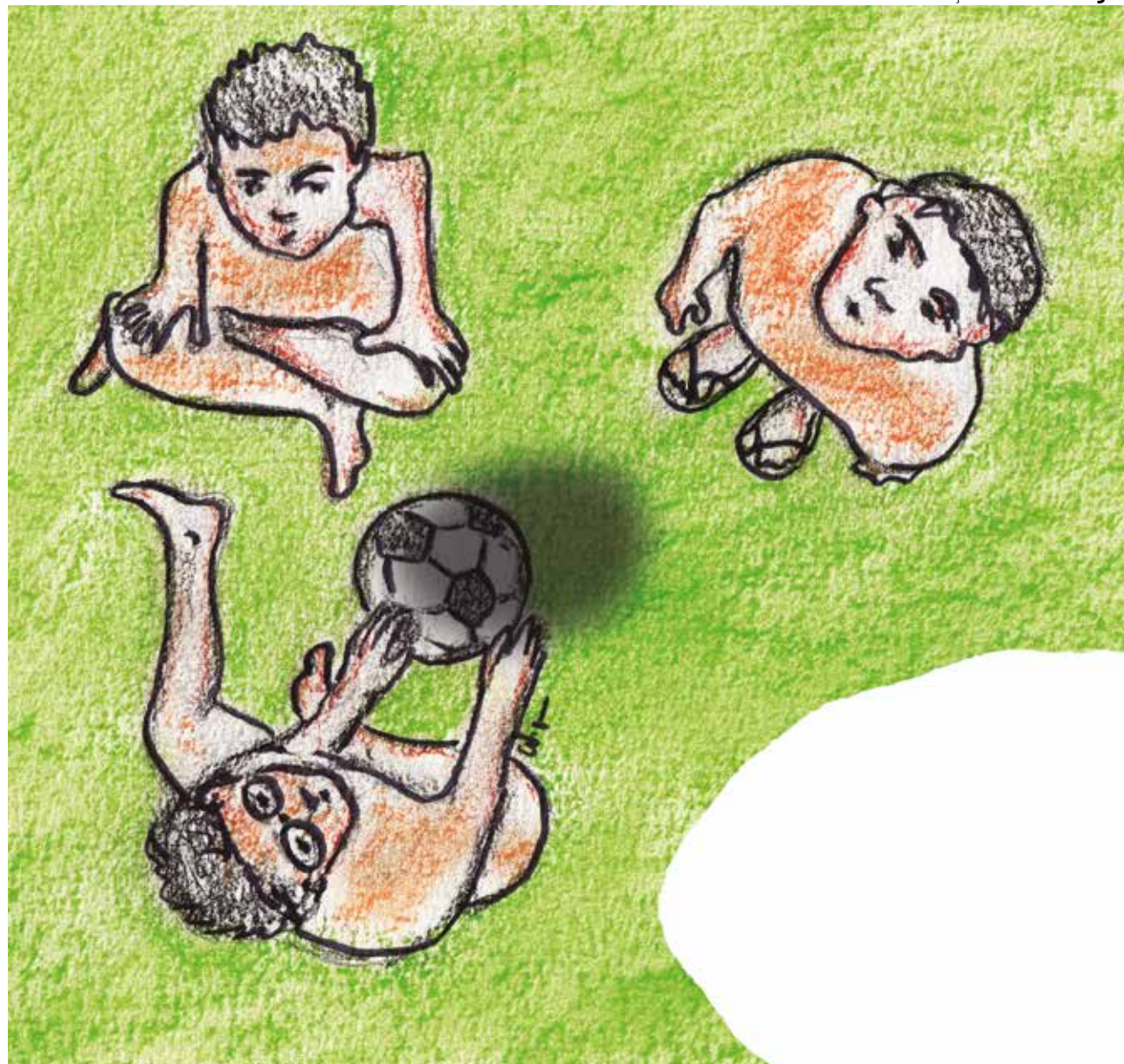
NOSSO INCRÍVEL HULK

 Ilustração: **Carolina Vigna**

Tínhamos medo dele. Um pavor percorria nossos corpos, olhares entrecruzados com chispas de curiosidade, o burburinho ao redor: nós, um bando de meninos magricelos (com exceção de um, a quem chamávamos por pura maldade de bagrinho pançudo; sim, éramos malvados, uns moleques desgraçadamente sem muita esperança num futuro diferente ao dos nossos pais, pessoas fracassadas, pobres, ignorantes, uma horda de adultos inúteis que só sabiam rezar e tomar cachaça, como se Deus e a ressaca resolvessem todos os problemas). Ele se debatia feito um peixe-boi agonizando na areia quente numa praia deserta. O corpo musculoso, torneado em trabalhos esporádicos e pesados, de contornos exagerados se comparados aos esqueletos de piás mal alimentados e com a sina de sermos tal nossos ancestrais. Mas a explicação era simples: ele, o monstro que tanto medo nos impunha, era mais velho alguns anos, apesar de se comportar como nós, brincava em meio à piazada impúbere, vivia correndo pelo matagal, caçando passarinho, um quase homem com mentalidade de criança. Às escondidas, nós o chamávamos de retardado. Mas carregávamos no lombo um permanente receio. Não sabíamos quando poderia nos atacar com sua cólera de besta desprezada.

A primeira vez foi um alvo-roço. Não sabíamos o que fazer até que G. — um velho fedorento e orelhudo, dono do bar que alimentava nossos pais com álcool e nós com chicletes de tutti frutti e hortelã — resolveu a situação. G. se parecia muito com o Gargamel — o vilão dos Smurfs. Mas era um bocado mais feio e, por fazer parte da nossa vida, um tanto mais assustador. Ele chegou com seu odor acre e maledicente e mandou todos se afastarem. Obedecemos com os olhos curiosos cravados no chão onde o redemoinho de músculos desenhava espantos na terra poeirenta. Da boca, escorriam fiapos de baba, as mãos se retorciam como se buscassem a salvação que nunca vinha. Uma espécie de naufrago a se afogar a milhares de quilômetros do mar.

Aos poucos, o círculo aumentou: crianças e adultos apareceram. Ninguém sabia muito bem o que fazer. Mas com uma inusitada sabedoria, G. apenas dizia *Abram espaço, deixem ele respirar*. Contrariados, obedecíamos. Afinal, nunca tínhamos visto nossa fera em estado tão bruto, tão selvagem, tão a ponto de nos destruir com uma mísera solapada. Antes, era só um quase



rapaz musculoso e meio abobalhado que nos intimidava e animava nas brincadeiras. Agora, de repente, transformava-se em algo maior, incompreensível, um ser para além da nossa vidinha medíocre entre o trabalho infantil e a escola de poucas perspectivas. Lá do fundo, meu primo, que antes de completar quarenta anos seria morto pela polícia, gritou *Parece o incrível Hulk*. Ecos de uma risada coletiva alastraram-se por entre crianças e adultos. A ignorância era uma espécie de proteção à nossa fragilidade.

Aos poucos, a fúria do corpo arrefeceu. Os movimentos se tornaram mais lentos. A geometria dos músculos voltou a relaxar. As mãos, antes engrouvinhadas, retorcidas tal um emaranhado de cipó-milome, forcejaram o corpo para cima. O dorso afastou-se da poeira. A face ganhou o horizonte. Havia medo e confusão em seus olhos. Ainda meio desnorreado, pôs-se de pé, diante da turba de ignorantes e zombeteiros. Naquele momento, senti pena daquele esfarrapado super-herói: o nosso incrível Hulk. Seu verdadeiro nome, desde então, nunca mais foi pronunciado e, aos poucos, caiu no esquecimento. Era simplesmente o Hulk, até

mesmo para G., aquele homem taciturno a exalar cheiros nauseabundos.

De tempos em tempos, a cena se repetia. Do nada, lá estava ele a debater-se no chão. Ficávamos à sua volta apenas olhando. Era sempre igual: o corpo em erupção, os músculos enrijecidos, o fio de baba e, ao final, a cara abobalhada de espanto. Ninguém mais dava muita atenção. Hulk se transformou em rotina, mas não deixava de nos impressionar com sua força desproporcional, seus acessos de ira, suas investidas contra nós em brincadeiras de corre-corre. Ele era uma espécie de amigo que temíamos, que preferíamos manter a certa distância, mas que nos divertia com suas peripécias de super-herói.

Então, veio a briga. O entrevero começou quando o bagrinho pançudo — cuja pança protuberante de vermes e os braços finos nos causavam certa repugnância — chutou a bola, talvez sem querer, no rosto de Hulk. Em geral, isso não seria motivo para grandes pelepas, pois éramos crianças acostumadas a levar porradas nas brigas na escola ou de nossos pais, cuja pedagogia doméstica se resumia a tapas, socos e safanões. A delicadeza jamais rondou a nossa infância. Mas a bolada na cara parece ter acionado algum mecanismo vingativo naquele menino-rapaz. Não sei dizer se ele era verde, pois meu daltonismo sempre ignorou quase todas as cores. Fazer-se de idiota era a melhor estratégia contra o escárnio dos demais. Só consigo lembrar da pedra voando — e isso é um verdadeiro fantasma que me acompanha há mais de quarenta anos: aquela maldita pedra flinando em busca de uma cabeça para estilhaçar. Quem a atirou? Contra quem? Fora o Hulk que a atirara? Ou um de nós? Houve a correria, isso está claro. Uma manada de crianças e um super-herói num bulício triste porque marcaria

o fim de uma história. De repente, a pedra voando, voando, voando. Não teve sangue, nem uma cabeça rachada. Os gritos não eram de desespero, mas uma algaravia quase ensaiada. Não tínhamos vergonha do ridículo. Mas a maldita pedra ficou congelada para sempre no vazio daquela tarde, mesmo depois que a confusão se transformou em sonoras risadas. Num pacto silencioso, sabíamos que algo havia se quebrado, que nossa convivência com Hulk não seria mais a mesma.

Ainda o vimos estrebuchar mais algumas vezes na poeira que nos cercava. Seguiu nos causando algum espanto e pena. Ao final, eu sentia um pesar imenso ao ver o Hulk ali no chão, tremendo, babando, talvez a implorar um socorro que nunca chegava. Uma criança transformada em monstro. Aos poucos, aparecia com menos frequência até desaparecer por completo, engolido por um emprego numa fábrica de móveis. Nós também tomamos cada um o rumo possível. O ocaso da infância é uma linha demarcada pelo fracasso. Já não tínhamos mais nenhum super-herói por perto, somente uma pedra a viajar solitária em direção a um paradeiro incerto. ●

